

A CAMINHO DO ABISMO

Antônio
Lima



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

ANTÔNIO LIMA

A Caminho do Abismo

ROMANCE HISTÓRICO

Com a descrição minuciosa do horroroso morticínio dos protestantes, em Paris, na noite de São Bartolomeu, em 24 de agosto de 1572

PRIMEIRA ÉPOCA



FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA

DEPARTAMENTO EDITORIAL Rua Souza Valente, 17 20941 — Rio-RJ — Brasil e
Av. L-2 Norte — Q. 603 — Conjunto F 70830 — Brasília-DF — Brasil

OBJETIVO DESTA OBRA

Ninguém ignora a especial tendência onipotente do público leitor para o gênero romântico, que, por isso mesmo, tem originado universalmente a aparição de notáveis escritores, seja pelo interesse mercantil, seja pela singular volúpia de debuxar na tela de sua imaginação, exteriorizando-as a seguir, as várias cenas do teatro da vida, bastas vezes cheias de imprevistos e de surpresas, agradáveis, ou trágicas, avaramente edificantes.

Insuflado por sua noergia, cada construtor de episódios porfia em dar ao entrecho de sua obra o cunho original da sua personalidade, adornando o livro com a flamância do estilo, o artifício do entrecho, a propriedade das metáforas, o aticismo da elocução, a excelsitude dos conceitos, o boleio das frases, a erudição das referências, o primor da dialética, a habilidade do desfecho, assim com esse apuro estabelecendo como que um desafio de competições, um concurso de merecimentos entre os apóstolos da mesma cruzada de campeões na defesa de um grande ideal, de que depende a elevação intelectual da sociedade, de par com a deleitação do espírito público.

Assim é que, copiando do drama ou da comédia humana o painel delineado, o autor da obra, quando esta não seja histórica ou descritiva, mas produto criado por sua imaginação, teve que amoldá-la até hoje às situações contingentes, mesológias em que se tem desdobrado a existência da humanidade, quase sempre pouco digna de bosquejos dignificadores, quer como arquétipo de obra de análise, quer como padrão de exemplo recomendável aos contemporâneos e aos pósteros.

Entretanto, a imensa maioria dos apreciadores dfisse importante gênero de arte, pelo qual a mulher tem particular predileção, encontra-se no seio da juventude de um e outro sexo, de quem se deveria tirar toda a vantagem para a educação das virtudes reformatrizes do coração, sem esquecer que as narrativas de fatos sociais podem e devem influir poderosamente na continuidade do aprendizado que a juventude obteve na escola elementar e de que o romance tem obrigação de constituir-se o mestre superior na disciplina da ética, o catedrático autorizado a requintar a harmonia dos pendores de vir-, tudes nobilitantes, porventura latentes no âmago da sub- oonsciência instintiva da alma infante, enriquecendo-lhe a inteligência, mas sobretudo enobrecendo-lhe o coração.

Nem a chamada esoola romântica, passional e sentimentalista, a começar de Vitor Hugo, Lamartine e Rousseau (para não sairmos deste século e de três países), desde Herculano, Camilo, Júlio Diniz e Pinheiro Chagas até José de Alencar, Macedo e Bernardo Guimarães; nem a psicologia do admirável Balzac na "Comédia Humana"⁹⁹ e seu discípulo Paulo Bourget em quase todas as suas criações até Júlia Lopes em "A Família Medeiros"⁹⁹, "A Falência"⁹⁹ e "A Viúva Simões"⁹⁹, Coelho Neto em "Miragem"⁹⁹, "Inverno em Flor"⁹⁹ e "A

*Tormenta*⁹⁹, Raul Pompeia em "O Ateneu"⁹⁹ e Aluizio Azevedo em "Casa de Pensão", "O Cortiço"⁹⁹ e o "Livro de Uma Sogra"⁹⁹; nem a despejada escola realista, desde Flaubert em "Mme. Bovary"⁹⁹, Emílio Zola na série dos "Rougon- -Macquart"⁹⁹, Adolfo Bettot em "La Femme au Feu"⁹⁹, Teófilo Gauthier em "Mlle. Montpain"⁹⁹, Vitor Margueritte em "La Garçonne"⁹⁹, Paulo de Koch em "O Homem dos Três Calções"⁹⁹, "Namorado Calouro"⁹⁹ e outros seus livros pornográficos, Eça de Queirós em "O Primo - Bastião", "Os Maias"⁹⁹ e "O Crime do Padre Amaro"⁹⁹, Fialho de Almeida em "A Ruiva"⁹⁹, Júlio Ribeiro em "A Carne"⁹⁹ até Benjamim Costallat em "Mlle. Cinema"⁹⁹ e "Katucha"⁹⁹; nem a pureza integral de estilo, temperado com o sal ático para enlevo dos estetas, desde Garrei, Castilho, Anatole France, Afonso Daudet e os irmãos Goncourt até Machado de Assis, insuperável mestre, Rui Barbosa, Afonso Arinos e Euclides da Cunha, nenhuma dessas variantes da fantasia criadora, enroupadas em clâmides de púrpura e ouro, logrou infundir qualquer terror pânico às almas desprccavidas oontra o resvaladouro em que se vem o mundo despenhando no bátrio do crime e da libertinagem.

Para a egrégia função de pioneiro do romantismo redentor ainda não se viu surgir nas quebradas das tortuosas montanhas do vício ambiente a leva de escoteiros aprestados para a romagem desbravadora por caminhos inçados de balsas e semeados de mau joio, onde esses arautos da regeneração moral terão de lançar a semente vitriz, que há-de produzir na boa terra um cento para cada grão, como na parábola.

Esse é o verdadeiro, o único "futurismo" da arte, e não o que energúmenos inquietos, bonzos sem programa, nem tendo a visão evangelizadora do momento, regougam soprando em tubas de latão, empunhando como vexilários uma flâmula sórdida e mais sandia e discutível nos seus fundamentos e finalidades, como obra de transição melhoradora, do que aquela que os fastos da história da literatura romântica nos oferecem no seu arquivo bibliográfico.

Verifica-se, entretanto, com mágoa que a literatura espírito-romântica se há ressentido em nosso país e alhures de uma penúria sem precedentes, devida incon- testavelmente à míngua de escritores que se abalançassem a voltar as vistas para esse ramo de arte educadora, pois até agora o romance, desde o seu incunábulo em narrativas romanas — de onde lhe veio o nome — não se libertou da diuturna feição material, em que vem sendo moldado, para gáudio dos amadores do escândalo, das tramóias degradantes, e das emoções violentas, como acima se deixou entender, tudo ao serviço de interesses mercenários, que não ao de levantar o caráter e conduzir a Humanidade a uma vida superior, espiritual, emancipada dos vícios, crimes, adultérios e outras paixões subalternas.

Em nosso idioma apenas se conhecem alguns ditados de mérito sofrível, que orçam em pouco mais de meia dúzia de livros, sendo, todavia, disputadas os obras desse gênero, inclusive as traduções, pelas pessoas que amam os imprevistos urdidos com habilidade e de mtãde a abalar-lhes a sensibilidade, embora agravando-lhes a hipe• resiesia.

A obra que aqui se reomenda, conquanto ataviada com as louçainhas da fantasia irisante, para emprestar- -lhe o brilho da composição no seu delineamento histórico, è o relato de umà tragédia colhida ao acaso entre as muitas de que o mundo está cheio, mas que oferece margem a copiosos ensinamentos no quadro das responsabilidades do homem pelos desvios à Lei suprema de Justiça.

A primeira parte — "A Caminho do Abismo" — é o esbarrondar do ser mergulhado na escuriza das trevas horrentes da maldade e da cupidez. A segunda — "Senda de Espinhos"⁹⁹, é a reenoamação da alma irreverente, ainda leprosa, porém mais experimentada, arrastando a própria miséria na lama das paixões. A terceira — "Estrada de Damasco" — é o despertar da consciência, já edificada na anagogia do ideal cristão, trazendo em estado latente o propósito de seguir as pegadas de Saulo, pros- temando-se, como ele, de joelhos ante o Cristo, no intuito de remir-se das impurezas restantes.

Seja Jesus o inspirador deste trabalho, que é o de confirmar o dogma das vidas sucessivas, e o autor terá um motivo a mais para louvar a misericórdia do Pai, com poder reclinar em Seu refrigerante seio a fronte calcinada ao calor febril da adáíamia moral em que ainda se contorce.

Friburgo, Janeiro de 1933.

I O BAILE DA EMBAIXADA

o século XVI ficou assinalado em França pelas guerras religiosas, agitadas em 1562 com a Reforma luterana, e que, culminando pela trucidação dos protestantes na noite de São Bartolomeu, foi o cenário de mais duas formidáveis guerras civis.

Carlos IX, Duque de Orleães, filho de Francisco I, por morte de seu irmão Francisco II, que apenas reinara um ano, assumia em 60 o trono da França aos 10 anos de idade sob a tutela de sua mãe Catarina de Médicis, iniciando assim o infante um governo que havia de ficar maculado com a mais sangrenta página da história francesa.

Na Inglaterra a esse tempo ocupava o trono a ciosa rainha Isabel de Bolein, que, mau grado o seu apoio ao protestantismo, recebia as homenagens do governo da França católica na pessoa dos seus mais conspícuos representantes.

Em Agosto de 1569 o embaixador da Inglaterra, para solenizar o aniversário da sua soberana, ofereceu um grande baile nos vastos salões da Embaixada, situada nos Campos Elíseos, dignando-se comparecer ao faustoso sarau as figuras mais proeminentes da Corte e do escol social.

No meio da elegância fidalga, da opulência principesca e da bizarra aristocracia, à luz dos candelabros dourados e dos esplendores da ornamentação, fascinados pelos acordes mágicos da música e pelos aromas derramados pelas salas, viam-se o jovem rei, sua mãe, seu irmão, — Duque d'Anjou, sua irmã Margarida de Valois e sua cunhada Maria Stuart, viúva de Francisco II.

Cruzavam-se nos salões os riquíssimos vestidos longos, roçagantes e afogados, de veludo e seda multicores de Margarida de França, esposa do Duque de Sabóia, de Joana d'Albert¹, rainha de Navarra e da Duquesa de Nemours, viúva do Duque de Guise, com os vistosos dolmans cintados, as reluzentes fardas, os calções de seda, os boldriés, donde pendiam espadins com punhos de escudo, e os alamares dos fidalgos, dos militares e dos embaixadores de outras nações, trazendo grandes golgas afogadas e fofos escondendo o pescoço.

Impunha-se naquele meio a figura senhoril do almirante Gaspar de Coligny, chefe dos protestantes, general admirado pelos seus correligionários, além de ser notada a augusta presença de Filipe II, rei de Castela, grande amigo da França.

Espalhados pelos salões, formando grupos, comentando fatos políticos, discutindo as guerras de Jarnac, Moncontour e Montgomery, que se travavam nessa época, ou tratando de coisas de arte, faziam ato de presença o futuro célebre poeta Malherbe, que andava pelos 11 anos de idade, o irrequieto Bernardo Palissy, vitorioso descobridor do esmalte, Germano Pilon, hábil escultor a quem se atribui o famoso grupo das Três Graças, Olivier de Serres, notável agrônomo, que introduziu em França a cultura da amoreira, Gaspar de Schomberg, homem de Estado, e seu irmão Jorge, favorito de Henrique II, Ambrósio Paré, médico da família dos Médicis, humilde facultativo, que dizia de cada enfermo restabelecido: "Eu tratei-o, Deus o curou", Pedro Ronsard, poeta, amigo íntimo do monarca, e, no intervalo de duas janelas, ao colo da sua aia, um menino de 5 anos, de nome William, que mais tarde havia de fulgurar na história literária da Inglaterra como astro de primeira grandeza: Era William Shakspeare.

Insulados num dos ângulos do salão e sentados em divãs de veludo carmezim, viam-se em grupo uma linda moça e um respeitável cavalheiro de meia idade, de airoso e belo aspecto, de cabelos alourados, entretendo-se em palestra íntima. Era Roberto Dudley, Conde de Leicester, cavalheiro que fora de Eduardo IV, rei de Inglaterra, e sua filha Matilde, Condessa de Leicester, jovem parisiense de 18 anos, formosíssima e donairoza, deslumbrante de encantos, tendo, face a face, recostado numa poltrona, o Duque de Parma, por nome Alexandre de Farnese, Grande-Capitão do exército, natural de Itália.

¹ (1) Conta a História que esta rainha foi envenenada pelas luvas.

O Duque, que contava 24 anos de idade, ostentava o seu uniforme de grande gala e punha toda a doçura nas suas palavras, desfazendo-se em galanteios à divina criatura, que o ouvia com tal ou qual constrangimento, parecendo-lhe a ela que lhe surgia uma tábua salvadora na pessoa de Margarida de Valois, que passava de braço com o augusto detentor do trono francês.

A irmã do rei, jovem de 17 anos, aproximou-se de Matilde sua amiga de folgedos infantis, e depôs-lhe na alvíssima fronte um delicado e temo ósculo.

A contingência do momento e a etiqueta social forçaram a recém-vinda a apresentar o irmão à sua afeiçada amiga. O rei teve um estremecimento de admiração e não pôde sopitar o seu entusiasmo, respondendo ousadamente aos protestos da honra com que Matilde se acusava por merecer o aperto de sua régia e trêmula mão:

— V. Exa. não se deve honrar por sentir o contacto das minhas mãos. Sou eu que devo beijar as de V. Exa., por trazer-me aos lábios o dulçor do instante em que tive a graça de ver a mais linda obra da criação.

Matilde enrubescera subitamente, quando o rei, esquecendo os escrúpulos da situação, as personagens presentes e o ardor do seu peito juvenil, tomou-lhe a mão, mais trêmula do que as dele, e aconchegou-a aos lábios sôfregos. Sem dar tréguas para ouvir reproches, rogou-lhe a honra de tê-la como dama nos volteios de uma das danças, e, sem esperar resposta, como a orquestra atacasse os primeiros acordes de uma volta (1), Carlos IX cingiu a venusta sílfide e arrastou-a consigo em torvelinho, deixando aturdidas as demais pessoas do grupo, especialmente o Duque de Parma, que, desde os primeiros instantes da régia e, para ele, importuna visita, ficara ensandecido e acabara petrificado.

Os rumores dos passos deslizantes dos dançarinos, o mavioso som dos instrumentos orquestrais, o perfume sufocante da respiração, o delirante enlevo a que o contacto dos corpos 'conduz as criaturas na flor da juventude, foram desnecessários a excitar o espírito do atrevido cavalheiro, que apertava nos braços o gentil busto da Condessa de Leicester.

Sentindo o arfar de seu colo escultural, aspirando o hálito quente e odorífero da sua rubescente boca, o filho de Catarina segredava palavras inspiradas no livro do eterno ritomelo dos galanteios, na sua primeira parte, que a segunda já vai ascendendo às harmonias do amor, aos hinos voluptuosos da paixão, senão por vezes nos desvairados cânticos da loucura.

— Condessa, balbuciou ele com voz melíflua, quão ditoso seria eu se nunca mais tivessem fim as melodias desta música.

— Pois para que, Alteza, de vez que outras músicas, creio eu, serão repetidas? respondeu ela, fingindo-se desentendida da galante locução.

— Ah, a felicidade não se repete. Quando a temos na mão, prendemo-la para que não nos escape mais. E é tão difícil achá-la de novo...

— A felicidade é ser rei, ter todas as homenagens do mundo, ver toda a gente reverenciada a seus pés, poder mandar e saber-se obedecido.

— Mas, tendo como rainha... oh, V. Exa. se ilude. Eu queria falar, e tenho medo de magoá-la. Queria responder-lhe, e assusta-me a ideia de que V. Exa. me enganou ao dizer-me que eu seria obedecido.

— Pois que quereria Vossa Alteza para ser obedeci) Dança, que fêz furor no reinado de Carlos IX, e na qual Margarida de Valois era Inexcedível — di-lo a História.

— eido? inquiriu a Condessa, que começava a sentir a vista toldar-se-lhe e o coração palpitar com veemência.

— Queria... queria que V. Exa. fôsse a mais digna dentre as que me reverenciam.

— Sê-lo-ei, Majestade, impele-me esse dever!

— Ditado por qual sentimento?

— O da submissão, de certo, ou outro equivalente.

— Não basta. Eu serei egoísta, Condessa, sê-lo-ei, convenho; mas; ao sair daqui, eu levaria o coração dilacerado, se soubesse que V. Exa. apenas me contemplaria como qualquer das damas que me rendem vassalagem.

— Não sei como possa contribuir para que V. Majestade mantenha a alegria que receia perder.

— Dizendo-me que nunca mais olvidará estes rápidos minutos, em que detive em meus braços o seu formosíssimo busto; em que senti o arfar do seu coração; em que sonhei esta loucura: ficar eu lá dentro, bem no imo desse vaso de sangue, uma a que eu seria capaz de lançar também o meu próprio sangue, as minhas lágrimas, os ardores da minha mocidade, as esperanças da minha vida inteira.

Findara a volta.

1

Matilde agradeceu à Providência esse hiato, que se lhe oferecia, permitindo-lhe salvá-la da timidez e do susto a que a sua situação a lançava, como a um abismo hiante.

O rei sabia modular as palavras em amavios estonteantes e lograra impressioná-la; havia, porém, uma muralha levantada entre ele e o Duque de Parma. Seu pai, conquanto ela não simpatizasse com Alexandre de Far-nese, forcejava-lhe o coração a palpitar por um afeto que lá não encontrava guarida.

Quando os instrumentos da orquestra silenciaram, Carlos IX experimentou a sua primeira contrariedade. A graciosa dama ia escapar-se-lhe, e ele não alvitrou de pronto o remédio para continuar em seu ditoso colóquio. Todavia, sempre temerário, continuou a detê-la de braço e teve o ousio de convidá-la a sentar-se a seu lado por mais alguns instantes. A dama não podia esquivar-se à solicitação, sob pena de incidir em grave e incivil irreverência.

Sentaram-se e entreolharam-se, ficando ela assustada, como se alguma tempestade ameaçasse fulminá-la.

Ainda desta vez foi o joyem monarca quem rompeu o silêncio desarrazoado.

— Perdoe-me, Alteza, se acaso a venho enfadando.

— Não, Majestade, nem sei que possa surgir enfado entre nós.

— Então é certo que a minha presença não lhe traz dissabor?

— Como seria isso admissível?

— Oh, como é generosa, quanto lhe abençoo os lábios, que tantas esperanças me deixam entrever.

A Condessa teve um calefrio a percorrer-lhe a espinha dorsal, e sentiu um rubor candente aquecer-lhe as faces.

Nesse momento aproximavam-se o pai e o Duque, o cioso galã, aziumado pela indiferença da sua escolhida, mais do que pela atrevida detenção a que a sujeitava o monarca.

A um sorriso de Matilde detiveram-se os dois homens, que traziam o semblante enrugado como que adivinhando prenúncios de iminente borrasca.

Sempre imaginoso e imperturbável, o rei ergueu-se e proferiu esta espirituosa confissão:

— Devo aguardar a vossa condenação, Sr. Conde, por haver sequestrado a vossa interessante filha, a quem venho castigando com a minha bárbara escravização.

Matilde receou contestar a delicada alusão, confiando a deixa a seu pai.

— Vossa Alteza é injusto consigo mesmo; quem eu devera punir seria a minha filha, que vos rouba momentos preciosos. Os vossos súditos nem se podem avizinhar de V. Majestade, porque, como o inimigo em combate, temem tomar o cerco.

— Realmente; porém seriam todos trucidados diante do anjo defensor, que haveria de desfraldar sobre a minha cabeça o pendão de misericórdia.

O Duque franziu os supercílios e sentiu às cuas queimando-lhe as entranhas e ameaçando-o de um incêndio nos penetrais da alma, já agora mais que atribulada. O pai de Matilde também teve um extremeção de pavor, e passou pelos olhos o lenço para ocultar o brilho odioso que se lhe filtrava do olhar.

Seria possível que Carlos IX não soubesse respeitar a dignidade de sua filha, fazendo-lhe uma corte que não poderia ser inspirada na honestidade, visto como o rei de certo não visava dar-lhe um lugar à sua direita no trono de França? Era naturalmente uma aventura galante e inócua, uma infantilidade própria de quem ainda não sabia medir a extensão dos acontecimentos, nem prever-lhe as consequências.

Este pensamento asserenou-lhe o ânimo, mas o de Alexandre ficara agitado por ideias tórbidas e confusas, que ele não pôde conciliar.

A princípio pensou em pedir uma satisfação sobre a petulância do rei, que se anunciava vitorioso com o pendão do anjo defensor. Seria ela voluntária nessa defesa de um homem que lhe deveria ser indiferente meia hora antes? Porque, após as vertigens de uma dança, o monarca se julgava com direito a merecer o sacrifício de uma dedicação, a que somente faz jus quem já abriu de par em par o coração para todos os sacrifícios possíveis? Divagações de cérebro doentio certamente eram as suas, refletiu ele próprio, fazendo-se justiça. O rei era pouco mais que um menino — contava 19 anos apenas — e neste conflito de pensamentos a sua conclusão veio harmonizar-se com a de seu futuro sogro, deixando-o em relativa calma.

Mas o monarca era arrojado e tinha algo de amor- -próprio embuçado em pravidade atávica.

Francisco I, seu pai, mau grado haver favorecido até meado do século os poetas e artistas, por secundar o movimento literário da Renascença, a ponto de merecer o título de *Pai da Renascença*, fôra um monarca de loucas liberalidades, cometendo os maiores despotismos e endossando negócios venais. Pelo lado materno, sua mãe também não primava pela nobreza de sentimentos, pois Catarina de Médicis ficou assinalada na história como mulher falsa e astuciosa até à principal colaboração no morticínio dos huguenotes.

Assim se explica que o mancebo coroadado se supunha com direito a dizer e fazer com obduração o que bem lhe aprouvesse, sem esperar que alguém tivesse a audácia de tomar-lhe contas dos atos. Quando exprimia nas palavras a gentileza, fazia-o por mero formalismo convencional, para seguir os preceitos platônicos da pragmática social e do ambiente da Corte. Foi dessarte que ele acrescentou, dirigindo-se a Matilde:

— Não é verdade que V. Exa. seria capaz de defender o meu sangue?

A Condessa estremeceu diante da inquirição intempestiva, feita ao demais na presença de seu pai e de seu afeiçoado pretensor. Tremendo, sem saber como des- vencilhar-se do nó górdio que lhe estrangulava a garganta, arriscou-se a objetar superficialmente:

— Nós, as mulheres, somos capazes de todos os sacrifícios e dedicações.

-- Muito bem respondido, confirmou o pai, que confiava na argúcia e inteligência da interpelada e sabia que ela não se atraioaria com dúbia resposta.

— Terei o feliz ensejo de verificar um dia se a mais formosa dama com quem deparei em minha existência, embora novel, será capaz de alguma dedicação por mim, e se eu lhe valerei sacrifícios... mas sacrifícios de coração virgem.

Até aí falava a sinceridade, pois o rei ignorava as ligações da Condessa com o Duque de Parma, que, por sinal, nesse instante, golpeado pelo ciúme e sentindo como que um sinapismo a queimar-lhe a chaga aberta do coração, soltou um rugido de leão baleado e exclamou com a fronte erguida num desabafo de cólera irreprimível:

— Saiba V. Majestade que Matilde só envidará sacrifícios em minha defesa, porque há um pacto de amor entre nós dois.

A Condessa empalideceu, mas o monarca sorriu des- piciente, como diante de um desafio. Era o sangue hereditário que lhe afluía às têmporas e ameaçava rebentar em golfos, se não fôra a intervenção pacificadora do Conde nesse crítico instante.

— Quem sois vós, que tendes a audácia de falar-me com semelhante altivez? inquiriu o rei.

— Sou Alexandre de Faraese, Duque de Parma, capitão ao serviço de Filipe II, Governador dos

Países Baixos.

Explica-se a temeridade deste Duque em dirigir-se com tamanha ousadia ao rei, por ser homem belicoso em extremo, volúvel espadachim, que vivia a provocar duelos nas ruas de Madrid, desafiando incautos transeuntes nessa época.

O Conde interveio com a seguinte justificação:

— Releve V. Majestade a réplica de meu futuro genro . E' a alma apaixonada de um miliciano, que se pronuncia, sem deixar que o cérebro funcione e a razão intervenha.

— Seja assim como quer a piedade filial de V. Exa.; mas a paixão não distingue caminhos por onde deixe o seu rastilho, venenoso, ou o seu filtro salvador. O amor, Sr. Conde, segundo já li, não sei se em Ariosto, poeta anterior à Renascença, e que se banhou nas águas lustrais, ou no lamaçal do amor; li que o amor, ou a paixão,, como queira, é por vezes um rouxinol cantante, desferindo o seu voo irregular pela amplidão e pousando na haste imbele de um pé de bonina, quando não é, na sua caprichosa explosão, um corvo, negro como a noite sem lua, a crocitar nas alturas, e vindo repastar-se, voraz, e fero, sobre a alvura de aguma carne moça, que ainda se não rendera à decomposição orgânica.

Os dois homens ouviam silenciosos e atormentados a disceptação do inspirado mancebo, como se escutassem a pronúncia de uma sentença, em que ambos fôssem réus de alta traição. Somente Matilde sentia mais violentas as palpitações do coração, como se ele fôra a haste de bonina onde houvesse repousado o rouxinol da imagem poética, ou, quem sabe? o cadáver sobre que corvejava a ave carnívora.

Ela nunca amara. Carlos IX era um mancebo de rara distinção e fidalgas maneiras. Falava com eloquência e paixão. A sua voz tinha amavios embaladores. Demais, e sobretudo, porque o amor è ainda, infelizmente, uma atração dos sentidos materiais, um vassalo das emoções físicas, o jovem monarca possuía dotes plásticos capazes de dominar a mais insensível criatura. A feminilidade das feições do seu rosto glabro realçava-lhe a beleza da fronte. A perfeição do nariz grego, o brilhantismo dos olhos zarcos, a disposição dos lábios, a escultura da cabeça, o anelado dos cabelos castanhos, a elegância do porte e a delicadeza do seu conjunto equilibrado, a regularidade da estatura e a mediania de seu esbelto físico eram-lhe dotes nativos e sedutores.

Do Duque de Parma já se não podia dizer outro tanto. -Era mais alto que baixo, e as suas feições irregulares impressionavam desagradavelmente, a começar do nariz acavaletado e da cútis vermelhaça, como a de um bom inglês. De aspecto iracundo e um tanto estrábico, tinha, todavia, educação finíssima e rara instrução. Falava várias línguas e dispunha de conhecimentos científicos, com cuja bagagem granjeava simpatias quando se dispunha a discretear sobre qualquer assunto, fôsse ele social, político, ou artístico. Fazia parte do Cenáculo das letras, sendo extremado elemento da Renascença.

Era, pois, com essas credenciais que ele disputava o coração da linda Condessa.

De Matilde já dissemos respeito à sua formosura. Não confundir formosura com beleza. A mulher pode ser bela sem ser formosa, e vice-versa. A plástica é que dá a forma; daí o derivado formosura, em que entra o contorno do corpo, a opulência dos seios e a delgadeza da cintura. O traço do rosto oval, o vínculo facial, o brilho dos olhos — espelho miraculoso da alma — a suavidade da voz, a expressão do sorriso, a alvura da epiderme, tudo isto e mais um infinito de impressões objetivas formam o florão de beleza do anjo deslumbrante, que nos acolhe sob as asas macias, ou do demônio que nos agui-lhoa com as garras aduncas e crispadas.

Matilde reunia pomposamente todas as galas da formosura e todos os condões da beleza. Era uma, triunfadora onde quer que a sua imagem viesse dar sinal da sua graça, e deitava por terra as pretensões de majestade às demais damas com quem defrontasse.

Entretanto, as regiões do amor, essas ainda lhe estavam defesas. Viu o monarca e sentiu desde logo invadir-lhe a alma o aguilhão percutente de um abalo, que lhe deixou uma labareda ignota a

requeimar-lhe as entranhas.

Quando o rei lhe suspirava frases adocicadas, acendia-lhe as faúlhas que lá estavam em ebulição e não encontravam a gelidez do frio, nem a humidade mesma das lágrimas para amortecê-las.

Ah!, bem que ela chegou a comover-se e a sentir apertos de coração, que se desfariam em pranto, se lhes não refreasse os embates violentos.

Quando o rei terminou a sua parlenda, que Matilde escutara como se fôra um hino tangido por harpas celestiais, houve um movimento de separação entre os homens, e foi somente então que ela, como que acordando de um sonho por esferas estranhas, soltou um suspiro desopressor e deixou-se maquinalmente conduzir pelo braço do Duque, que se afastara depois de cortejar o rei, ao mesmo tempo que ela, insensivelmente também, lhe apertava a mão nervosa, sentindo a pressão forte com que ele firmava, como que num tácito convênio, a segurança do seu singular afeto, a certeza de que aquela separação era efêmera. A Condessa partia em pessoa, mas a sua imagem lhe ficava na retina, e a sua alma, essa ele a conservaria unida à sua, como um par de pombos que arrulham e avoejam unidos, solidários, inseparáveis nas tormentas bravias e nos dias de sol luminoso.

O Conde ainda se deteve uns poucos de minutos a desfazer o ambiente hostil, que o Duque gerara, tal um corsel que, no seu desenfreado galope, levanta o pó das estradas, anuviando o espaço. Apertou com respeitosa curvatura de cabeça a mão de Carlos IX e estugou os passos, indo ao encontro dos dois namorados.

Sentados num sofá, dir-se-ia que os jovens iam iniciar uma contenda de recriminações, quando chegou o Conde. A filha apressou-se a dizer-lhe que desejava recolher-se a casa, pois estava fatigada e sentia a sua estesia agitada por uma desinteligência imprudente.

O Duque compreendeu a afronta e ficou despeitado e pensativo. Seria possível que se tivesse levantado uma barreira em seu caminho? Ele bem via que o monarca era uma figura insinuante e impressionável aos outros, bem capaz de produzir vertigens e de vencer as mais rebeldes resistências. Confiar na eleita do seu coração seria fragilidade da sua consciência, desde que, por um lado, sabia ver-se ao espelho para o confronto, e, de outro lado, era visível a indiferença com que Matilde recebeu os desabafos do seu amor.

Deliberou nada dizer no momento, deixando ao Conde a solução da retirada logo em começo da festa. Venceu a voz feminina, porque momentos depois a Condessa buscava no vestiário a restituição da sua capa de veludo, os dois homens retiravam os seus casacões de lã e todos tomavam a carruagem que, com os lacaios, já os esperava à porta do palácio da Embaixada.

Durante o pequeno percurso até às portas de Vincennes, onde se achava instalado o palácio do Conde, só palestraram vagamente os dois homens, como que respeitando algum segredo temeroso de ser descoberto, possivelmente aguardando o sono da noite para que fôsse espancado, como a algum ardiloso demônio que nos vein atormentar e destruir os castelos erguidos com engenho e sacrifício.

Ao recolher-se a casa, Matilde apertou friamente a mão do Duque, que lhe segredou simplesmente estas palavras enigmáticas:

— Estimarei que a minha leal amiguinha durma o sono do arrependimento e afugente as nuvens negras das aspirações mendazes.

— Essas, Deus há-de permitir que eu tenha alento para afastá-las, respondeu ironicamente a atribulada jovem, referindo-se às aspirações do Duque.

E, entrando na perfumada alcova, ninho alcatifado de arminhos e rosas, jogou-se sobre o leito, vestida como estava, e desatou em silencioso e amargo pranto até ao dealbar da manhã seguinte.

O Duque passara também a noite em vigília, fumando charutos, que acendia sucessivamente, passeando pelo parque do seu palacete, a contemplar as estrelas, suspirando por ver se alguma lhe anunciava o ramo de oliveira da paz bíblica, ou indagando se o dilúvio havia de tragá-lo na sua voragem.

Se havia de tragar...

Durante a noite efervesceram os ânimos nos salões da Embaixada.

As contradanças várias, — sarabandas, pavanas, correntes, gavotas, minuets, voltas, tricottets, sucediam-se sem interrupção,, deixando os convivas encantados com a magnificência e esplendor reinantes.

Carlos IX, porém, não foi mais visível a ninguém, pois, logo à saída da sua formosa dama, compreendendo que algo se dera na família e o provável e duplo conflito que se ia travar — um entre os dois namorados, outro — o mais cobiçado por ele — o resultante da sua intromissão nos domínios daquela alma inocente —, retirou-se ao palácio, sem explicações, que os da sua prole lhe pediam.

— É um capricho teu, meu filho, ou é algum mistério? perguntou-lhe aflita Catarina de Médicis.

— Podeis reunir, ó mãe, as duas hipóteses e todas as demais que a vossa mente suscitar, e ainda assim há-de ficar um vácuo em meu coração.

E, chegando a palácio, dispôs a escrever uma longa série de conceitos, que, a continuar a torrente, daria para encher um livro, pois — di-lo a História — Carlos IX foi um talento precoce, uma inteligência privilegiada.

II O AMOR GERA A FILOSOFIA

Pensam alguns energúmenos que o sangue azul estabelece um como cordão de isolamento entre os privilegiados de casta e a burguesia anônima; que a nobreza do sangue é como a água estagnada em lago invadido pelas algas.

Puro engano, ilusão falaz.

O coração humano foi argamassado em um mesmo tonel, com argila e hidrogênio, ou, como entende a hermenêutica cristã, de trigo e vinho — o corpo e o sangue do Cristo — isto é o que a experiência têm provado, heráldica e burguêsmente falando.

Dois dias depois do sarau, no arcaçouço do rei o coração requebrava os suores da aflição, como na caixa torácica do burguês o órgão sensório transuda lágrimas.

Enquanto se operava essa transfusão, a de sangue em lágrimas ocultas, vejamos a que ponto chega o ridículo da poesia dos enamorados, quando a avezinha cobiçada pelo caçador malévolo anda vagamundeando pelas quebradas das serras, pelas extensões oceânicas, ou dirigindo-se às malhas traiçoeiras do diletante venatório.

Em cursivo arrumado com a regularidade de um regimento em forma, escreveu o filho de Catarina de Médicis:

"Que é isto que me anda a rondar a víscera da vida? Que abantesma é esta inaudível, impalpável, que não posso ver, que) não logro cheirar, que não consigo saborear?"

Bacoreja-me que deve ser o amor. Há-de ser esse canalha, que me apanhou distraído e desarmado. Verdade é que eu comecei a viver há pouco tempo para as arremetidas desse demônio, que tem levado à desgraça e à penúria muita gente, quando não a conduz ao cadafalso, ou ao suicídio."

No dia seguinte acrescentava:

"Eu devia prever isto mesmo, eu tinha, obrigação de adivinhar que aqueles lindos olhos haviam de cegar- -me, que aquela voz dulçorosa tinha que emudecer-me, que aquele sorriso devia fatalmente entristecer-me e que toda ela, no seu complexo maravilhoso, me levaria ao desvario em que a minha razão se vê obliterada. Não há, pois, remédio senão amá-la. Vai rebentar a fonte das minhas lágrimas."

No terceiro dia aditava:

"Se ela fôsse indigna do meu afeto, eu seria um covarde, mas não; ela aqui está sentada a meu lado ostentando a imponência da sua beleza helénica, e fala- -me titubeante, ruborizada pela pudicícia virginal de seu coração.

"E esta? Agora, lembra-me que o Duque me disse que há um pacto de amor entre ambos.

Histórias, alicantinas para meter-me medo, como se diz do papão às crianças ingênuas. Demais, todo contrato tem cláusula exceptiva para as violações das normas dispositivas.

"O mais difícil de excogitar será a forma de poder encontrar-me com a Condessa, ou, ao menos, de escrever-lhe. Eu precisava dizer-lhe o que não cabe numa resma de papel, e, se lhe viesse a falar, teria matéria para o ano inteiro, que digo eu? para toda a vida, e havia de morrer sem ter tempo de dizer-lhe nada." Considerações apostas no quarto dia, em que o rei amanheceu de bom humor:

"E* óbvio que me não assustam dificuldades, nem temores, e isto já é todo o material de que me vou premunir para a tremenda refrega. Refrega sim, Sr. Duque, pois você cuidava que lhe era bastante viver em Paris, tomar-me dos braços a bonita parisiense e atravessar a Mancha ou o Atlântico com a preciosa veniaga para uma viagem de núpcias? Vou mandar a guarda da aduana vedar a saída do contrabando em todo o território francês.

"Não convém brincar com fogo. Eu estou a rir-me, porque me anda uma abelha a esvoaçar-me nalma, mordendo-me, picando-me e, ingrata, não me deixa nem um favo de mel por conta de maior quantia.

"Patifa, que me pregou, agora, uma ferroada a valer! Se a brincadeira continua, vou ingerir vitríolo para exterminar a intrusa."

Tendo terminado de bosquejar estas jocosidades, o rei tomou ao acaso um lenço para enxugar o suor, que lhe humedecia a fronte. Sucede que p lenço ele o havia furtado sorrateiramente à bolsa da Condessa. Ao aspirar o perfume de heliotrópio, reviveu em sua imaginação o momento da deliciosa aventura, e ficou imoto, de olhos fixos no lenço, que beijou com transporte, deixando o corpo resvalar sobre o leito, como ave ferida por caçador adestrado.

E murmurou trememente, a contemplar o lenço, como se receasse uma traição do mimoso pedaço de cetim lavrado em rendas valencianas.

"Perdão, meu querido mensageiro da esperança, tu pensaste, e eu também, que me poderia aturdir com as frivolidades que andei a escrever. Enganei-me. Tu me trazes a impressão da sua presença. Tens o seu perfume a transportar-me em pensamento até ela. Tu me arrebataste! Bendito sejas!

"Talvez fôsse em ti que ela enxugasse as lágrimas», se quisesse chorar por mim.

E muna convulsão inesperada, pôs-se de novo a beijar o lenço, amarfanhando-o e desdobrando-o, até que, exausto, se deixou revolver impaciente no leito, de onde uma hora depois se ergueu como muna alucinação, exclamando:

— Não, não é possível viver sem vê-la! Preciso, quero e posso encontrá-la! Hei-de falar-lhe, desejo dizer-lhe que a vida me será um Calvário sem o sopro de ar que ela respira, sem a luz que a alumia, sem o veio água que ela bebe. Que todos os meus vassalos se reúnam como um regimento para descobrir o arbusto, em que aquela ave construiu o seu ninho.

E nervosamente vibrou com desesperada veemência o cordel da campainha, que dava para o aposento de seu camareiro.

Em dois segundos aparecia o fiel instrumento das suas vontades.

— Ordeno-te que me descubras com urgência onde reside o Conde de Leicester. Além disso faz-se mister que saibas da sua vida particular, isto é, onde e como poderei encontrar a Condessa, sua filha, que encarregou minha irmã Margarida de uma comissão.

— Majestade, vossa eminente irmã deve saber a residência do Sr. Conde. Todavia, não terei embaraço em descobri-la nos livros da Embaixada Inglesa.

— Tens razão. Inspiraste-me uma ideia. Manda vir minha irmã ao meu encontro.

O camareiro saiu a cumprir as ordens.

Carlos IX tinha a cabeça em brasa. Não cogitara de dizer aos seus familiares qual o sentimento - que o empolgava, porque supunha que a chama sentida fôsse apenas fagulha que se apaga, como essas que as locomotivas lançam a esmo pelas estradas em sua vertiginosa correria.

A Princesa entrou a sala particular do jovem rei e notou-lhe. o desalinho das feições e o macerado das faces.

.— Há alguma coisa que o aflija, meu querido irmão?

— Sim, respondeu o moço sem tergiversar.

E sentou-se, apoiando a cabeça febricitante entre as mãos nervosas.

— Fale, pois, insistiu ela.

— Se soubesse, irmã da minha alma, o mal que me fêz há quatro dias...

— Meu Deus, em que lhe fui nociva? Freme-me o seio por alguma fatalidade.

— Fatalidade sim, é o termo ajustável.'

— Nada me ocorre que me venha dilucidar o mistério, em que me envolve. Apenas me lembro de que meu irmão dançou com a Condessa de Leicester e depois saiu contrafeito. Julguei que algumas razões de Estado...

— Não, não; foi ela somente...

— Fêz-lhe algum agravo?

— Também não. Foram os seus olhos, os seus encantos, a sua beleza oriental...

— Compreendo... incendiaram-lhe o coração. Tão cedo, quando meu irmão é ainda tão jovem.

— Também ela é jovem e parece que julga cedo para o amor. A sua timidez, a sua hesitação... oh, como lhe assentava bem a virgindade das maneiras!

— Disse que vos amava?

— Não o disse com os lábios, mas os seus olhos tinham a loquacidade das crianças tagarelas. Ah, como as janelas de sua alma se abriam de par em par para que eu lhe devassasse o interior!

— Em que poderei ser-lhe útil agora?

— Em tudo, minha irmã, exclamou ele arrebatado, tomando-a nos braços e enchendo-lhe de beijos a linda face rosada.

— Tenha siso, querido; espero as suas ordens.

— Não é o rei de França que dá ordens neste momento; é o veado ferido pelas setas do caçador astucioso, que se roja aos pés de um anjo para suplicar-lhe um bálsamo que lhe venha guarecer a ferida aberta entre as fibras cordiais.

— E poderia eu recusar o quer que fôsse ao veado fugido?

— Então a irmã vai sair comigo agora mesmo. Sabe onde reside a Condessa de Leicester?

— Junto às portas de Vincennes.

— E como poderemos falar-lhe?

'— Vamos em caráter oficial, fazendo rodar o coche escoltado?

— Não; iremos em carro particular, sem os aparatos que pudessem despertar atenções públicas.

— E'hossa mãe, que dirá ela?

— ã volta tomarei a meu cargo desvendar o mistério e o segredo, a que ela aludiu às portas da Embaixada Inglesa, quando saíamos do sarau.

Uma hora depois uma carruagem estacava à porta do palácio do Conde de Leicester, e um porteiro fardado conduzia ao tope da escada as duas personagens reais.

Anunciada a visita de Margarida de Valois e seu irmão, a Condessa teve um sobressalto inexplicável. O pai havia saído a passeio em seu cavalo puro sangue a espairar no Bosque de Bolonha as emoções pungentes, que lhe estrangulavam a alma, agitada pelos sucessos do baile último. Matilde furtára-se a acompanhá-lo, alegando haver passado mal a noite em virtude do borborinho das ruidosas festas, que a esse tempo se realizavam no bosque de Vincennes.

Evasivas eram essas, que Roberto Dudley bem compreendera, não sabendo, todavia, que a filha passara algumas noites mal dormidas e já pagara o tributo das lágrimas de amor.

Todas as manhãs compunha a fisionomia, lançando na epiderme o creme amaciador e as pulverizações perfumosas, enfeitava-se com um sorriso forçado e beijava a face do pai.

Eram 10 horas quando ele saía, e batia as 11 à chegada dos visitantes.

— Perdoe-me, meu anjo, por havê-la incomodado tão cedo, disse a Princesa a Matilde depois dos beijos convencionais e das saudações do jovem rei. ^v

Ah, como Carlos invejara aqueles ósculos. Deviam ser dele, somente seus esses beijos evolados da urna santa daquela pequenina boca de nácar.

— Sinto-me acanhada por não estar presente meu pai, desculpou-se a moça.

— Tanto melhor, murmurou de si consigo o mancebo, animado pela intimidade do colóquio.

Todos se haviam sentado em riquíssimas poltronas de carmezim grenã na sala das recepções, em que os tapetes orientais, lavrados em veludo e seda, davam faustoso esplendor ao ambiente, favorecido por vistosos vasos índicos, estatuetas nuas de mármore de Carrara e aquarelas de Miguel Angelo e Leonardo de Vinci.

— Aqui trago meu irmão, que tem graves revelações a fazer-lhe, penso eu.

Matilde sentiu, mais que nunca, o abalo violento de uma comoção invulgar, que a fazia desejar sumir-se dali, como se fôra uma forma imponderável. Tremiam-lhe as pernas, as mãos, o corpo inteiro, e dentro de si todas as artérias paralisaram, todas as vibrações se imobilizaram. Estava como que sob o domínio de uma ancilose. Um cadáver não ficaria mais inanimado, nem sentiria menor pavor de ressurgir à vida.

Ife- Porque essa palidez, formosa menina? Não venho assustá-la. Sou muito seu amigo para perturbar-lhe a tranquilidade. Venho aqui simplesmente trazer-lhe um lenço, que, por descuido seu, deixou cair ao chão no momento da nossa separação, felizmente separação apenas de quatro dias, como vê.

E apresentou-lhe o lencinho ainda a rescender ao delicado olor de baunilha.

Matilde abriu-se num sorriso, forçando uma tranquilidade, que era diamante falso, mas que não deixava fôsse submetido à pedra de toque.

Carlos, porém, percebeu sagazmente que aquela serenidade não era jóia garantida, ao aditar-lhe a entrega do objeto perfumado:

— Não imagina quantas lágrimas fui levado a depositar nas curtas dobras de seu lencinho. Ele é tão pequeno que logo se encharcou, e eu tive de beber as restantes, que, teimosas, me afluíam aos olhos e não encontravam, nem a esponja do lenço, nem alguém que mas lamentasse. A esponja foi-me a de fel que deram ao Cristo, quando quis desalterar os ardores da sede. Eu venho dizer a V. Exa. que a minha noite, vai para quatro dias, ainda não escureceu para o descanso do corpo e da alma. A sua imagem tem velado todas as noites à minha cabeceira, e eu ouse implorar-lhe de joelhos que me deixe sonhar que sobre seu leito também paira o meu espírito.

Era demais para sopitar a ansiedade, que lavrava como incêndio violento no coração da Condessa. A perturbada moça capitulou vencida pelas comoções brutais em que se debatia, como naufrago perdido e sem respiração, e desatou a chorar como uma criança, levando aos olhos o mesmo lenço, que lhe havia de ser algoz, já que duvidava lhe viesse ele trazer agora o ramo da paz consoladora.

O monarca ajoelhou-se-lhe aos pés, pedindo-lhe perdão da angústia com que viera perturbar a quietude no remansoso lar, se é que ali havia essa dádiva do céu.

Foi Margarida quem se encarregou de consolar a amiga, rogando ao irmão licença e conduzindo-a meigamente a outro apartamento convizinho.

Sentadas numa espreguiçadeira, a Condessa, ainda soluçante, apoiara a cabeça no seio da amiga, e resfolegava em grandes haustos para ressarcir o ar dos pulmões, que se esvaíra nas convulsões do copioso pranto.

Ali, no silêncio ambiente, Margarida revelou à companheira a rápida paixão que ela gerara no coração imbele do jovem monarca, ao que Matilde, erguendo a cabeça, respondeu que era uma infeliz, uma desgraçada mulher.

— As minhas lágrimas não são apenas de afeição ao seu irmão, balbuciou a moça. Elas têm um

misto da amargura, que exulcera a minha alma na solidão do meu retiro. Sou coagida por meu pai a simular um sentimento que desconhecia e de que o meu coração estava virgem. Agora, entrou-me cá dentro esse embuçado incógnito e retirou o capuz. Sei já o que é o amor, sinto-lhe o acúleo do farpão, sim, do farpão, porque é um hóspede mal recebido, uma vez que quem me governa as volições não sou eu, mas meu genitor. Eu sou um autômato da sua vontade, nada mais.

E não pôde reter nova caudal de lágrimas.

Entrementes, do outro lado o monarca passeava de uma para a outra face do salão, conversando com as estátuas, que, de sobre peanhas de basalto, o fitavam com olhos marmóreos, e para as quais gargalhava.

— Sou imensamente feliz, dizia gesticulando, sou amado. Aquelas lágrimas são o banho lustral purificando os recessos do seio para os júbilos vindouros, não é verdade, ó Vénus empedernida, que nunca soubeste o que fôsem angústias?

E, dominado por infantil alegria, ora atirava beijos às estatuetas, ora fazia-lhes esgares, rindo-se da sua pétrea impassibilidade sobre o fulcro de granito.

Singular antítese dos fenômenos da vida!

Voltaram as damas à sala com o aspecto de quem acaba de despedir-se do cadáver de um filho.

Carlos perguntou à Condessa se já estava mais tranquila, ao que ela respondeu que a sua consciência falava mais alto do que as palavras. Contara os segredos do seu coração à sua amiga e autorizava-a a transmiti-los tão logo saíssem dali os visitantes. Era tudo quanto poderia dar da sua alma sincera.

O rei ficou atônito com a inesperada solução, mas teve a delicadeza de não insitir por minudências.

Saíram depois dos cumprimentos e, já na carruagem, o ansiado moço ficou a par da escravidão daquela criatura, que lhe vinha ser o instrumento involuntário da pulverização de suas esperanças.

Chegados a casa, encerrou-se em seu aposento e continuou o seu manuscrito assim:

“Ó pássaros do céu, ó animais das florestas, ó peixes dos mares, ó reptis, anfíbios, insetos, vermes, larvas, todos vós sois livres para o amor, para a ventura, para a fecundação, para a gestação. Somente ao ser pensante, raciocinador, inteligente, que se gaba de possuir o livre arbítrio, foi acorrentado o coração, como a um calceta, como ao mais degradante animal da criação.

“Ó Deus do céu, porque não fulminas com os teus raios esta bárbara geração de tigres? De tigres, não, que é clamorosa desonra comparar o homem ao bruto, que dispõe da liberdade de amar. E, se Deus se faz surdo à minha súplica, vem tu, ó Deus mitológico, Júpiter tunante, despedir os raios com que outrora fulminaste Esculápio, Fáeton, Salmoneu e os Titãs, e manda-me alguns por conta a exterminar esta raça de Condes de Leicester e quejandos bugres detentores do pêndulo do coração humano.

“Ah, Matilde, Condessa de Leicester, hei-de vingar- -te com arruído. Tu serás minha, ver-te-ei sentada no trono da minha amada França, que te reverenciará como a soberana mártir.

“No meu amor tens o penhor do meu juramento. Espera e confia, que um dia bem próximo irei rebentar as cadeias com que teu pai te acorrentou, e farei delas o látigo ameaçador para zimbrar todos quantos se resolvam a amordaçar o coração das filhas.

“Francisco I, meu pai, se me ouves lá da outra banda deste tremedal, se a tua alma não foi despachada para o inferno, como nos ensina a santa Igreja-Católica-Apostólica-Romana, se podes ludibriar por alguns instantes a Satanás, vem em meu socorro e deixa que minha obra saia bem feita e acabada.

“E tu também, Satanás prestante, tu que amas a Prosérpina e te deleitas no gozo do amor livre, tu que deste a carta de alforria à nossa mãe Eva, franqueando- -lhe simultâneamente a liberdade de amar e de ser amada, sê o meu cireneu neste Calvário a que vou ser arrastado para a cruz do amor. Matilde será a minha Madalena.

"Que pena que não lhe tivessem posto o nome de Madalena. Era mais prático e vinha a talho de foice.

"Será isto o desvario da razão, ou a penúria do sentimento ?

"Razão, sentimento; duas coisas tão vulgares e barateadas, que não se sabe bem se têm cotação no mercado da dignidade.

"De mim não dava um franco por essas ninharias, de que se orgulha o rei da criação, pobre rei que às vezes não tem uma camisa para vestir."

Carlos IX parecia um louco sublime, entretanto, o seu encéfalo estava em funcionamento normal.

III O Espião

O Duque de Parma tivera apenas um encontro com a sua escolhida, dois dias após o sarau, fatídico tanto para ele como para a jovem Condessa.

Às suas primeiras palavras de branda interpelação, respondeu a moça com duas lágrimas.

— Lágrimas agora? a que vêm elas, Condessa, inquiriu o despeitado moço.

— Agora e sempre. A alma escravizada não pode conhecer outra linguagem. A palavra articulada é privilégio das criaturas livres.

— Sempre o mesmo desprezo e igual denosto ao meu amor. Quantos sacrifícios eu seria capaz de empreender para vê-la feliz, no entanto...

—r Faça-me este só: esqueça-me, e terá feito a minha felicidade.

— Para amar o rei de França. E* louco devaneio pensar em subir os degraus de um trono quem não sabe de quantos espinhos se há-de livrar, quando lhe lançarem as rosas da glorificação.

— As rosas vicejam em todos os prados, no meu e no seu. Será que o Duque me queira convencer de que as suas rosas não têm espinhos?

— Se soubesse ser amável como tem o condão de ser sarcástica, seria a mulher mais eminente do mundo...

— Entre as desgraçadas, acrescente.

— Cruel! Como fere o arpão que me joga a esmo e me penetra o coração! Condessa, não sei que linguagem deveria falar para convencê-la da lealdade dos meus sentimentos. O meu amor vai sendo um tormento insuportável, uma horrível angústia, que me torna penosa a existência. Juro-lhe que me consideraria bem ditoso, se a morte me viesse surpreender neste momento...

— E nos levasse a ambos. Seria o consórcio celestial .

— Não ria da minha amargura.

Não rio, não. Já nem sei rir mais. Perdi a noção da alegria.

— Desde quando?

— Desde o dia em que lhe confessei com franqueza que não o poderia amar e o Duque não me voltou as costas, convencido, como deveria ficar, de que uma aliança, sem os alvoroços prévios do amor, é um desastre inevitável, um sacrifício pior que a pena de galé perpétua, ou a guilhotina. Antes a forca, a fogueira inquisitorial.

— Sei de muitos casamentos entre pessoas que não se amavam, e a quem a convivência tranquila gerou sincera e profunda amizade.

— Em contraposição, há muitas para as quais o enlace foi um jugo em cadeias de ferro em brasa.

No momento em que se travava este diálogo, voltava de seu escritório Roberto Dudley, trazendo a notícia de que ouvira anunciar-se o convite para uma reunião dos membros da Renascença, a verificar-se nessa data, às 4 horas da tarde.

Não querendo o Duque atrofiar mais o espírito da sua amada, houve por bem aproveitar o ensejo para retirar-se, visto que já eram 3 horas. Despediu-se da Condessa, com aspecto melancólico, saudou o Conde e saiu.

A visita do rei e de Margarida de Valois, soube-a Roberto por informação de um seu empregado das cavalaria, chamado Vitor, espécie de alcoviteiro de maus antecedentes.

Esse serviçal chibante, êmulos de Golias na estatura e rival de Sansão na força, bargante metido a valentão e desordeiro contumaz, era originário da Bretanha, onde se entregava à criação de animais da raça cavalariça. De uma feita deu tão forte murro num cavalo, que a alimbaria no dia seguinte escabujou e morreu.

Tendo cometido o assassinio de uma sua amásia, fugiu de Finisterra, sua terra natal, e logrou a proteção do Duque de Parma para libertar-se do processo-crime. Como contrapeso do favor, obteve Famese do Conde de Leicester admitir o criado ao seu serviço.

Foi este sevandija quem se adiantou a anunciar com espanto que o rei estivera no palácio do amo.

Entrando em casa nesse dia, o Conde mostrou-se também surpreso da real visita e perguntou à filha qual o motivo de semelhante honraria, que ela misteriosamente lhe houvera ocultado. Matilde vacilou na resposta, porque, não lhe convindo a imprudência de revelar a verdade, disse simplesmente que Margarida e seu irmão tinham vindo em carruagem particular ver a feira de Vincennes e aproveitaram a oportunidade para uma rápida visita de cerimônia. E acrescentou, ao dourar o embuste, esta outra mentira: que o rei ficara desconsolado por não ter encontrado em casa o Conde.

Este torceu o nariz e achou demasiada a consideração tardia, que só lhe fôra dispensada depois que Carlos IX lhe conhecesse a filha. Mas não deu mais cavaco.

Por linha«* travessas veio a saber de Vítor que por sua vez ouvira à camareira da Condessa — ter esta chorado muito depois da saída das reais personagens.

Era, pois, a ponta de um enredo, em que via envolta a sua hombridade, não sabendo como desenrolar a meada. Tal qual o fio de Ariana no Dédalo, de onde, como Teseu, ele tinha de sair.

Deve ser coisa bem indigna e paradoxal, que alguém seja forçado, para obedecer aos ditames da dignidade, a servir-se dos lacaios. Quanta incoerência, santo Deus! A dignidade do Conde era desse quilate, e da sua deficiência terá o leitor melhores provas no decurso deste livro.

Como um dos modernos *sherlocks*, deu-se a uma investigação meticulosa, a que aliciou os fâmulos da casa. Lúcia, a camareira, foi chamada a prestar informações, mas, tímida e algo leal, não quis nada acrescentar senão que, de fato, vira a Condessinha — como ela lhe chamava — chorar muito depois da saída dos visitantes, assim confirmando, como era convincente, a denúncia transmitida por Vítor; mas chorar, isso a pobrezinha fazia diariamente.

— E porque chora ela, sabes tu? pergunto Roberto.

Helás! explodiu a boa criatura na forma peculiar do hábito francês; a Condessinha é um anjo caído do céu. Chegou aqui, viu-se sozinha, teve saudades dos outros anjos, e, como não pode estar solitária, vive a chorar, e isso parece que vai durar a vida inteira, até voltar aos outros anjos

— Forte tola és tuí Cala-te, imbecil! É melhor emudecer que proferir sandices.

— Muito obrigada.

E fazendo uma mesura, saiu a recuar, deixando o Conde furioso, porque a camareira era invulnerável. Recorreu então a Vítor, em quem encontrava melhores disposições para a intriga.

Sabendo este que mais vale só que mal acompanhado, tomou a si o exclusivo encargo de escarpelar o segredo da visita do rei. Não lhe foi difícil entrar em relações de camaradagem com um dos criados de Carlos IX, com quem passou a bebericar nas tabernas próximas ao Palácio real, guardando todavia reserva sobre os seus desleais propósitos.

O servidor do rei, homem de 50 anos, chamava-se Jaques e era exatamente pessoa da confiança do monarca. Fôra homem de elevada posição, com regular cultura, mas para quem a sorte havia sido adversa. Dera provas de irrepreensível desempenho quando ao serviço de Francisco I, irmão do jovem rei, e este, sabedor do seu merecimento, depositava nele toda a confiança e distinguia-o especialmente.

Eram passados alguns dias após a visita do rei a Matilde, quando este resolveu dar largas ao

coração e levar ao dela, se possível, o conforto espiritual de que tanto carecia a moça. Dispôs-se então a escrever-lhe uma carta animadora. A dificuldade única estava em fazê-la chegar às mãos da jovem. Foi quando se lembrou de Seu confidente Jaques, e mandou chamá-lo para combinar como poderia ser resolvido esse propósito.

O vassalo veio logo e soube das pretensões do amo.

Respondeu que ficaria a seu cuidado a transmissão da missiva, pois exatamente acabava de conhecer pessoa de toda a confiança, que poderia discretamente servir de correio.

No dia imediato o rei escrevia esta epístola:

"Condessa.

Nem tudo está perdido, como lhe parece. Soube das suas mágoas e quero compartilhar delas, porque meu coração lá está junto ao seu, solidário nas palpitações da esperança, nos estos do amor, tanto quanto nos embates fortes que o destino nos houver reservado. Veja bem que digo *nos houver reservado*, querendo com isso unir a nossa vida e a nossa morte.

Sim, amada Matilde, a minha existência eu lha hipoteco, e acredite que nada vale a renúncia que faço em favor do anjo, a quem Deus de certo há-de conceder o infinito das graças, quando houver terminado de desfiar o rosário de lágrimas, que há oito dias vi derramar por mim.

Ah,, certo não as merecera eu; não as merecera se a Condessa não tivesse uma alma angélica, benévola, amorosa, cheia de piedade e tanta que até ao mísero adventício, que eu sou, resolveu atirar sobre minha cabeça essas pérolas preciosas, que são as gotas do seu pranto.

Falei-lhe da morte, mas por enquanto ainda vivo. Vivo e viverei para ser o olho vigilante a sondar as trevas em que a querem lançar. Hei-de aí penetrar com um farol na mão esquerda e com um punhal na direita.

Deporei a coroa, se necessário, e irei de cabeça descoberta e peito desnudo desafiar o inimigo da nossa felicidade.

Quem é ele? onde se acoita?

Não importa sabê-lo. Ele' que surja, quem quer que seja.

Por enquanto basta assegurar-lhe que a chama do meu amor se alastra, e ai daquele que tentar aproxi- mar-se dessas labaredas.

Escravo das suas graças CARLOS."

Fazendo vir o vassalo ao seu encontro, o monarca confiou-lhe a carta fechada e recomendou-lhe cuidado e discrição.

No mesmo dia o envelope passava às mãos de Vítor e este, por sua vez, entregava-o, não à destinatária, mas ao Conde, dizendo-lhe como conseguira obtê-lo fàcil- mente.

Roberto ficou perplexo ante a perspicácia do criado, admirando-se de tão rápida vitória, bem como da habilidade do servo. Despachando o portador, rasgou o invólucro e leu entre sorrisos de escárnio o conteúdo do papel. Depois, dirigiu-se ao aposento da filha e mandou-a sen- tar-se a seu lado.

— Deve ter sido bem interessante, começou ele, a visita do rei à feira de Vincennes. Imagine a minha filha o que ele preferiu entre os artigos da exposição...

A Condessa empalideceu subitamente.

— Vou mostrar-te o *cataloga*, que me foi providencialmente enviado por equívoco.

E entregou a carta violada a Matilde.

Por duas vezes ela deixou-a cair ao chão, em virtude da tremura de suas mãos. O Conde, da segunda vez em que levantou o papel, entendeu de rasgar mais funda a ferida, que já começava a abrir-se na alma da moça.

— Vamos lá, que a menina parece não se interessar pelo bom gosto do monarca.

Matilde tinha medo de falar. Agia automaticamente como por sugestão, e, se pudesse, renunciaria a ler o quer que fôsse, que ela de antemão sabia vir-lhe espetar mais um alfinetada no

coração. Mas não houve remédio senão obedecer.

E leu mentalmente a carta como se ela contivesse a sua sentença.

Que misto de sentimentos! que diversas eram as impressões que aquelas linhas vinham trazer-lhe! Era o júbilo de saber-se assim amada, em luta com o temor de ver-se ao lado do juiz implacável, que amaldiçoava esse amor!

O rei, grande, nobre, cavaleiro andante de cruzadas perigosas, oferecendo-lhe a vida; o pai altivo, cruel, carcereiro de sua alma, empurrando-a para a morte!

Carlos IX a erguê-la do bátrio da terra e a suspendê-la ao céu; o Conde de Leicester a arremessá-la para mais fundo do abismo, deixando voluntariamente que ela se emparelhasse às malditas da terra!

Acabada a leitura, a moça entregou a carta ao Conde, dizendo, resignada:

— Pode agora meu pai mandar armar a fogueira inquisitória!, que eu estou pronta para o sacrifício deste crime.

O Conde não esperava por aquela resposta, que o desnorteou. Mordeu os lábios, despeitado, e guardou a carta no bolso. Aproximou mais para perto a poltrona e disse com voz abemolada:

— Eu não te julgo culposa, minha filha; tu também és uma vítima.

— E o algoz quem é?

— A tua consciência que te responda.

— A minha consciência é apenas para mim uma figura decorativa, como nessas bonecas que se encontram nas vitrinas das lojas de modas.

Roberto tomou a morder os lábios, como sempre o fazia quando o confundiam.

— Entendamo-nos, Matilde.

— E' para isso que o estou ouvindo.

— Há um homem que diz amar-te. E' um rei... Ele mente!

— Nunca! E' uma calúnia! é uma cilada que meu pai me está armando! Carlos IX ama-me, disse-me Margarida de Valois, a minha amiga de infância... viu-o chorar, e essa carta, que meu pai guarda no bolso, certamente para mostrá-la a esse Duque, que eu detesto, ainda vem húmida das lágrimas daquele a quem amo doidamente, já agora lho confesso... Vamos, vamos, meu pai, à fogueira, à fogueira...

E caiu desmaiada, porque o paroxismo da dor lhe asfixiava a respiração e lhe tolhera os movimentos.

Acudiu Lúcia, a camareira, nossa conhecida, que a suspendeu solícita e levou-a carregada para o leito, exclamando :

— Ora esta! A Condessinha quer ir para os anjos...

Através de uma vidraça existente sobre as janelas

que davam para a sala onde se passava o incidente, Vítor espreitara toda a cena. -

No dia imediato a Condessa estava com febre e passara o dia inteiro recolhida aos seus aposentos. O Conde Veio visitá-la e perguntou-lhe se desejava um médico.

— Para estas doenças a medicina não tem medicamentos, respondeu ela com lágrimas na voz.

O pai, na forma do costume, mordeu os lábios. Já era um vício.

— Queres que se chame o monarca?

—¹ Ou ele, ou o Duque, ou ambos, que ainda será melhor, disse com sarcasmo.

— Deixo-te com a tua obcecação infantil, tomou mais irritado.

Afastando-se do quarto, Roberto recomendou a Lúcia que não se desviasse dali até que sua ama se erguesse restabelecida. E saiu contrafeito.

Matilde, passadas algumas horas de repouso, levantou-se do leito, sentou-se a uma rica secretária de charão, marchetada de madreperla, e escreveu esta carta:

“Majestade:

A sua carta chegou aberta às minhas mãos por intermédio de meu pai, não sabendo eu informar-lhe quais os caminhos por que transitou. Tive que lê-la na presença dele e entregá-la depois de lida.

Não sei que destino me aguarda. Escrevo-lhe do leito, para onde fui ontem transportada, desfalecida, nos braços da minha camareira.

Devo dizer-lhe que, agora mais que nunca, o amo com todas as veras da minha, alma estremecida. Confessei-o a meu pai num momento em que se me estalava o coração.

Disse-me V. Majestade que me hipotecava a sua vida. ^ Pois bem, aceito em desvaliosa permuta a minha existência, que será um fardo pesado sobre seus ombros. Quando se sentir extenuado, atire-o ao Sena, onde se jogam os detritos das coisas inúteis.

Estas linhas visam notificá-lo de que há um traidor oculto, que pode infelicitar-lo, pois, quanto a mim, não é possível fazer-me mais infeliz do que já sou.

Sua devotada MATILDE."

Fechada a sobrecarta, a Condessa pediu à criada que mandasse pessoa de sua mais absoluta confiança levá-lo ao rei. A boa criatura respondeu que, de confiança, somente coqueia a si mesma e ao anjo, que era a sua ama, e então iria pessoalmente desempenhar-se dessa missão. Tomou a carta, depô-la sobre um dunquerque, que se achava na sala onde se dera a última cena com o Conde, e foi fazer a sua *toilette*.

Entrementes, o gesto fora presenciado pelo solerte espião, que, lesto, penetrou sorratamente na sala, apoderou-se da carta e fugiu com agilidade felina.

Logo que Lúcia regressou e não encontrou o envelope, correu a avisar a Condessa do que havia sucedido. A moça suspeitou logo que fôra seu pai quem houvera subtraído o documento. E ficou meditativa, com a cabeça entre as mãos.

À tarde o Conde aparecia e procurava a filha para saber do seu estado.

— Sinto-me melhor, respondeu a jovem ao pai, que se conservava de pé ante eia.

Então o Conde, retirando do bolso a carta escrita pela filha ao rei, disse descansadamente, com admirável calma e maldosa dicacidade:

— Com que então é certo que a menina' já se considera detrito passível de ser jogado ao Sena?

— Foi o senhor quem sonegou a minha carta, não é verdade? Quão desgraçada me faz, que até viola a minha correspondência. Meu Deus! meu Deus! se não há punição para quem me oprime, salvai-me vós, levando-me deste mundo, onde nem das mãos de meu pai recebo indulgência!

— Teu pai é o teu defensor, e tu não podes dispensar o meu patrocínio, porque és uma criança, entendes?

— Entendi, mas rogo-lhe que me deixe só. Não posso recair na mesma angústia, em que ontem me debati.

O Conde, respeitando a alegação, saiu a passo arrastado.

Na mesma noite, numa taberna de Montmartre, encontravam-se Vítor e Jaques, dando-se aqueles a libações exageradas, a comentar as particularidades do amo. Jaques, porém, era discreto e apenas dizia coisas que de modo algum pudessem comprometer o rei. O outro até então havia sido reservado, mas nessa noite, devido à humidade da chuva, bebera muito e excedia-se na indiscrição.

Já ia alta a noite, quando Vítor não se podia ter mais em pé com o peso do vinho à cabeça. Ria desbragadamente, na temulência do irresponsável, e dava palmadas na barriga do companheiro, que, mais comedido observador da continência, suspendera a repetição das doses alcoólicas.

Entraram a falar de amores, quando Vítor tomou a palavra para comentar o que sabia nesse particular.

— O amor é uma *blague*, meu imbecil. Pois tu crês nessa pouca vergonha?

E o bebarraz virou mais um copo de vinho de Bordéus.

— Certamente que sim, confirmou o parceiro. Tu nunca amaste?

— Ora eu te digo: tenho amado, mas acabo esbordoando o raio da mulher, que me joga cinza nos olhos.

Qfbesa as marafonas se me fazem o *raénagz à troí**. Be soob»Ks o que fiz a tuna.,. calaste, boca

E mandara vir maia vinho, *que* deitava no copo e emborcava de ttm trago. Depois prosseguia:

— O Dsa Iá para casa; o Duque quer casar com a Condessa. Ela regateia a prenda, porque gosta de teu rei. Vai daí, o Conde acaba por metá-la nos olhos do fidalgo, empurra-os para o leito, casados Já se vé, mas contra a vontade. Resultado fatal.,

E, entornando mais ttm copo bem atestado:

— *mènage à troié.*

Depois, limpando os beiços na manga do ferragoulo:

— Hoje ela escreveu uma carta ao teu senhor. A camareira era quem ia levá-la, mas eu... matreiro,...

E apontava o olho muito arregalado:

— ... vi a combinação escondido, furtei o papel e entreguei-o ao patrão. Não achas que andei com júizo? Impedi a patifaria, o tal *ménage*, etc. Liquidei o caso em três tempos.

— Mas a carta que te dei ontem, tu a entregaste à Condessa, não é verdade?

— Qual história... dei-a ao Conde, pois não te estou a dizer que não admito patifarias ?...

E mudando de tom:

— Bebe mais um trago, senão dou-te uma cacholeta bruta, como fiz ao burro lá em Finisterra.

E dando um grande murro na mesa, gritou com os olhos a cerrar-se pelo peso da bebida:

— Viva a França!

Simultâneamente tombava a mesa ao chão, derrubada pelo soco, e conjuntamente alguns copos e garrafas, que se desfizeram em estilhaços, e o ébrio resvalava para o solo a rebolcar-se como um suíno.

O dono da bodega teve que chamar alguns carregadores para removerem da loja aquele touro emborrachado. Foram precisos quatro homens para arrastá-lo fora da casa, ficando o sujeito a vomitar na rua, até que adormeceu como um justo.

Já perto do meio dia acordou estrovinhado, apanhou no chão a gualteira, enfiando-a na cabeça, e conseguiu acertar com o rumo do palácio, sem recordação doa desatinos *que cometem*.

*Logo pela manhã, porém, o monarca fôra posto ao corrente de tudo pela boca de seu leal servidor Jaque**. Na mesma tarde, indo Vítor à taberna buscar o gibão, que alí deixara sobre o braço de uma cadeira, *foi detido por díAã gcndarme*, que o *conduziram* à cadeia, onde *foi algemado com ordena severas de lhe serem infligidos os mais bárbaros castigos corporais*.

O Conde soube da prisão do *criado por um seu colega da cavalaria*, mas ignorava o incidente que lhe dera causa. Diligenciou por entrar em comunicação com o preso, temendo alguma complicação que pudesse comprometê-lo, mas foram baldados todos os esforços. As ordens eram de absoluta incomunicabilidade.

Como fidalgo da Corte e favorito da rainha Isabel, o Conde fazia amiúde viagens a Londres, onde permanecia alguns dias no palácio da Torre de Londres. Assim é que ele empreendia essas travessias com a filha, mas a que o Duque de Parma não era estranho, pois que sempre os seguia como um .cão fiel, quando espera que lhe lancem um osso, desde que lhe não dão coisa mais substancial.

Ao fim de pouco tempo estavam de regresso.

IV A REUNIÃO DA RENASCENÇA

O salão das reuniões da Renascença era situado no» largo *que hoje se chama*. Praça da Concórdia, e àquela hora, Z da tarde, já ali se achavam os representantes da geração de artistas daquela época, filósofos e sábios, de quase todas as modalidades.

Das paredes ornamentadas artisticamente com col- gadttras e troféus, pendiam quadros a.óleo com retratos de grande número de notabilidades ausentes em países estrangeiros, assim como de alguns artistas já falecidos em datas recentes.

Lá estavam, figurando, com testemunho da justiça da história, a efígie de Boccacio e Petrarca, precursores legítimos do renascimento da Arte, inspirada na natureza; Bramant de Urbini, Paládio, Donatelli, Miguel Ângelo, Rafael Sanzio, Benevenuto Celíni, Ludovico Ariosto, Leonardo de Vínci, Hans Holbein, François Rabellais, Erasmo, Copémico, Pico de Mirandola, — esses entre os falecidos; Torquato Tasso, Luís de Camões, Jâcomo Tin- toreto, Miguel Cervantes, Lopo da Vega, Edmundo Spen- ser, Germano Pilon, — de entre os vivos.

A essa época Galileu e Shakspeare estavam ambos com 5 anos de idade, e dentro desse século nasciam Ké- pler, Van-Dick, Rubens, Descartes, Tycho-Brahe, Byron, Nicolau Pussin, Reni Guide, aparecendo no século seguinte Rembrandt, Milton, Murillo, Newton, Molliére, Comeille, Racine, La-Fontaine, Scarron, Spinoza, Pascal, Boileau, Salvador Rosa, Claude Lorrain, Fenelon, Bossuet e outros de menor nomeada.

Foi indubitavelmente um sopro forte de arte, ciência e filosofia que atravessou a Terra nesse período histórico e memorável, do qual resultou tamanha expansão em todas as províncias da intelectualidade, e cujo impulso não adormeceu até agora, sendo de notar que até ao século XIX houve uma enorme imigração de Espíritos, que se notabilizaram como compositores musicais.

A reunião tinha por escopo essencial estimular o gosto e o entusiasmo entre os que consideravam a arte, a ciência e a filosofia como uma religião dos sentidos estéticos, ou das emoções da alma contemplativa. Daí, cada um dos alistados trazer o fruto da sua mentalidade para ali sujeitá-la ao veredito da coletividade.

Entre os presentes ao Cenáculo achava-se o famoso poeta Pedro Ronsard, verzejador de inimitável ritmo, chefe de uma plêiade de artistas, que se propunham engrandecer a língua e a poesia à imitação dos antigos.

Amigo particular de Carlos IX, Ronsard, que descobrira esta linda metáfora: "rima é o guiso de ouro", apresentou os seguintes versos alexandrinos, que o monarca francês lhe havia escrito em momento de bom humor:

Ton esprit est, Ronsard, plus gaillard que le mien,
Mais mon corps est plus jeune et plus fort que le tien;
Par ainsi je conclus qu'en savoir tu me passe D'autant que mon printemps tes cheveux gris efface.
L'art de faire des vers, dû-on s'en indigner,
Doit être plus haut prix que celui de regner;
Tous deux également nous pourtons des couronnes;
Mais, roi, Je les reçois, poète, tu les donnes.
Ton esprit enflammé d'une céleste ardeur Éclate par soi même, et moi par ma grandeur.
Si du coté des dieux, Je cherche l'avantage,
Ronsard est leur mignon, et Je suis leur image.
Ta lyre, quoi ravit par de si doux accords,
Te sommet les esprits, dont Je n'ai que le corps;
Elle t'en rend le maître, et te fait introduire Où le plus fier t'iran n'a jâmals eu d'empire.
Ronsard, tu connais bien si tu ne me vols,
Tu oublies soudain de ton grand roi la voix;
. Mais pour t'en souvenir, pense que je n'oublie Continuer toujours d'apprendre en poesle;
Et pour ce j'ai voulu t'envoyer cet écrit Pour enthousiasmer ton phantastique esprit
Done ne t'amuse plus a faire ton ménage,
Maintenant n'est plus temps de faire jardinage;
Il faut suivre ton roi que t'aime par son tous,
Pour les vers qui de toi coulent braves et doux.
Et crois, si tu ne vient me trouver & Amboise,

Qu'entre nous adviendra une bien grand noise.

A tradução vai em versos soltos para mais fidelidade:

Teu espirito é mais jovial que o meu, Ronsard,

Mas meu corpo é mais forte e mais jovem que o teu;

E dal concluir que, em saber, tu me excedes,

Porém, moco, eu ofusco os teus cabelos brancos.

A arte de versejar, que traz em si desgostos,

Deve custar bem mais que a arte de reinar;

As duas por igual concedem-nos coroas,

Mas, rei, eu as recebo, e, poeta, és tu que as dás.

Teu espirito aceso em celestes ardores.

Fulgura por si mesmo, e o meu pela grandeza.

Se aos deuses amparado eu procuro vitória,

Ronsard é um deus pequeno, e eu sou a sua Imagem.

Tua lira, que arrebatava em seus doces acordes,

Subjuga a alma, da qual eu represento o corpo;

Ela toma-te - mestre e leva-te a paragens,

Onde o altivo tirano inda não teve império.

Tu bem sabes, Ronsard, que, quando não me vires, Esquecerás tão logo a voz de teu bom rei;

Mas para te lembrar, crê que me não esqueço De sempre prosseguir o estudo da poesia;

Por isso mesmo aqui te envio este escrito

Com o fim de entusiasmar teu fantasioso espirito;

E, pois, não folgues mais a fazer-te de ecónomo,

Que agora não há tempo a perder com floreios;

Deves seguir teu rei, que te quer sobre tudo,

Pelos versos que fluem de ti, suaves e fortes,

E olha que se não vens cá buscar-me a Amboise ²

Vai entre nós haver grandíssima contenda.

Aqui vai transcrita uma fulgurante página, que traduz as ideias já lobrigadas pelos agitadores da sempiterna Verdade superior, e que, dez anos depois, em 80, quando lida por seu autor Giordano Bruno³, causou profunda impressão ao auditório e provocou a mais ruidosa manifestação de aplausos, de que o Cenáculo foi testemunha.

"Ninguém medianamente iluminado pelas luzes da razão deixará de admitir como princípio incontroverso que o céu, ou o universo, é infinito. Nele existem sóis e terras inúmeras tão vastas quanto o próprio infinito. Deus está unido aos mundos, assim como a alma está unida ao corpo, que lhe é causa imanente.

Por isso, todos os seres que os compõem são dotados de vida, podendo dizer-se que o universo é obra infinita.

Deus é a substância e, conjuntamente, a causa produtora, material e formal de todas as coisas. O mundo, onde elas se desenvolvem, identifica-se com a forma produtora e eterna.

A alma é o supremo desenvolvimento da vida cósmica.

Todos os seres do mundo são, a um tempo, almas e corpos, mônadas vivas a reproduzir e a refletir a mônada das mônadas.

A corporeidade resulta do movimento expansivo da mônada de fora, e o pensamento resulta do

² (1) Arrabalde de Tours sobre a Loire, onde havia Castelo real em que veraneava o autor destes versos.

³ (1) Queimado vivo em Roma, como heresiarca, em 1600.

movimento da mônada para dentro de si.

Mas convém dilatar o pensamento para esse infinito, em que são criados os seres indefinidamente, e verificar que lá vive uma grande humanidade composta de milhões de trilhões de criaturas, gozando as mesmas regalias e padecendo os mesmos contratempos concedidos ao limitado habitante terráqueo. Não se deve vangloriar o homem da Terra na suposição de que somente a ele tenha Deus concedido a graça da existência, mas aceitar como princípio dogmático que existem irmãos, oriundos da mesma fonte genésica, gravitando para um mesmo objetivo superior e divino.

Será que nesses mundos, nessas esferas, nessas eatrelas, que divisamos após as horas crepusculares, palpita a vida com iguais percalços e* aborrecimentos, quais os nossos? Certamente que sim. Ou Deus seria parcial, dando a esses habitantes preferências? Naturalmente -que não.

Admitido este princípio, iremos caminhando, a passo cadencioso e firme, através das regiões do pensamento, até encontrar os primeiros aborígenes de um mundo novo entre esses milhões de mundos espalhados pelo hemisfério infinito. Diante de nós, embarçando-nos os passos, já se nos depara a figura de um ser que não fala a nossa linguagem, mas que traz a mesma cruz das amarguras com que estamos familiarizados, de maneira que podemos assegurar a identidade de vida ali desfrutada e concluir que Deus continua lá fora a semear o que aqui realiza com inaudita atividade e benevolência.

Dessa observação não há negar que a nossa vida não pode deixar de ser continuada aqui, podendo o Criador transferir-nos mais tarde para alguns desses exílios de vida corporal, quando a nossa alma estiver fatigada dos dissabores e desferir o seu voo mortal para a eternidade. Estou certo mesmo de que a alma, lembrando-se do seu passado, deve ficar mais ou menos atormentada pelo desejo de voltar aqui, como sàbiamente ensinou Sócrates.

Resta saber — e isso é bem natural que seja — se a alma terá direito a fazer a escolha do mundo, em que deve vir continuar a existência. Penso que isso estará dependendo do critério, com que se houver governado, para merecer as graças de um estado de felicidade, compatível somente com a dignidade e o decoro que tiver guardado em seu procedimento perante os seus semelhantes.

Tanto mais que é de conformidade com as manifestações de amor, que a alma, unida ao corpo, houver exteriorizado por pensamentos, palavras e obras, que ela terá direito ao galardão, destinado aos vencedores 4Ío mal. Ainda nesse particular subscrevo o que adiantou Sócrates, quando ensinou: "Eu chamo homem vicioso a. esse amador vulgar, que ama o corpo mais que à alma. O amor está em toda a parte da natureza, que convida a exercer a nossa inteligência. Encontramo-la mesmo no movimento dos astros. E¹ o amor que adorna, a natureza com seus ricos atavios. Instala-se e fixa residência, onde encontra flores e perfumes. E' ainda o amor que dá paz aos homens, calma ao mar, silêncio aos-, ventos e sono à dor."

A experiência tem provado que há um mistério a desvendar nos problemas da imortalidade da alma. Ela. deve ser responsabilizada pelas infrações que houver cometido contra a lei de amor, tão belamente exaltada, por Sócrates. Deve haver uma punição, e não será' esse retomo a este mundo, ou a outros, o castigo por tais infrações desregradas, aquela a que assitimos no cenário social? Certamente que sim.

A vida deve ser uma continuada peregrinação por este e outros mundos, onde a alma vem realizar o seu progresso intérmino, até alcançar a absoluta perfeição,, quer no apuro dos sentimentos de amor, quer na iluminação da inteligência e da sabedoria.

A luta por combater o orgulho ef o egoísmo será sem tréguas, violenta, terrível, inexorável, até à capitulação desses demônios, que nos apoquentam sem dó nem piedade, sem tolerância nem descanso, e daí o motivo por que nascem uns trazendo os farrapos da miséria para acostumarem-se a conhecer as necessidades da pobreza, quando outros vêm habitar palácios para banhar-se em águas perfumadas e serem ofuscados pelo brilho do ouro, outros nasceram cegos por haver desdenhado a luz que Se lhes abria para os esplendores das alturas, e ainda outros fulgurarem como gênios nas

obras da inteligência,, ao passo que outros, humildes, anônimos, nem sabem escrever o próprio nome.

As enfermidades, a loucura, o lar sem pão, a criança sem mãe, a viúva sem teto, o operário sem trabalho, não serão modalidades do castigo divino pelas infrações» da lei de amor?

A morte violenta em desastres, ou na guerra, as hecatombes, os assassinios, a destruição de vidas pelo fogo, pela água, pelo raio, pelos terremotos, pelos naufrágios, pelas erupções vulcânicas, pelos desabamentos, pelas pestes e outras calamidades não serão recursos naturais sobrevivendo para corrigir a alma que não soube obedecer aos ditames da referida lei de amor?

A revelação de capacidades inventivas, a tendência de muitos para as artes, para a ciência, para a literatura, para a filosofia, para a indústria, para o comércio, para a lavoura, não serão indícios de almas, que aqui já viveram e que trouxeram incubadas, em estado latente, as vocações especiais para virem a este globo novamente reproduzir os frutos das suas especialidades e gostos, assim como as particularidades na atividade material ou mental?

Nem se argumente que há aqui absurdez no que estou a afirmar, audazmente embora, nem irreverência a Deus por antecipar-me a julgá-lo capaz de assim regular a diretriz da alma imigrante e relapsa neste e noutros pontos de exílio regenerante.

Não seríamos honestos, nem dignos das nossas condições na existência de uma Entidade Justiceira, se não antevíssemos perfeito, integralmente divino, o Criador, sem um dos maiores atributos da sua majestade, que é a justiça. Ora, não se pode admitir justiça sem igualdade. Não se tolera igualdade sem progresso. Não se concebe progresso sem o exercício ininterrupto de obras, nas quais se deve ilustrar a inteligência da alma, sem a isentar das amarguras que lhe hão-de limpar as impurezas do coração.

A alma deve erguer-se do lenteiro da vida com hombridade, nobreza, sinceridade, benevolência, dedicação, sacrifício, humildade. Terá que ser imensamente fraterna, profundamente caridosa, divinamente confiante em Deus.

O amor do próximo deve ser-lhe pensamento obsessivo. O amor de Deus há-de acompanhá-la como a sua própria sombra.

Não se concebe, por ser irreconciliável com a razão, amor do próximo sem amor até aos que nos querem mal. Nesse caso, cumpre-nos amar os próprios inimigos, começando por não desejar-lhes o mínimo malefício. Devemos perdoar-lhes quando nos façam mal, ainda quando nos odeiem. Sem a renúncia dos nossos caprichos, não realizaremos a fraternidade, não lograremos a igualdade, não conquistaremos a felicidade absoluta.

Sejamos equitativos em nossas considerações. Se deixarmos rebarbas em nossas consciências melindradas, ficaremos detidos no mesmo ponto em que havíamos começado a trajetória da vida.

E' preciso romper a estrada com violência, com energia, com atividade, deixando mesmo sangrar os pés, queimar a fronte, transudar o corpo até tomarmos, não vencidos e desanimados, mas para haurir novo oxigênio e nos reerguermos de modo a correr com mais velocidade a caminho da perfeição.

Impõe-se-nos um dever sagrado em favor dos nossos filhos, que é o de guiá-los desde o berço pelos atalhos ríspidos da existência, de maneira a não deixar que se incendeiem na fogueira das paixões aviltantes da carne pecaminosa.

O homem é o produto do seu meio, porém muito mais da educação iniciada na aurora dos seus dias.

Quem semear o grão, que fornece o alimento sadio, colherá o fruto precioso e substancial para encher-lhe o celeiro durante esta vida. O que se abandona à indolência e permite que em seu terreno germine à vontade o escalracho e as urzes espinhosas, naturalmente será ferido e padecerá a fome dos imprevidentes e dos preguiçosos .

Quando formos juizes, sejamos severos e imparciais, sem faltar à benevolência; quando réus, sejamos leais na confissão de nossos erros, sem incriminar quem nos haja denunciado.

Em todos os nossos atos, negócios, práticas, deliberações, pendências, envidemos esforços por

ser absolutamente honestos, imparciais, abnegados, amigos da verdade, irmãos da virtude, filhos do amor.

Defendamos a vida, sem esgotar as energias dos músculos e do sangue. Amparemos e mantenhamos a saúde, acudindo com urgência aos apelos dos órgãos que padeçam o enfraquecimento pelo trabalho, e solicitem o tônico restaurador.

Não nos extenuemos com vigílias sem objetivo útil, não nos alimentemos de maneira a vitimar o órgão assi- milador, não castigemos o corpo com trabalho além do que comporta a potência dinâmica das forças normais do organismo.

Vivamos como seres privilegiados, porque somos pensantes e inteligentes, não como os irracionais, que desconhecem as riquezas inúmeras do território sublunar, pleno de obras naturais, que encantam os olhos, perfumam o órgão respiratório, deliciam o ouvido com harmonias embaladoras de cânticos suavíssimos. São as montanhas verdejantes e os lagos de límpidas águas; são as flores em profusão, de múltiplos aspectos e cores e perfumes, cada qual mais esquisita e impressionante de beleza e majestade, de odores e perfumes; são os pássaros em bandos, vibrantes, chalrando álcres, agasalhados em macias penas, entoando hinos à natureza; e são alfim os animais que rastejam, como nós outros, pelo solo, mas possuem atrativos sedutores, capazes de deliciar a alma sensível, superior, afetuosa.

Não sejamos cobiçosos, assim como não despertemos cobiça nem inveja, nem ódio, mas atentemos com cuidado no meio que nos comporta, refletindo antes de praticar qualquer ação de que dependa o nosso bem-estar, tanto quanto o do nosso semelhante, e nisso teremos concorrido para realizar dentro de nós aquilo que almejamos que o nosso semelhante realize dentro deles.

Com o nosso irmão devemos ser cordiais; com a família, atenciosos nos deveres domésticos e sociais; com a sociedade, respeitadores das leis e preconceitos justos; com a lei divina, observadores rigorosos, implacáveis, irreduzíveis.

Não devemos temer a morte, nem desejá-la, nem precipitá-la covardemente, mas, aguardá-la com paciência até quando Deus bem entender de nos chamar a contas na hora exata da viagem para as plagas do invisível mundo das almas. Convém levar bem cheio o alforje, com provisão salutar e suficiente para não tomar a morrer de fome lá em cima. E' de bom aviso conduzir em ânforas de luz a água da vida para não sucumbir de sede no mundo da realidade.

Crede que é de grande vantagem chamar-vos a atenção para este ponto cardeal das minhas considerações: a Verdade entre nós é como um hóspede transitório, que não reside aqui, e só passageiramente vem verificar as impressões da alma vivente nestes baixios e os esforços seus para subir. Mas ainda se não satisfez com o que observou até este momento, porque apenas lhe temos patenteado a mesquinhez do brio, a penúria do ânimo em nos evadirmos às torvas sombras da iniquidade.

Isso que vos digo é a conclusão a que chegaram os meus estudos sobre o que tenho visto, sem achar remédio mais acertado para corrigir os males que empestam a terra, do que este que vos aponto.

Se achardes que falo com a inspiração do bom senso, acolhei os meus conceitos com a consideração que porventura eles vos mereçam, porém, se não vos convierem tais práticas por demasiadamente rigorosas, ficai com a vossa orientação, pois tendes todos direito a pensar e a sentir conforme à vossa consciência e de acordo com a vossa razão."

Giordano Bruno finalizou esta parénesis de iluminado filósofo entre os braços de amigos, que o retiraram em triunfo da tribuna oratória.

Sabe-se que seu começo foi como dominicano, mas apostatou do catolicismo e abraçou mais tarde o calvi- nismo.

Como orador era de rara eloquência, havendo obtido êxito em Paris, onde exerceu a cadeira de filosofia na Universidade.

Precursor das modernas ideias reencarnacionistas e dotado de altiva coragem, foi autor dos livros: *Da causa, do princípio e da Unidade*, e *Do Infinito e do Universo*, ambos publicados em 1584.

V O MENDICANTE

Num belo dia de sol claro e brilhante entrava a porta do palácio do Conde de Leicester um indivíduo maltrapilho, de feições cadavéricas, cabelos hirsutos, olhos baços, tendo uma perna amarrada, como se aí se escondesse uma úlcera, e, coxeando e gemendo, declarou ao porteiro que desejava implorar da Sra. Condessa uma esmolinha, porque sabia ser ela uma criatura assaz caridosa. Havia três dias que não levava à boca uma miga de pão sequer. Tinha a dois passos de distância tombado ao chão, em virtude da extrema debilidade em que se encontrava. Certamente a Sra. Condessa não lhe regatearia uma migalha das que, em abundância, atirava aos cães.

O porteiro comoveu-se com a narração feita em tom plangente e delegou à camareira Lúcia o encargo de transmitir o recado à ama.

Como sabemos, a criada era uma alma compassiva. Não foi difícil ao mendigo subir até à sala onde costumava repousar Matilde, de modo que a exposição das misérias do mendicante à camareira foi ainda mais minuciosa e soluçada.

A moça achava-se recolhida, mas, diante da chorosa narrativa feita pela humilde serva, lembrou-se de que o mundo era mau para ela, mas à sua mesa nunca faltara o pão. No seu rico armário sempre abundara a coleção de custosos vestidos. A sua alcova era um paraíso de delícias no tocante ao fausto, ao conforto, à elegância. No inverno nunca sentira frio, envolvida, como costumava ser, nos seus *edredons*, *fornires*, *boás* de pele quente, zibelinas da Sibéria, além do fogão na alcova e do *chauffage* em todos os departamentos da principesca vivenda, onde era dividida a residência do Conde com a de Londres.

No entanto, estava a chamá-la um desgraçado, que se arrastava pelas ruas de Paris, onde rolam aos milhões as fortunas dos argentários sem parcimônia, que vinha implorar-lhe de joelhos à sua caridade uma côdea de pão.

Sim, ela iria vê-lo para acostumar-se melhor a conhecer o que era essa outra modalidade de amargura, e talvez assim, quem sabe? pudesse ser mais conformada com o seu infortúnio e sorveria sem repugnância o absinto da desgraça. Mandaria mesmo o pobrezinho apresentar-se ao rei, a quem o recomendaria à sua benevolência com um bilhete perfumado, e, quando ele soubesse do seu belo gesto, haveria talvez de estimá-la mais profundamente.

Saiu contente do quarto e mandou que a camareira fizesse vir à sua presença o infeliz rafado.

— Que capricho esquisito, observou esta; a Condessinha quer então falar-lhe de viva voz?

— Naturalmente; que tem isso?

Eu mesma posso dar-lhe o que a Condessinha quiser.

— Dispenso a tua intervenção. É um prazer para mim conhecer pessoalmente quem padece mais do que eu. Não me sentirei diminuída na minha posição somente por defrontar com alguém que se arrasta no mundo como um verme.

As ordens de Matilde foram cumpridas, e o mendigo, atortemelado, caminhou pausadamente até parar à porta, onde estacou como que vexado.

— Pode aproximar-se, pobre criatura, disse meigamente a piedosa moça.

— Tenho escrúpulos de sujar-lhe a sala, Sra. Condessa. Eu sabia que V. Exa. era um anjo de bondade, e acreditei que talvez pudesse alimentar-me ao menos durante uma semana, se eu apelasse para o seu magnânimo coração. Está-me uma voz invisível adiantando que há aqui uma luz que nunca se apagará, uma alma que chora, mas onde as lágrimas são recolhidas por Deus para transformá-las em pérolas, com que V. Exa. ainda haverá de ornar a própria cabeça.

Deus o recompense pelos seus desejos. Em retribuição, vou dar-lhe uma bilhete apresentando-o

ao rei, que certamente irá fornecer-lhe meios de viver sem nunca mais necessitar de pedir esmolas.

- Oh, V. Exa. conhece o rei?
- Se o não conhecesse, não poderia dar-lhe a recomendação .
- Pois eu aceito o favor e beijo-lhe as mãos.
- Sente-se aqui e espere que eu escreva umas linhas.

O mendigo sentou-se num escabelo, enquanto Matilde se instalava junto à secretária para escrever esta carta:

“Alteza:

O acaso, ou a Providência, trouxe-me aqui um desgraçado, que há quatro dias não leva alimento à boca. E não morre de fome, não sucumbe de frio um herói que assim afronta as asperezas da vida e carrega a sua cruz sem gotejar sangue.

Lembrei-me de V. Majestade neste momento, isto é, lembrei-me, porque nunca mais se apagará de minha retina a sua imagem, ainda mais depois que me mandou aquela alentadora missiva, lida por meu pai, a quem foi confiada por um vilão. Hei-de contar-lhe por miúdo esse incidente, já que agora podemos ter um intermediário, que é este infeliz que vai à sua beira suplicar uma esmola do seu piedoso coração. Ele nos servirá de medianeiro sem que haja receio algum.

Felizmente guardei cópia da resposta que dei à sua referida carta, e aqui a junto para que conheça os sentimentos que me animavam. Essa carta, também confiada à minha camareira, desapareceu misteriosamente para reaparecer nas mãos de meu pai. Coisas que parecem obra de prestidigitação.

Pelo momento, saiba V. Majestade que sou agora mais feliz, já que Deus consente que nos possamos corresponder amiúde.

Não digo que aceite o meu coração, porque esse já lho confiei, como verá da cópia anexa.

Não deixe de arremessá-lo ao Sena, quando vir que ele o embaraça e enfada.

Sua esposa, ainda que no céu.

MATILDE*

A Condessa fechou a sobrecarta e entregou-a ao pedinte, confirmando o que já lhe dissera. O rei o receberia, e ele, o portador, podia contar que nunca mais padeceria fome, ou outras privações.

E, a seguir, entregou-lhe uma bolsa, que continha considerável soma de moedas de ouro.

O mendicante, recebendo as duas prendas, ajoelhou-se aos pés da moça e beijou-lhe a fímbria do vestido, saindo depois a arrastar-se penosamente.

Quando alcançou a porta da rua, pediu ao porteiro que entregasse aquela bolsa à Sra. Condessa para guardá-la em custódia. A esmola era vultosa, e ele, só agora refletindo, temia que lha furtassem. Tirara apenas uma moeda o bastante para mitigar a fome pôr alguns dias. Depois voltaria a buscar à sua banqueira, parcelada-mente, aquilo de que necessitasse.

O porteiro louvou-lhe o zelo e subiu a revelar à Condessa o critério do mendicante, entregando à patroa o saquinho das moedas. Esta ó abriu e verificou, com surpresa, que as moedas estavam intactas, enroladas em papel branco, ainda atadas pelo mesmo nastro azul com que foram amarradas. Mas, preso à fita, assustou-a um envelope com o seu nome por fora. Era uma carta de Carlos IX.

Matilde, ao reconhecer a letra do monarca, beijou o sobrescrito antes de rompê-lo e rasgou com açoitamento o invólucro, abrindo-se em um sorriso venturoso, como se uma alvorada de luz a banhasse em novos horizontes.

No coração virgem uma carta de amor é uma clareira rasgando-se à visão escura de quem começa a caminhada e já vai topando com o cipoal das contrariedades. Na noite trevosa do enamorado a quem não sorriem vitórias nas conquistas do coração, esse pedacinho de papel, onde vêm esboçadas palavras de ternura de alguém que nos enlouquece os sentidos, é a clareira em meio à aludida floresta.

Essa clareira foi-lhe a carta de Carlos IX, assim concebida:

"Condessa.

Há um Deus para os infelizes que não encontram na Terra o bálsamo santificador, que lhes guarde as chagas do coração. É invocando as graças desse misterioso interventor das misérias humanas que consigo voltar à sua presença convencido de que estas regras irão diretamente às suas mimosas mãos, sem passar pela censura de seu progenitor, como, por traição de alguém, que já foi castigado, aconteceu à outra precedente.

Não preciso mais dizer-lhe que houve uma radical transformação na minha vida desde que a conheci. Vejo o mundo por aspecto bem diverso e respiro uma atmosfera, cujo oxigênio como que já me vai alentando melhor o organismo. Fito o céu, onde outrora todas as estrelas se pareciam mais ou menos, e cuido que elas agora se tornam mais amáveis, mais belas, mais luminosas. Creio mesmo que sorriem, como talvez, em lhes chegando um contratempo, também chorarão.

Deduzo, destas comoções, que se vai fazendo uma evolução em mim e que uma força atrativa me ergue para além das barreiras deste charco, em que me vinha afundando.

Acha que me estou banhando num lago de poesia? Supõe que alguma musa vadia tivesse escapado do Olimpo para vir soprar-me estas divagações?

Creia que este é um modo de conversarmos mutuamente de maneira a trazer minha alma suspensa nas ilusões de sonhos inocentes, quando parece que tudo é encantamento e ventura, tudo esperança e felicidade.

Para que revolver a mesma fístula, que a esta hora me deu tréguas para conversar com o ídolo dos meus sonhos, e só por isso nem já sinto as dores que há poucos minutos me faziam contorcer o organismo!

O meu desejo era ficar assim, muito tempo, muitas horas, muitos meses, anos, séculos a fio a fingir que estava a escrever-lhe para que as lágrimas fôsem iludidas e se esquecessem de que tenho olhos para chorá-las. Infelizmente isso me é impossível. Sou escravo de deveres, e agora mesmo sou forçado a depor nestas linhas o meu beijo de saudade.

Repita os mesmos gorjeios que cantou em sua primeira carta, que não tive a ventura de ler, ainda que fôsse à custa de soluços, como lhe sucedeu ao ler a minha.

Beija-lhe as mãos outra vez o seu eterno

CARLOS."

Terminada a leitura destas divagações pelas regiões dos sonhos, a moça tinha a alma banhada nos suaves eflúvios do encantamento e, suspirando em doce enlevo, abriu os lábios em sorrisos alentadores e o coração aos desabafos da saudade e da desolação.

Depois beijou de novo a carta e guardou-a entre os tímidos seios.

Retrocedamos ao dia anterior para conhecer a origem deste mendigo e levantar-lhe a máscara com que se disfarçou.

Sentindo a consciência pesar-lhe por haver confiado em Vítor para a entrega da primeira carta do rei à Condessa, e ser o causador, embora involuntário, de alguns desgostos entre os dois jovens, Jaques resolveu procurar o monarca para dar-lhe uma satisfação mais ampla e pôr os seus serviços à sua disposição para o que fôsse de mister.

Pediu ao camareiro do rei que o pusesse em contacto com o amo, e -dentre de cinco minutos estavam em pleno colóquio os dois homens.

— Majestade, disse Jaques, devo-lhe uma reparação, por haver confiado a um vilanaz a incumbência de V. Majestade na entrega da carta à Sra. Condessa de Leicester, e estou disposto a reparar a minha, involuntária culpa, mesmo a sacrificar a minha vida naquilo em que puder servir a V. Majestade, inclusive defrontar a dama dos seus cuidados.

— Como conseguirás isso? perguntou o rei, esperançado e sentindo imenso júbilo no âmago do seio.

— Ordene V. Majestade, e verificará se não serei capaz de trazer alguma coisa que o

convença de que falei à Sra. Condessa.

— Pois bem, vou dirigir-lhe outra carta, pois exatamente desejava informar-me do que se passou depois dos últimos acontecimentos. Aguarda as minhas ordens.

O criado fêz uma mesura e retirou-se.

O monarca entrou a sala, onde era o seu escritório, dispôs papel e tinta, e escreveu o madrigal em prosa, cuja leitura já foi oferecida ao leitor.

Jaques, como o artista no teatro, teve de despir as roupagens da personagem, cujo papel acabara de encarnar, com êxito admirável.

Ao chegar a palácio dirigiu-se incontinenti ao rei e entregou-lhe a carta que trazia, como os gladiadores das antigas cruzadas romanas quando mostravam o prêmio da vitória nos arriscados e sanguíneos torneios.

O monarca sentiu nascer-lhe as alegrias da esperança, principalmente quando o expedito servo lhe contou as- peripécias do encontro, verificando que agora seria fácil ao corretor das cartas conseguir entrar no palácio com a senha previamente combinada. Ele iria indefinidamente buscar a moeda da sua manutenção em mãos da depositária dos seus modestos bens.

A imaginação do homem é fértil em conseguir o modo de resolver as mais complicadas necessidades, mas às vezes esbarra em óbices de mil feitios, sem poder remover a pedra que se lhe antepõe a dificultar a travessia para o outro lado onde se acha a solução da pendência em conflito. No caso vertente talvez o mais cadimo dos inventores de expedientes capitulasse, sem conseguir afastar os embaraços a superar. Entretanto, Jaques demonstrara o seu grande engenho inventivo, por tal maneira que até o próprio monarca ficou estupefacto com a sua extravagante maquinação.

O pedido de sua amada não caiu em terreno sáfaro.

Certo o pseudo-mendigo não necessitava de sua esmola; todavia, teve uma recompensa com que não contava. Estando encarregado de vigiar o palácio e de tomar conta dos reparos que inevitavelmente se exigem para a sua limpeza e conservação, passou subitamente a criado particular do rei, com imunidades especiais que outros muito mais antigos não desfrutavam.

Tinha inteira a liberdade, e assim todas as semanas, quando o Conde de Leicester regressava de Londres, ia, pelo menos duas vezes por semana, representar seu papel de mendicante, com a mesma admirável fleuma e perfeição, a ponto de já ficar sendo conhecido do Conde e do Duque, dos quais recebia quase sempre, sem que o pedisse, algumas moedas de ouro. O honesto e abnegado serviçal corria imediatamente a depor a desnecessária esmola na caixa dos óbolos de uma instituição de caridade, que ficava a poucos passos do palácio.

Logo da segunda vez que Jaques reapareceu à Condessa, naturalmente houve uma cena interessante de ser relatada.

O servo entrara carregando os mesmos trapos miserandos e arrastando-se com dificuldade.

Quando surgiu na sala, Matilde ria-se para ele, dizendo :

— Dói-me o sacrifício que vem fazendo, por meu respeito, bondoso servo.

— Não é somente por V. Exa. que o faço; lembre-se de que o meu estratagema aproveita igualmente ao meu querido amo. Daí, o duplo prazer com que sirvo a duas almas que se estimam deveras.

— Sabe que é feito de Vítor, certamente.

— Ninguém melhor do que eu pode informá-la do que sucedeu a esse sujeito.

E narrou com todos os pormenores o que o leitor já conhece, excluídas as escabrosidades do diálogo do ébrio.

A Condessa riu-se muito das peripécias narradas, e depois ficou pensativa por algum tempo.

Ela sabia que Vítor fôra recomendado ao pai pelo Duque de Parma, e, logo que o criado fôsse posto em liberdade, iria ao encontro do Conde e narraria tudo o que lhe acontecera. Conhecendo Vítor a Jaques, certamente o reconheceria através mesmo dos andrajos nauseantes com que ali se

apresentava. Era provável, portanto, que em breve estancaria a fonte da correspondência, com a agravante de haver possibilidade de algum mau desfecho.

Todas estas reflexões ela não teve escrúpulos em apresentar ao generoso intermediário da sua felicidade. Este, porém, acomodou os receios da moça, afirmando que o monarca tinha poder até para mandar matar Vítor, quanto mais para impedir que ele se defrontasse com o Duque.

Mais tranquila, a Condessa deixou-se confiar da providência e da astúcia de Jaques, assim como do valimento do monarca.

Todavia, na carta seguinte chamou-lhe a atenção para essas providências.

A correspondência continuou por seis meses, e Vítor permanecia detido e sem o direito sequer de ver a luz do Sol, ou de falar com pessoa alguma. Eram as determinações do monarca, que entendia dever deixar o alentado bruto viver, por achar que seria baixeza e covardia, uma diminuição do seu prestígio, dedignar-se a temer um mísero criado de cavalaria. As lutas dos homens dignos só se justificam em face de questões de alta relevância e contra quem tenha posição de relevo social. Não assim quando se trata de um simples servo de ínfima condição.

Mas, como sabemos, Vítor era metido a valentão e possuía uma força hercúlea, que lhe valera o mérito de haver matado um cavalo com um soco, como já foi dito. A prisão era inviolável, mas o carcereiro, ao ver a sua constante tristeza e o comportamento de que dava exemplo, acabou por tirar-lhe as algemas, recomendando-lhe todavia que nunca o revelasse a alguém, por maneira a jamais chegar ao conhecimento do rei — severíssimo na recomendação de inexorável rigorismo com semelhante traidor. E tirou-lhe as cadeias de ferro, que lhe retinham os braços.

O preso sentiu-se mais aliviado e concomitantemente esperançado.

Decorreram meses sem que a situação se modificasse, até que uma noite de frio, excessivamente chuvosa, o guardião não pudera resistir ao sono e encostou-se à porta do seu cubículo. Vítor, que já andava premeditando uma evasão, aproveitou a feliz oportunidade, que talvez jamais se reproduzisse, e meteu os possantes braços entre as grades do cubículo. Depois de ingentes esforços, que se revelaram vitoriosos, as reixas envergaram, deixando suficiente espaço por onde ele atravessar-se e sair jeitosamente sem ser percebido.

Fácil lhe foi alcançar um muro que, conquanto alto, deixara entrever a relativa facilidade para ser escalado por meio de uma escada. Ele sabia que no fundo do quadrilátero do terreno havia uma, longa e assaz pesada. Deliberou ir aonde estava deitado o pesado móvel. Levantou-o com grande esforço, que demandava três homens para a locomoção. Dentro de meia hora a escada era erguida, o fugitivo subia e, agarrado a uns galhos de árvores, que providencialmente frondejavam do lado de fora, descia na outra face da rua.

Isto se passava em Montmorency, onde existia uma das fronteiras com fortificações guarnecidas por gen- darmes.

Vítor, sabendo que lhe seria arriscado a tais dezoras atravessar as portas da cidade, sem dar a senha convencional à polícia das fronteiras, embrenhou-se na floresta e escondeu-se. No dia imediato conseguiu que um rapazola, residente em Enguien-les-Bains, que por ali passava, levasse um recado ao Duque de Parma, dizendo-lhe que um seu criado ali o esperava para ser conduzido na sua carruagem. Contou ao rapaz uma história cheia de peripécias tristes e logrou convencê-lo de que seria bem remunerado. Disse que havia saído do hospital, onde estivera seis meses enfermo e desenganado, e viera agora curado ao encontro de seu pai, que residia naquela localidade. Ali chegado, veio a saber que ele havia morrido. Estava sem recursos, e agora só podia contar com o Duque de Parma, que fôra seu amo até ao dia em que enfermara, e que certamente não o deixaria sucumbir à fome.

O rapaz ficou tão comovido com a história do patife, que chegou a derramar uma lágrima. E, aceitando o encargo, pôs-se a caminho da casa de Alexandre de Famese.

Era meio dia quando o Duque recebeu a alviçareira notícia e mandou rapidamente atrelar o seu

carro, dando ordem ao cocheiro para partir a toda a brida em direção ao local indicado pelo mensageiro da boa nova.

Era na verdade uma nova importante, que lhe viria oferecer ensejo a satisfazer a curiosidade sobre sucessos de que ele e o Conde não tinham conhecimento. As tentativas para interrogar o criado na prisão foram todas infrutíferas. Agora teria ocasião de desvendár o mistério que os envolvia. Como explicar a detenção de Vítor sem uma razão plausível e determinante, visto que o rei não poderia ter sabido da escamoteação das cartas?

O Duque fôra informado pelo Conde de tudo quanto se passara no assunto de que o leitor já tem mais claro conhecimento. Notavam entretanto os dois homens a relativa calma em que vivia a Condessa, deixando transparecer às vezes uns laivos de alegria, que só era toldada quando o Duque se aproximava para dizer-lhe as frioleiras com que ela se enfadava.

Esses momentos de ressurreição dos seus júbilos, sempre ocultos, davam que cismar aos dois homens. Muitas vezes tentaram sondar o âmago do coração da moça, porém ela se conservava irredutível em sua esquiva indiferença.

De Lúcia não arrancavam palavras que viessem trazer um bruxuleio de luz sequer no escuro ambiente em que tateavam os interessados nas indagações.

Era bem possível, pois, que Vítor viesse ser a luminária em tão obscura estrada.

Findas estas considerações, e quando lhe passavam pela mente, como um caleidoscópio, todas essas meditações, o veículo, em cuja boleia também vinha o informante que conduzia o Duque, estacava à porta de uma taberna, e viu-se logo surgir o vulto gigantesco do criado do Conde.

— Salve, o Sr. Duque, grande amigo e meu protetor, exclamou o bruto de braços abertos, tendo já emborcado duas garrafas de vinho de Bordéus.

O Duque acenou-lhe para que subisse à boleia e ordenou ao cocheiro rodar o carro para o palácio de Roberto Dudley.

Era uma agradável surpresa a que lhe ia fazer.

As 4 horas parava a carruagem no palácio de Vincennes.

O Duque desceu, mandou Vítor acompanhá-lo, entrou com este no interior da casa, mas ao encontro de ambos surgiu um mendigo andrajoso, de feições já muito conhecidas do criado, com outras vestes, cada vez mais esfrangalhadas, e agora coxeando com maior sacrifício.

Vítor, ao vê-lo, exclamou surpreso:

— O* Jaques, tu nesse triste estado de miséria! Já não és mais criado do rei?

Alexandre, ouvindo estas palavras tão singelas, mas que traziam um sabor de mistério, deteve o pseudo-mendicante e conseguiu que o Conde o prendesse e trancasse num quarto, depois de ordenar a dois criados que lhe dessem formidável surra.

Lúcia, que assistira a tudo, correu a avisar a ama do sucedido. Matilde compreendeu a extensão abismal do infortúnio a que de novo a fatalidade a arremessava, e ao seu amado. Soltou um grito de desespero, correu para o seu aposento e desmaiou sobre o leito, caindo ao chão.

A camareira, seguindo-lhe as pegadas, enclavinhou os dedos, unindo as mãos ao seio, e suspirou tristemente, murmurando:

— Que infortúnio! A Condessinha desta vez vai para os anjos.

E saiu a avisar o Conde do desmaio da ama. Este acudiu ao apelo. Contemplou a filha caída no solo, cruzou os braços e, com os olhos fulos de indignação e o coração repleto de ódio, como se fôra mordido por um andrão, resmoneou rugindo:

— Maldita a hora em que viste a luz da vida, traidora!

VI OS REFÉNS

O rei foi sabedor dos dois desaparecimentos — o de Vítor, fugido da prisão, e o de seu dedicado

amigo Jaques.

Houve grande alvoroço na cadeia ao saber-se que o solerte gigante, detido à ordem do monarca, havia conseguido escapar-se por maneira tão incrível, iludindo a vigilância do carcereiro. Este foi logo punido com prisão e conseqüente processo por claudicação dos seus deveres.

Quanto a Jaques, era desconhecido o motivo por que não voltara ao palácio com a costumada correspondência de Matilde.

Neste interstício, o Conde deu-se ao capricho de ridicularizar o rei, mandando-lhe um bilhete nos seguintes termos:

"Majestade:

Levo ao vosso conhecimento que aqui está detido um burlão, que se tem há longo tempo anunciado como mendigo, e de quem acabo de arrancar a máscara da hipocrisia, verificando tratar-se de um dos vossos criados de confiança, que me vinha ludibriando, não sei com que fins inconfessáveis.

E digo inconfessáveis, porque é ele mesmo que não quer explicar a razão do seu problemático procedimento.

Fica, portanto, ele detido em cárcere privado como refém, até que V. Majestade se digne soltar o meu fiel servidor Vítor, que há seis meses foi mandado prender por V. Majestade, sem que eu saiba também o motivo dessa violência.

São mistérios impenetráveis, que só V. Majestade poderá desvendar, se acaso não quiser confiar a decifração a alguma das sibilas inspiradas pelos deuses, como a sacerdotisa de Cumas, que nas florestas escrevia sobre as folhas das árvores, segundo nos informa Virgílio.

Humilde servo de V. Majestade

ROBERTO DUDLEY."

Recebendo esta carta escarninha, o rei meditou largamente, sem saber como agir em tão difícil conjuntura. Teve afinal a ideia de invocar o concurso de sua inteligente irmã para, como em conselho de família, encontrar uma solução razoável.

Margarida de Valois possuía vasto descortino e inteligência invulgar. Sabe-se que ela, antes de morrer, deixou o testemunho da sua imensa cultura e da sua estesia artística com a publicação de dois livros — Memórias e Poesias. Um espírito assim lúcido seria bem capaz de solucionar o que a experiência de outrem não lograsse realizar.

A interessante Princesa, ao ser-lhe apresentada e lida a carta do Conde, não hesitou um instante na solução do caso, aconselhando assim ao monarca.

— Deve o meu irmão tomar-lhe a filha em represália, e dessarte poderá discutir as condições da pendência a que foi sujeitado o refém.

— Como poderei dispor da Condessa para semelhante vingança?

— Utilizando-se do meu concurso.

Carlos IX apertou nos braços a jovem irmã e respondeu com entusiasmo:

— Quem possui uma irmã com tal coragem, não pode temer as batalhas de Jamac, Moncontour e Montgomery, todas reunidas. Vá cumprir a sua conquista, intrépida belatriz, que os louros eu os deporei sobre essa gloriosa cabeça.

Mais de uma vez Margarida houvera encontrado Matilde a passeio com sua aia nos Campos Elísios e no Bosque de Bolonha, e, nesse dia mesmo, depois das 2 horas da tarde, saiu em sua sege com a criada.

Essas jornadas se repetiram até que ao fim de três dias a filha de Catarina de Médicis conseguiu deparar com a caleche da Condessa. Aproximaram-se e beijaram-se, com a maior efusão de alegria, e acabaram descendo para dar uma volta a pé pelo bosque circunvizinho à Porte- -MaiUot.

Margarida mostrou-se muito empenhada em que a amiga fosse tomar chá em sua companhia no palácio real — o que a Condessa desde logo recusou, temendo as conseqüências da visita, de que era ela sempre a maior vítima. Tanta porém fora a insistência da amiga que Matilde acabou por aceitar o

convite, demais por haver sido interrompido o recurso por meio do qual se correspondia com o rei. Daí, a facilidade que se lhe antolhava de poder vê-lo de perto e ter a satisfação de ouvi-lo de viva voz.

Tomaram o carro juntas, vindo no outro as duas aias, e chegaram a palácio dentro de meia hora.

A recepção do rei, que ignorava até então os projetos da irmã, foi principesca. Dir-se-ia que um imenso horizonte se rasgava aos seus olhos deslumbrados naquele instante de inaudita ventura.

Era a primeira vez que o monarca via de perto a sua amada, depois do dia em que fôra com sua irmã ao palácio de Vincennes. Como a achava cada vez mais bela naquele costume de passeio, com o seu chapéu de verão e o rico vestido de lilás!

Antes de ser servido o chá, a irmã do monarca pediu licença para ir ao seu aposento mudar o vestuário e, sentando-se à sua escrevaninha, escreveu estas fulminantes linhas, em que deixou transparecer o seu aticismo, mesclado de sátira causticante, à moda de Juvenal quando criticava os vícios de Roma.

"Sr. Roberto Dudley:

Por caprichos do destino, às vezes maldoso, noutras imprudente, cabe-me a mim responder à carta que V. Exa. escreveu a meu irmão, dizendo-lhe que tomou como refém um dos seus mais dignos servidores. Nessa emergência, não podendo de pronto dar-se solução a um conflito, cujo veredito — é V. Exa. mesmo que o declara — está dependendo do oráculo das pitonisas, temos de aguardar o pronunciamento de alguma clarividente iluminada, como por exemplo a de Endor, que autorize meu irmão a também restituir-lhe sua filha Matilde, que aqui detenho como refém sob a minha guarda segura e inviolável, se antes V. Exa., por uma vingança da fatalidade, não vier a sucumbir vítima dos dentes da serpente Piton.

Criada de V. Exa.

Margarida de Valois

Foi Lúcia, a camareira, que levou a carta ao Conde, a quem ela comunicou, em ali chegando, que a Princesa Margarida a houvera despachado sem a ama, assegurando-lhe no entanto que não tivesse susto, pois que ela, Matilde, ficaria em sua companhia mais um pouco de tempo, e depois seria reconduzida a sua casa.

O Conde, ao ler a carta achincalhando-o, teve um abalo inenarrável, como se fôsse tomado por um acesso de loucura, e pôs-se a deblaterar furiosamente, afirmando que todos queriam ensandecê-lo. Amaldiçoava até a camareira da filha, dizendo que uma grande quadrilha de malfeitores havia jurado aos seus deuses levá-lo ao túmulo à custa das mais complicadas situações de desespero.

A sua primeira providência foi soltar Jaques e mandá-lo embora. Este ficou boquiaberto com a liberalidade do Conde, porque havia sido sujeitado a um longo interrogatório, de que nada resultara proveitoso ao Conde, e este, despeitado, dissera-lhe que, em resgate do malefício que o rei fizera a Vítor, prendendo-o por seis meses sem culpa formada, também ele, Jaques, ficaria recluso por outro semestre num cubículo de sua casa.

O confidente do rei envergonhou os farrapos nauseantes e saiu ereto e firme em demanda do palácio real, onde, depois de restaurado no seu tipo de camareiro, envergando a farda, narrou ao monarca o seu flagelo e reclusão de quatro dias.

À chegada de Margarida, acompanhada da Condessa, o rei, como dissemos, sentiu-se deslumbrado pela linda e inesperada aparição. Era o céu que se lhe abria e enviava aquele anjo, que não revira havia muito tempo. Tal um cego de nascença, que subitamente se deslumbra com a luz do Sol, assim ficou Carlos diante da sua ex-tremecida noiva.

Fôra ela mesma que se confessara sua noiva, ainda que no céu, e ali estava atolada neste paul, bem junta, dele, sorrindo, cheia de esperanças, mais desembaraçada do que outrora, quando tinha receio de falar-lhe de amor.

Como se passara o que agora o estava surpreendendo? Como conseguira sua irmã ir encontrar tão

fácilmente a celeste criatura, que não parecia ser visível neste mundo a olhos profanos, que dir-se-ia habitar regiões a que nós apenas remontamos em sonhos fantásticos ?

Tudo isso ele perguntava a si mesmo, enquanto segurava a mimosa mãozinha enluvada de sua querida noiva, mão que não deixou mais e que, delicadamente descalçando da luva, beijava com açoitamento numa sofreguidão de famulento, até que Margarida regressasse .-

— Minha encantadora Matilde, exclamara ele em arrebatamento de quem perdera o senso, diga-me como pôde desprender as asas para voar até mim?

- Encontrei-me casualmente com Margarida, e deliberei visitá-lo. Está visto que também vou ficar incomunicável, hoje ou amanhã, por ordem de meu pai, como aconteceu ao generoso mendigo, a quem devemos algumas horas de renascimento da felicidade.

— Sabe alguma coisa a respeito de Jaques?

— Sei que o nosso traidor Vítor está de novo a serviço de meu pai, sendo ele quem reconheceu Jaques, disfarçado sob a indumentária de mendicante.

— Era de esperar a readmissão. Desde que fugiu, naturalmente procuraria aqueles que lhe prestigiam a indignidade.

— O mais perigoso é qqe ele continua a ser o espião da casa, e não sei se nos estará observando ali, atrás daquele sumilhar, na forma de um fantasma invisível.

Nesse momento chegara Margarida com a carta — cuja entrega já conhecemos — e, depois de mandar chamar a camareira da Condessa, recomendava levá-la ao Conde.

— Que vai fazer, minha amiga? perguntou Matilde atemorizada.

— Enviar a resposta de uma carta que seu pai remeteu ao rei de França.

Dados os esclarecimentos, ambas as cartas foram objeto de exame, causando pasmo à Condessa a de seu pai, e surpresa aos dois namorados a de Margarida ao Conde.

A represália fôra admiravelmente urdida, mas as consequências anunciavam-se terríveis para a filha do Conde de Leicester.

Ela porém houvera declarado epistolarmente que não podia ser mais infeliz do que já era. Que temer, pois? Objurgatórias, insultos, castigos corporais, tudo que lhe viesse desabar sobre a frágil cabeça, em nada aumentaria o pavor em que, como assombrada, vivia a sua alma, órfã de esperanças.

Se o seu amado fôsse um artífice, ela teria o recurso de fugir de casa e ir pedir à religião a bênção para o enlace do seu corpo e a Deus as graças da misericórdia para a sua alma. A posição de seu amado, no entanto, era uma escravidão. Em amor, aquele que está colocado na mais alta situação é o que nem mesmo às vezes pode dispor de seu coração. Nesse particular ambos viviam respectivamente acorrentados ao preconceito e à dominação.

A carta,- como foi dito, seguira seu destino. Daí a uma hora chegava Jaques recambiado, por isso Margarida achou prudente que a sua amiguinha regressasse imediatamente a sua casa para poupar-lhe maiores dissabores, que seriam multiplicados na proporção da gravidade do delito. Mandou a sua aia acompanhar a moça ao palácio de Vincennes. A despedida foi uma página dolorosa para o rei e um golpear de coração para a desconsolada jovem.

Quando ela tomou a sege, tinha os olhos marejados de lágrimas, e foi ainda com eles pisados que pousou os pèzinhos no ádito do palácio.

O pai passeava agitadíssimo pelos salões, repletos de quadros artísticos, de estatuetas raras, de tapetes orientais, de objetos de arte e cerâmica, valendo fortunas nababescas, mas onde reinava a tristeza tumular dos aborrecidos da vida. O fausto era somente o do exterior, que no íntimo daquelas almas enfermas tudo era miséria, ruína, desesperos, lágrimas de sangue.

O intransmissível cálice de amarguras da Condessa ali estava cheio de fel, aguardando apenas o seu regresso voluntário, que nem o próprio Conde sabia quando se verificaria. Tanto maior a demora, tanto mais amargoso seria o fel depositado. Ele era intransmissível, era para ela, só dela.

Ouviu-se o tropel dos passos da moça, que regressava, como o condenado que se vem arrastando

ao lado do carrasco, aguardando o momento de ser imolado no patíbulo.

A Condessa dirigiu-se imediatamente aos seus aposentos. Chamada para o jantar à noite, recusou-se a fazer ato de presença. O Conde hesitou em ir ao seu encontro por ser já tarde, e não se sabe que anjo benévolo teve o poder de espiritar-lhe a resolução de poupar à filha, por aquele dia, os tormentos de uma inquirição infernal.

Mas, no dia seguinte haveriam de abrir-se as portadas do inferno para as labaredas, em que teriam de ser queimadas as asas da angélica criatura.

Ela esquivava-se ao aparecimento no salão das refeições. O pai, inexorável, imperativo, foi ao seu encontro na sala particular dos seus aposentos e saudou-a apenas com um menear da cabeça.

Matilde deitou sobre uma mesinha de acaju a macerada fronte, apoiando-a nos braços cruzados, e esperou o trovejar do furacão trememente, que vinha desde a véspera ameaçando derrubar as paredes do palácio com o estrondear das recriminações do pai.

Este começou a tamborilar impacientemente sobre outro móvel, sem saber como dar começo ao interrogatório acerca da inesperada aventura da filha. Acendeu um charuto e ficou a ver-lhe as espirais azuis a evoluir-se para o espaço e a amortecer, diluindo-se, ao chegar ao teto, ricamente ornado de pinturas representando, em grandes retábulos, de um lado figuras de guerreiros romanos de arma em riste, e do outro largas campinas verdejantes de um colorido, mais tarde reproduzido pelo pincel mágico de Rubens, por onde pegureiros pacientes conduziam rebanhos de brancas ovelhas, de um bucolismo pastoril.

— Estou vendo ali naqueles painéis os diversos símbolos da luta do homem na Terra, começou ele em voz adocicada para dar uma tonalidade tranquilizadora ao seu discurso de entrada, tendo os olhos revirados para a ornamentação do teto.

— E' isso, obtemperou a moça erguendo a cabeça e acompanhando a viagem aérea através da mesma estrada dos olhos paternos pela abóboda da sala, decorada com as visões da arte, e aonde iam morrer as volutas cinzentas da fumaça.

— Deste lado, continuou ele, se digladiam os defensores do direito, da honra pátria...

— Com a lança em riste para a destruição de vidas, em cujo número se nota com dissabor a ausência de meu pai, interrompeu a moça.

— Do outro, prosseguiu o Conde, como se não ouvisse o desaforo da filha, o burguês rude, ignorante das coisas essenciais, a dirigir com varapaus...

— As mansas ovelhas do Senhor, aquelas de quem Jesus se ocupava, aconselhando-nos que fôssemos mansos e pacíficos como elas.

— E tens sido porventura mansa? inquiriu o Conde, erguendo-se ab-ruptamente irritado, porque a filha o vinha impiedosamente humilhando.

— Mansa como ovelha que espera simplesmente a hora em que os vencedores da honra a venham imolar para vendê-la ao açougue. E' isso a honra.

— Sabe lá o que é honra quem sai de casa e, sem audiência de seu pai, caminha ao encontro de qualquer Orfeu aventureiro para ouvir-lhe as artimanhas líricas com que sonha adormecer as feras, no propósito de apanhar a sua Eurídice?

E volveu a sentar-se, regamboleando as pernas, contente da invocação mitológica.

— As feras se encontrariam aqui, se Orfeu tivesse o mau gosto de vir tanger a sua lira à nossa porta. Mas, se viesse fazê-lo, passaria pela decepção de verificar que a sua Ura era ineficaz para adormecê-las.

— Deus é testemunha da tua insurreição contra a disciplina que tinhas obrigação de manter, respeitando os conselhos, os deveres fúiais, a defesa do teu futuro, que somente um verdadeiro pai, no propósito de acertar e de conjurar males, concede aos seres que lhe são confiados.

— Deus não pode ser testemunha de violências, que aberram da sua justiça.

— Que pretendes tu do rei?

— Amá-lo até morrer, e, se existe uma eternidade, lá nos encontraremos.
— Terás muito que esperar, disse com um riso de escárnio, a tamborilar de novo sobre o mármore da *etagére*.

— A continuar a gonilha de ferro com que a desventura me aperta a garganta, morrerrei asfixiada dentro de pouco tempo.

Roberto soubera pela camareira da filha que Matilde havia ido ao palácio real a convite da Princesa Margarida, por isso não a apertou em maior círculo de discussões, ao demais verificando a habilidade com que a moça lhe desviava inteligentemente os venábulo, com que cuidava feri-la e que voltavam em ricochete sobre ele.

Afastou-se e recolheu ao seu aposento, donde saiu depois a passeio no seu cavalo, para desafogo da alma ulcerada pela desesperação.

A Condessa, no dia imediato, insurgida pela presença do espião, que lhe causara o desarranjo da correspondência com o seu amado, declarou ao Conde que não suportaria mais a presença de semelhante indivíduo repulsivo, acrescentando que seu pai deveria considerar indigno de ali continuar a viver quem animava sentimentos tão baixos, a ponto de prestar-se a ser gatuno de cartas particulares. Se o criado não fosse dispensado do serviço, ela não mais viria à mesa para alimentar-se, passando a fazer as refeições em seus aposentos, ocultando-se às visitas e alegando que tinha morrido para a sociedade.

O pai, sabendo quanto era ela caprichosa e altiva em suas deliberações, houve por bem combinar com Alexandre de Farnese a transferência do trampolineiro, e, aceita a proposta, endossou-lhe o indesejável paquiderme.

Vítor ficou guardando maior odiosidade à Condessa, mas não lhe era fácil tirar desforço da repulsa feita à sua grande pessoa, grande no sentido pejorativo.

Inaugurava-se agora uma época de desolação para os dois enamorados, com a ausência de notícias a que ficavam sujeitos, não lhes podendo mesmo valer mais a intervenção da magnânima Princesa Margarida, por haver esta estabelecido uma tal ou qual incompatibilidade entre si e Roberto com a detenção da filha e o envio da carta radicalmente irônica.

Houve necessidade de ser alvitado um novo processo para que o rei pudesse estar em contacto de palavras escritas com a sua amada, que não basta ao coração o platonismo do amor, sem haver a brasa que aqueça o turíbulo para o incenso nas fumaças diante da ara em que se assenta a imagem idolatrada.

De um lado era a Condessa que suspirava por um modo de reanimar as consolações conduzidas por esse pedaço de papel perfumado, trazendo vestígios do hálito que o bafejou, enquanto a pena desliza sobre o alvamento papel.

Em outro palácio, mais adiante, alguém, em relação de pensamento, não se contentava com a simples telepatia, pois anelava reacender da cinza extinta a chama amortecida.

Que pena não ter sido possível reter a Condessa como refém por mais algum tempo, lamentava o monarca; para que havia o Conde de lhe devolver Jaques tão depressa? Que o guardasse por toda a vida, seria mais conforme ao egoísmo do seu coração amante.

A recordação de Jaques avivou-lhe a ideia de verificar se ele, ardiloso e audaz, não seria capaz de outra invenção extravagante para retomar o posto de núncio dos seus amores. Quem da primeira vez se houvera com tanta habilidade, era apto para outros empreendimentos de igual ou maior valor, a menos que se julgasse a capacidade inventiva do homem aniquilada diante do primeiro fracasso. A vingar esta teoria, o mundo não teria saído da idade da pedra.

Com a impaciência dos namorados ardorosos, o rei mandou chamar Jaques, que acudiu levípede, ouvindo as lamentações do amo sobre a derrocada da sua descoberta por Vítor. Não tinha mais facilidade para ter novas da Condessa, nem para abafar a chama na pira da saudade. O servo adivinhou-lhe os intuitos e respondeu, animando esperanças:

— Há-de se lhe dar um jeito, Majestade. Queira aguardar a fecundação da ideia.

E retirou-se.

Já no dia imediato ele lobrigava uma fresta, por onde podia entrar um raio de luz.

Vítor houvera-lhe dito em tempo que a Condessa preferia sempre a Catedral da Notre Dame para as suas orações aos domingos. Ele conhecia um dos sacerdotes, que era tio de sua finada esposa. Pensou em procurá-lo, e fê-lo com urgência, tendo-o facilmente encontrado pela manhã seguinte na igreja.

Falou-lhe primeiro da sua fé, que nunca fôra amortecida. Estava no fim da vida e precisava prestar algum serviço à religião, lembrando-se de que poderia acolitar o tio, se ele consentisse em ajudá-lo a salvar a alma. O padre ànuuiu ao pedido, sem relutância alguma, louvando-lhe o zelo, embora tardio.

No domingo seguinte comparerecia Jaques à hora da missa do meio dia. Paramentou-se e seguiu o sacerdote com a necessária compostura e sem dificuldade de noviço, porque, em menino, já havia ajudado a muitas missas na Normandia, de onde era natural.

Em meio aos assistentes não lhe foi difícil descobrir a figura saliente de Matilde, graças à irradiação da sua beleza.

Terminado o ofício religioso, um bando de gárrulas meninas, vestidas de branco, tendo à cabeça grinaldas de flor de laranjeira, como noivas liliputianas, subiram a nave junto ao santuário, para formar alas e sair na ordem disciplinar. Eram as órfãs do Recolhimento da Virgem Maria.

No meio das senhoras que contemplavam o lindo quadro das louras crianças, postou-se a Condessa, que foi surpreendida pela presença de Jaques, não mais envolvido na esfarrapada roupagem de mendigo, mas na sobrepeliz de sacristão.

A moça não pôde sofrer um frouxo de riso ao ver o seu protetor, que veio solícito ao seu encontro e perguntou-lhe se ela não iria à sacristia, como faziam outras fidalgas, pois tinha alguma coisa importante a referir-lhe particularmente. A resposta foi afirmativa, e Matilde entrou no citado compartimento seguida de Jaques.

O padre, ao vê-lo comboiando a formosa menina, admirou-se de tão importante conhecimento, e tornou-se incivilmente indiscreto com o sobrinho, a indagar da origem e da pureza dessas relações. O acólito esclareceu que conhecia a Condessa simples e honestamente por ser íntimo amigo da Princesa Margarida de Valois, irmã do rei, seu amo e senhor.

O padre abriu desmesuradamente os olhos, admirado da influência do sobrinho assim metido com soberanos e damas de alto coturno, mas os seus olhos cúpidos e pecaminosos dilataram-se mais ao admirar a plástica deslumbradora da piedosa devota.

Já na sacristia, Jaques isolou-se das vistas curiosas do tio e pôde notar a imensa alegria que a sua presença proporcionava à gentil dama. Falou-lhe então que a sua vinda, ali e o papel que estava desempenhando eram o segundo ato da comédia, ou da tragédia, em que ela e seu amo tinham grande parte, como protagonistas. A Condessa que lhe desse as suas ordens, e seria obedecida como se ele fôsse um molosso fiel.

Matilde apertou-lhe ambas as mãos, com transbordante satisfação, e disse:

— São as mãos do homem mais abnegado que hei estreitado na minha vida. Deus, que nos assiste dentro desta nave, hà-de abençoá-lo e perdoar-me por escolher a sua casa de oração para desabafo de amores infelizes. Por hoje me limito a escrever duas palavras ao rei.

E, tomando um seu cartão de visita, estampou a lápis este recado:

"Amo-o agora e sempre, dentro da Igreja de Notre Dame, ou no Campo Santo, onde o corpo repousa da escravidão e a alma revive para a liberdade.

Matilde"

Envolveu o cartão no seu perfumado lençinho, amarrou-o com uma fita tirada aos seus adornos e teve a habilidade de escrever à lápis sobre a cambraia alvejante do lenço: "A Carlos, inèu esposo

espiritual".

Quando uma hora- depois Jaques regressava a palácio e entregava a preciosa relíquia' a Carlos IX — que abriu o esquisito invólucro, leu .O. cartão e Viu a assinatura da Condessa — teve ocasião de verificar quanto o rei merecera o seu sacrifício, porque este, com os olhos marejados de lágrimas, tomava-o nos braços, apertava-o com ardor ao peito e, com arrebatamento, exclamava:

- Tu és um grande amigo, Jaques. Deixa que tome a cingir-te em seus braços o rei de França.
- Mas essas lágrimas, Senhor?
- São as- da alegria, que eu não pude represar.

A correspondência passava agora a ser trocada depois da missa domingueira, na Notre Dame, com voluptuoso deleite dos olhos do padre, que se banhava em maiores e mais sensuais eflúvios de admiração pela Condessa, já que mais não lhe era permissível.

Eira assim a devoção católica naqueles tempos, como o fora antes e como continua a ser atualmente. A casa do Senhor servia aos namoros, ao simulacro dos acólitos e à adoração pecaminosa da carne pelo olho percuciente e libidinoso do padre.

No entanto, o Divino Mestre havia assegurado como uma ameaça: "Quem olhar para uma mulher, cobiçan- do-a, já no seu coração adulterou com ela."

VII CORAÇÕES PARTIDOS

O expediente de Jaques durou pouco tempo por desnecessário, visto como lhe era bastante esperar a Condessa à porta da igreja para a troca das cartas amorosas, sem o sacrifício de ajudar às missas, que, segundo a classificação teológica, já era de si um sacrifício sem paramentos.

O Conde, embora alardeasse a inflexibilidade das suas convicções católicas, era pouco devotado ao misticismo da religião, vivendo na acídia des irreverentes, deixava a filha desafogar-se nas contemplanções desse mundo de sacrifícios pela regeneração das almas, visionárias a sonhar a perfeição da espécie, quando, ela só tem demonstrado um retrocesso à selvajaria, disputando a perversão do homem das cavernas.

Se ele tinha razões para pontificar sobre a matéria. ...

Por sua vez, o Duque, no que respeita a crenças, era como três quartas partes do elemento católico, que só vai à igreja para a missa dos defuntos amigos e para casar ou batizar alguém, de quem não se pode desvincular.

Os namorados costumam dar-se entrevistas nas igrejas, mas esse não era o caso do Duque, que nem mesmo em casa do imaginário sogro conseguia arrancar uma palavra de esperança à sua cobiçada noiva. Daí, nunca aparecer na Notre Dame, e, ainda que lá fôsse, nada poderia descobrir, porque o conivente nas relações epistolares não se deixaria cair nas malhas de tão mau caçador.

A vida amorosa do rei continuou assim por largo tempo, até que uma manhã, passando à porta da igreja o ex-criado do Conde, viu a carruagem de Matilde e conheceu-a. Teve a curiosidade de esperar a passageira no adro, e notou a coincidência de ali achar-se igualmente o seu colega Jaques. Ora, este também vira de longe a Vítor e conseguiu meter-se por entre a compacta multidão, onde lhe era franco o acesso à sacristia, saindo por outra porta. Correu ao palácio e comunicou ao monarca a nova de que Vítor penetrara na igreja, certamente por. achar-se ali perto a *caleche* da Condessa. Jaques adivinhara os intuitos do matador de cavalos. Não estava ali com boas intenções.

Foi rápida a resolução de Carlos IX, indo em defesa da sua muito amada. Ordenou a expedição de uma escolta, que se pôs em movimento com a rapidez de quem se apresta para uma defesa de emboscada.

Logo que terminou a missa, a Condessa saía e tomava o seu carro, quando um mastodonte se ia avizinando dela, certamente para desfeiteá-la, mas nesse momento chegara a escolta, tendo a guiá-la Jaques, porque os soldados ignoravam o que iam fazer. Foi então que o servo do rei lhes

apontou Vítor como sendo o indivíduo que teriam de levar à mesma prisão, onde já estivera hospedado.

Conduzido como boi ladrão, o criado de Alexandre nada mais proferiu do que uma palavra, que encerrava um programa de desaforos:

— Canalhas!

As grades da prisão foram restauradas e a escada evasora retirada do terreiro.

Soube o Duque da nova detenção de seu criado, de que logo informou ao Conde. Ambos ficaram outra vez em conjecturas, sem saber explicar-se o que havia determinado essa providência, que eles consideravam violenta.

Desta vez não foi difícil a Alexandre conseguir falar a Vítor na prisão, porque não havia ordens severas, nem ali estava mais o antigo guardião, que o impedia, e ao Conde, de entabular conversa com o detento.

De viva voz soube o Duque que a Condessa ia assistir à missa na Notre Dame. Até aí nada havia de estra-nhável, mas, quando o criado acrescentou que também deparara com Jaques à porta da Catedral, o desconfiado moço, por uma associação de ideias, lembrou-se do mendicante.

Não seria para suspeitar que Jaques ali estivesse como intermediário do desavergonhado namoro do monarca? considerava ele consigo mesmo.

Isso era verdade muito verdadeira, que o leitor já conhece, mas que só agora foi suspeitada pelos mais interessados do que nós ambos — o leitor e eu.

O mundo anda errado nestes enredos de famílias, tanto assim que há coisas bem graves, acontecidas aos namorados e aos maridos desprevenidos, que toda a gente sabe, menos os tais senhores.

Ora, Vítor felizmente não notara o regresso do criado do rei, pois que o perdera de vista, e não pôde conceber que fôsse ele quem mandara buscar a escolta.

Industriado por Jaques, o sargento comandante disse a Vítor que ele andava, havia muito tempo, à sua procura para prendê-lo, desde a sua fuga da cadeia, e que casualmente o vira à porta da igreja, quando o detivera.

A mentira sortira o almejado efeito, que era distrair a causa da detenção e libertar a Condessa de novas tribulações.

De feito, quando o Duque revelou a Roberto o resultado das suas pesquisas, feitas no intuito de apanhar em flagrante a desventurada moça, este não mais pensou na convivência involuntária que a filha tivera na reincidência desse castigo do último domingo. Deu-se à fantasia de pensar que ela tinha sido defendida pela Notre Dame, e, se tivesse a certeza, passaria a ir também rogar à Virgem Santa que o pusesse ao abrigo das hostes infernais, que lhe rondavam a cabeceira, não o deixando dormir sossegado.

Quanto a Jaques, é natural que se desse ao luxo de ser católico praticante, justamente nessa época de insurreições de guerras contra o calvinismo, em que cada um devia definir seus credos para evitar o cutelo, já levantado sobre a cabeça do Almirante Coligny por Catarina de Médicis.

Referindo-nos à mãe do rei, é tempo de adiantar alguma coisa de importância sobre as suas aflições a respeito dos amores de seu filho com a Condessa de Leices-ter, dos quais tivera conhecimento havia muito tempo e que tentou embaraçar infrutuosamente.

Autoritária desde o tempo da regência, em que dominava a vontade dos filhos intervindo dois anos depois no casamento de Margarida de Valois com o Príncipe Henrique de Navarra, depois na vida do Duque d'Anjou, conseguindo que ele fôsse eleito para o trono da Polônia em 73, graças à sua influência junto à Diplomacia estrangeira, não era estranhável entender que lhe competia dar a Carlos IX uma esposa a seu alvedrio, não confiando ao filho a escolha da futura rainha.

Andava bailando em seu pensamento desde longa data a imagem da filha de Maximiliano II, rei da Áustria, a quem Catarina desejava para sua nora, e disse já dera conhecimento ao monarca, que

refugou a escolha, porque o seu coração estava ocupado, e não se deixaria tomar em uma investida de adversários.

Nas suas cartas a Matilde ele já havia denunciado as intenções de sua mãe, que continuavam a ser-lhe manifestadas com teimosia e impertinência. Ela exaltava as virtudes de Isabel d'Àustria — a indigitada esposa, escolhida —, no intuito de acomodar os seus cálculos interesseiros, baseados em manobras políticas, e, em sentido contrário, alegava a incompatibilidade hierárquica da Condessa, que não trazia nas veias sangue real.

Matilde, depois de um ano de lutas contra a autoridade do Pai, verificando o estorvo heráldico da sua aliança com o escolhido do seu coração — estorvo esse alegado justamente pela mãe do rei —, acabou por admitir a proposta de Catarina como único recurso para que o monarca tomasse estado, visto como não lhe era lícito a ele permanecer celibatário por uma fatalidade do destino.

Ela lhe escrevera com a maior lealdade e franqueza: "Não posso, nem a consciência me aconselha, ser injusta e egoísta com aquele a quem me vincularam os mais estreitos laços de afeto. Conquanto amando-o até à suma idolatria, devo abafar em meu peito a ambição, que o privaria de buscar na vida as venturas, que a infelicidade me impediu de gozar. Seja um apenas a padecer as fráguas do isolamento, seja eu a só, a única, e vá o meu saudoso amigo colher no concerto das festas, no borborinho do mundo ruidoso as distrações de espírito e talvez os afetos de um coração virgem, que tenha arroubos e... liberdade para fazê-lo ditoso. Eu ficarei segregada do mundo, viverei como viúva inconsolável, mas disposta a conter os ímpetos do coração e a ordenar-lhe que cale as suas vibrações de esperança."

Numa das últimas cartas, o rei amaldiçoava-se por não ser capaz de vencer o infortúnio, nem com o seu grande poderio, nem com a abundância do seu ouro, e ainda vacilava em renunciar às suas aspirações. Matilde respondeu-lhe que, se o amor era o liame da alma, esse nunca seria rompido por ela. Podiam ver-se, amarge como se amam as flores, como se adoram os anjos no céu.

A essa carta respondeu o rei que aceitava o conselho por partir dela, e não para atender aos desejos de sua mãe. Casaria com Isabel d'Àustria para experimentar se assim dominariam ambos a situação de ansiedade em que viviam, sem solução honesta e razoável, mas jurava que a imagem dela ficaria ocupando o seu coração por toda a vida e que a *outrase* contentasse em ficar do lado de fora, por não haver lugar para mais ninguém.

Era romântico, mas verdadeiro tudo isso.

No fim desse ano de 70 Carlos IX casava-se com a Arquiduquesa Isabel, e os sponsais realizaram-se com grande pompa e duraram as festas alguns dias, como de hábito nos consórcios da realeza.

À hora em que o sacerdote celebrava o enlace e abençoava os nubentes, ninguém viu o monarca enxugar uma lágrima, em que a imagem da Condessa brilhava, como dentro de uma pérola; e, ao cingir o busto da esposa recebida, para o abraço de confraternidade, ele não via a radiante criatura que se abria em sorrisos para permutar-lhe o amplexo do vínculo eterno, porque era ainda ela, Matilde, a sua amada, o anjo dos seus pensamentos, quem ali estava em efígie para interpor-se ao abraço nupcial e recebê-lo bem junto do peito, daquele seio cálido que ele apertara uma só vez somente no baile da Embaixada, para nunca mais, nunca mais deixar de palpitar por ele.

Dessa data em diante cessaram as relações epistolares do rei com a Condessa, mas a vida de ambos ficou sendo um sacrifício de amor e de saudade.

A guerra de Amey-le-Duc nesse ano travava-se mais violenta do que as anteriores, em que o monarca já havia esgotado grande parte das suas energias com os aprestos indispensáveis a fazer cessar as hostilidades, sempre intermináveis e invencíveis. Desta vez ele pusera a sua cabeça a risco em varias ocasiões, no funéreo intuito de findar um tormento que lhe minava o ânimo abatidíssimo.

Sabia, por informações de Jaques, que Matilde vivia agora ainda mais insulada da sociedade, apenas comparecendo aos ofícios religiosos aos domingos, na igreja da Notre Dame, certamente para

não se esquecer que ali houvera buscado no refúgio da piedade da Virgem as consolações, que continuava a rogar-lhe, não mais para que se realizasse uma união em que consistiria a sua suprema ventura, mas para suplicar-lhe forças que lhe fôsem esteio aos embates da fatalidade e do desânimo.

Era ainda a miragem de uma felicidade não gozada, que levava o rei a pedir a Jaques, seu amável confidente, que soubesse novas da Condessa e lhe desse impressões suas continuamente, já que isso o consolava no túmulo das suas alegrias.

Depois do casamento do rei redobram os esforços de Roberto Dudley e de Alexandre de Farnese para demover a moça a deixar a vida celibatária, unindo-se, embora a contragosto, a quem ela não desejava para esposo.

Eram, porém, inúteis todas as tentativas em desviar a jovem Condessa dos seus propósitos, porque a receita que ela houvera propiciado ao seu amado não lhe convinha aplicar à enfermidade do seu coração, embora o mal tivesse a mesma origem. A situação era bem outra.

Demais, o benemérito confidente Jaques tinha a indiscrição de informá-la de que o monarca lhe pedia constantemente notícias suas à hora da missa, e ela mesma o vira um domingo na Catedral, ao lado de sua esposa, lançar os olhos com vivo interesse para todos os lados, no intuito de vê-la, e, ao distingui-la junto do altar, premiou-a com um longo sorriso de júbilo.

Esse platonismo voluntário era-lhe suficiente e menos pungitivo e difícil de suportar do que um enlace incompatível com a sua vontade.

— Nem agora, que reconheceste a volubilidade do rei, o esqueces de uma vez? perguntou-lhe o pai em dado momento.

— Ele não foi volúvel, não.. Foi uma vítima dos preconceitos. O mundo tem várias formas de lançar veneno na taça das almas atribuladas. A mim coube-me o martírio de ter um pai a forçar-me para uma união irreconciliável com os anelos do meu coração. A ele foi a mãe quem o obrigou. Mas fê-lo porque um monarca não pode subtrair-se à necessidade de continuar a sucessão da sua estirpe, ao passo que eu não me interesso pela permanência da vergôntea dos Leicester.

O Conde mordeu os lábios, despeitado.

Tinha razão a moça. Seu tio João Dudley morrera no cadafalso em 53; seu primo Ambrósio esteve ameaçado também de ir à forca e seu avô acabara seus dias no patíbulo.

Quanto a seu pai, Roberto Dudley, cortesão da Corte de Eduardo IV, sendo um belo tipo de homem, havia conquistado o coração de Isabel, rainha de Inglaterra, que lhe tributava imensa paixão e da qual era ele favorito, havendo-lhe passado pela cabeça a ideia de maridar-se com a amante — o que explica o fim misterioso de Amy Robsante em 60, com quem Roberto se casara em 49, e da qual nascera Matilde numa temporada em que o casal se encontrava de passeio em Paris.

Ainda vamos assistir a novos desatinos desse volúvel sujeito no decurso deste livro.

Era raro o dia em que, ora o Conde, ora o Duque não importunavam a Condessa com ligeiras insinuações de molde a sondar o seu estado d'alma e verificar se porventura não havia já entrado aí o micróbio que viesse roer-lhe o interior e acabasse por destruir a solidez do edifício — esse malsinado amor pelo rei —, como o cupim faz ao mais resistente cedro.

Se algum bicho roedor a minava por dentro, era de certo de natureza diversa e de efeito diuturno, e tinha ascendência sobre o outro. Bem que a sua vida definhava dia a dia pelo desengano, em contraste com os desejos dos dois atormentadores da sua vontade, que permaneciam nas falazes ilusões de uma esperança nunca afagada nem adubada por ela.

O certo é que Matilde, esporeada por tantos contratemplos, resistindo quanto lhe era possível aos aborrecimentos quotidianos, alimentando-se muito frugalmente, às vezes sem levar nada à boca, passando várias noites em vigília e arrastando-se em progressiva astenia, acabou por ceder a uma enfermidade, que a debilitava cada vez mais, causando graves apreensões ao pai e ao seu desventurado pretendente.

Não era mais a formosa criatura de outros tempos a pobre menina. Ofuscava-se a sua beleza nas sombras de traiçoeira enfermidade.

Os médicos chamados não encontraram na medicina o remédio ao mal.

Pudera. Quem sabe lã ministrar doses medicamentosas para enfermidade da alma? Quem já viu curar o amor profundo, a paixão violenta com pílulas e ventosas?

Já Cícero dizia: As moléstias da alma são muito mais difíceis de curar do que as do corpo (morbi pemi- dosiores pluresque sunt anime quam corporis.)

A própria Condessa enganara-se nos seus prognósticos, quando afirmou que estava disposta a conter os ímpetos do coração, ordenando-lhe que calasse as suas vibrações de esperança.

Como então capitulou assim covardemente? Da mesma forma como também Carlos IX não se conformava com o rompimento dos seus embaladores sonhos.

E' que todos se enganam com as inesperadas e traiçoeiras garras desse abutre, que nos ataca muitas vezes de emboscada, para ter a satisfação de melhor cevar-se no sangue da indefesa vítima.

Não fôsse o amor terrenal um sentimento de posse do corpo para as delícias da carne, ao serviço da procriação da espécie, e bem fácil seria conter os impulsos, os arrebatamentos, os tresvarios da razão empurrando à força a frágil criatura atormentada para os braços de quem a cobiça com todas as vontades do sangue. Porque, não é a razão quem governa nesses prélios do coração; é a pólvora do sangue, é a matéria explosiva dos nervos, é a atração sexual, irresistível, indomável, insuflada pelas leis da natureza, e o homem não pode nunca subtrair-se às leis da natureza, que é obra do Criador.

O contrário disso é tentar impedir as expansões e a marcha natural da vida em seus mais importantes objetivos superiores. Seria o mesmo que experimentar deter a marcha do Sol e dos planetas, a velocidade do vento, o despontar do dia e o descambar da noite.

Foi por isso que a Condessa de Leicester e Carlos IX foram vencidos pelo amor — o que corresponde a dizer — vencidos pela natureza. ~ >

Não havia fisiologista capaz de destruir o mal que invadiu o organismo dos dois enamorados.

A alma sofria, porque o corpo reclamava, digamos mesmo, mais acertadamente, que era o corpo quem padecia.

O amor espiritual governa a matéria, refreia-a, como o domador subjuga as feras ameaçadoras; mas esse nobre e alto sentimento, essa emanção de luz, esse desinteressado e divino eflúvio, que banha os seres santificados pelo sacrifício, não é ainda patrimônio deste mundo de impurezas e seduções aviltadoras até da dignidade humana.

Era para esse resvaladouro que empurravam também a Condessa — o pai no intuito de dar-lhe um homem a seu talante para os prazeres materiais da vida, para as exhibições da vaidade, talvez mesmo para ver-se livre do estorvo e poder mais amplamente dar pasto às suas paixões — e disso vamos ter as provas; o Duque por descobrir na moça encantos divinais, sedutores a renunciarem-lhe delícias inimagináveis, maiores do que as gozadas por Lovelace nas artimanhas e desvairamentos do amor licencioso, poucos anos depois lembradas pela pena maravilhosa de Lord Byron na pessoa dissoluta de D. João Tenório.

Carlos IX suspirava ao longe com saudades da primeira mulher, que lhe obcecara a razão, e nem a própria lua de mel lhe dava vagares para repouso do espírito. Entretanto, continuava a absorver-se nos complicados problemas da guerra, mais do que o houvera feito anteriormente, em que se confiava dos generais e só intervinha nas soluções de grande monta, mau grado às observações da rainha mãe pelos seus descuidos em tarefa tão grave e melindrosa.

Os seus Ministros e gentilhomens, que o seguiam e inspiravam, eram agora mais felizes por vê-lo superiormente devotado aos interesses da luta belicosa, sem suspeitar que era esse um como refúgio às suas dores para ir-se distraíndo de pensamentos que o torturavam e lhe abriam novos sulcos no coração.

Sempre a imagem da Condessa a segui-lo até aos postos de avançada, onde ele se comprazia em ir

desafiar a morte entre as bombardas e fora das trincheiras.

Era notável o abatimento em que o deixava esse extraordinário trabalho de vencer um inimigo, que ninguém sabia mais do que ele quem era e quanto mal lhe havia feito, onde se achava escondido e que permanecia invencível e invulnerável à devastação das balas dos arcabuzeiros e de todos os aríetes e catapultas.

Quem lhe valia amiúde nos desabafos do coração alanceado, era a meiga Margarida de Valois, a solícita irmã, que lhe dava consolações e conselhos visando a resignação, já que nada mais poderia conceder-lhe, como outrora o fizera de tão espontânea vontade.

Seu grande servidor Jaques nem sabia mais como levantar-lhe o ânimo abatidíssimo, pois agora não encontrava mais na Catedral a Condessa. Vigiando as imediações da casa do Conde de Leicester para saber o que houvera acontecido à moça, de maneira a privá-la das suas orações na igreja, teve a oportunidade de ver sair à rua a camareira de Matilde, que se dirigia a uma farmácia, e soube por ela da enfermidade da moça.

Os seus males se agravavam dia a dia, tendo seu pai resolvido, a conselho dos médicos, levá-la à Suíça, temeroso de vê-la presa da tuberculose, tal o seu estado de fraqueza. Foi isso o que a aia da jovem Condessa comunicou ao criado do rei, terminando por exclamar com grande sentimento de mágoa:

— Tenho muito dó da pobrezinha: certamente ela vai para os anjos.

Jaques disse-o ao monarca na primeira ocasião em que lhe pôde falar, no intervalo das suas lutas guerreiras.

Carlos IX recebeu a triste nova como um golpe de espada, e levou as mãos aos olhos como para afastar da retina uma sombra turva.

Empenhou-se por saber ao certo o dia da partida.

O servo tomou ao mesmo local durante alguns dias, sem conseguir ver mais a aia da Condessa, mas soube na farmácia que a criada Lúcia ia regularmente todas as manhãs buscar tônicos da parte do patrão. Dizendo-se primo da camareira, Jaques alegou que o Conde embirrava com ele, por isso não entrava no palácio.

Na manhã seguinte, permanecendo por muito tempo no estabelecimento, logrou confabular com a rapariga e soube definitivamente que Matilde havia concordado em fazer a viagem.

Ela estava convencida de que o Duque não a acompanharia, e só por isso se prontificou ao sacrifício do embarque, muito menor de resto do que ficar aturando as indagações de Alexandre sobre a sua saúde, como se suspeitasse que o seu restabelecimento importaria na realização dos estóolidos projetos de aliança, alimentados por ele.

A doente partiria em começo de Abril, daí a dois dias, bem cedo numa liteira com seu pai, foi o que informou a camareira.

O rei foi informado disso na mesma manhã pelo zeloso confidente.

Ào alvorecer da data anunciada um homem embuçado chegava às proximidades do palácio de Roberto e encostava-se a uma parede. Dois cavalheiros saíam da casa. Um afastava-se, apertando ardentemente a mão ao outro, depois aparecia uma jovem enfiada num fraldelhim, tendo à cabeça uma alfarema, apoiando-se ao braço da aia para embarcar-se em uma liteira que ali fôra conduzida, suspensa às braçadeiras do selim de dois cavalos alazãos, guiados por um pagem fardado. Mais adiante via-se a comitiva conduzindo grande número de malas e outros aprestos de viagem.

O homem tornara ao palácio, naturalmente para ultimar ordens olvidadas. Nesse em meio o embuçado correu para junto da porta e pôde divisar o rosto pálido da jovem, que ele conhecera, bela como os anjos do céu, e que ali estava agora envelhecida de dez anos pela devastação da enfermidade.

Conseguiu despertar-lhe a atenção, afastando o capuz, e ouviu-a exclamar ansiada e comovida:

— Carlos, meu amado Carlos, volta para a vida, que eu sigo para a morte.

- Não, não há-de morrer, querida Matilde, Deus não o consentirá.
- Sim é Ele que me vai guiando os passos para o túmulo, já que os não quis dirigir para o altar.
- O meu pensamento também a seguirá sempre, sempre! Adeus!

E desapareceu antes que o vissem.

Quando o Conde regressou à rua para ajudar a embarcar a moça na liteira, teve que carregá-la sem sentidos, coajuvado pela criada.

A camareira, conhecida do rei, guardara segredo sobre o que havia acontecido, e quando o Conde, notando o desmaio da filha e o desalinho das feições, lhe perguntou o que se dera de anormal, suspirou com piedosa mágoa:

- Coitadinha! é da fraqueza, senhor, a Condessi- nha quer ir para os anjos.

VIII SAUDADES... SOMENTE SAUDADES

Como que para suavizar a sua desolação, Carlos IX mandou construir um Castelo em Vincennes perto do palácio onde habitava a saudosa Matilde, e transferiu para ai a sua residência.

Era-lhe consolo passar frequentemente junto às portas daquela casa, cujas escadas subira nos alvoroços da mais animadora esperança e descera com a desilusão dos desventurados. Fôra para um desditoso como ele que o célebre poeta Adelino Fontoura escrevera, num dia de tristeza:

Se fui té junto a ti de sonho em sonho,

Voltei de desengano em desengano.

Ai respiraria o rei o mesmo oxigênio que em largos haustos dera à Condessa a saúde da sua mocidade. Agora parecia que a vida dela se lhe ia esvaindo aos poucos como desnecessária aos sonhos, que não lhe vinham mais dourar os sombrios dias do seu Calvário.

Sonhos? nunca ela os tivera mesmo depois de conhecer o monarca, pois que a luz que se lhe fizera semelhava a dos relâmpagos atemorizadores em noites tenebrosas, que lançam rápidos a claridade, mas ameaçam com a morte fulminante.

Nesse período a Condessa também dividia os seus pensamentos de saudade com o monarca, que ainda lhe havia dado uma robusta prova de amor indo-lhe ao encontro na manhã de seu embarque para as montanhas da Suíça.

Ela já havia passado por Berna, Lausanne e Zurique, descendo o lago dos quatro cantões até Genebra, e sentia desanuiar-se um pouco a atmosfera em que vivera em Paris, atormentada pelo Duque de Panna, embora este de quando em vez lhe escrevesse alegando saudades, que eram flores fanadas quando as recebia aquela a quem eram enviadas.

Em três meses Matilde havia percorrido grande parte da Suíça, sentindo-se encantada pelas suas altíssimas cordilheiras, Monte Branco com 4.807 metros, Cer- vin com 4.482, Finsteraarhom com 4.273, Jungfrau com 4.166 e outras que a formosa região dos Alpes oferece no esplendente espetáculo de uma natureza exuberante e privilegiada.

O que mais deliciara o seu espirito romântico 'eram as grandes lagoas disseminados pelas vastas regiões desde a Alta Sabóia a Constança, desde a Lombardxa a Baviera. E deixava balouçar seu corpo em gôndolas pelos lagos de Morat, Lempach, Hallweell, e nos Alpes onde se ostentam como um rebanho líquido as .suas 60 lagoinhas entre 660 a 1.600 metros de altituda.

Visitou a enorme cachoeira de Trummelbach próxima de Interlaken, viu o Castelo de Chillon, perto de Lausanne a velha Universidade, o templo gótico de *Saint-François* e o terraço de Montbenon, de onde se desfralda o lindo panorama dos Alpes em Lausana, não lhe escapando a ascensão ao Monte-Salève, na fronteira da França.

O Conde de Leicester, conquanto favorito de Isabel da Inglaterra, porque a filha havia nascido

em França obtinha da sua admiradora permissão para ausentar-se e conceder os cuidados paternais a Matilde, principalmente nessa época em que a sua saúde requeria sacrifícios; por isso era-lhe permitido demorar-se até o completo restabelecimento da enferma em clima retemperado e como aquele.

O Duque de Panna passava os dias absorvido em pensamentos que se digladiavam. Era de um lado a Condessa, irreduzível na sua indiferença, de outro Bra a mão forte do Conde, assegurando-lhe que acaharia por forçá-la a desposá-lo. Mas havia um abismo profundo cavado a seus pés: era o amor da moça ao monarca francês que ele sabia não extinto, e que representava no cenário da sua vida uma pavorosa ameaça ao seu futuro. Tal um vulcão que se vai formando durante longo tempo em lavas ocultas, mas cuja erupção explode das crateras e fulmina a quem se avizinha, é o amor que se não extingue, que lava no coração e o vai minando em lavas incandescentes e ameaçadoras, principalmente quando a chama interior da montanha em fusão recebe o vapor de outro vulcão e funde a matéria ígnea, tornando o perigo mais grave.

O outro vulcão era o coração de Carlos IX.

Mas existia um terceiro vulcão, mais outro coração saudoso, que reclamava os afetos de Roberto: era o de Isabel da Inglaterra — a rainha virgem, como ficou cognominado na história.

As cartas que escrevia ao Conde vinham cheias de lágrimas, reclamando o seu regresso, logo que as melhoras da filha o permitissem.

A Condessa estava realmente muito melhorada dos seus males, por força dos ares da salutífera Suíça, dos prazeres espirituais que lhe proporcionavam os aspectos surpreendentes da maravilhosa natureza e dos exercidos alpestres sobre o gelo, ou através de pequenos batéis em paludes de águas límpidas e tranquilas.

Ao fim de três meses concordou no seu regresso, já porque não lhe era possível permanecer para sempre ali, como também tangida pela saudade do monarca, que nunca mã pudera ver, nem saber o que fôra feito dele.

Em Paris, ou em Londres ser-lhe-ia mais fácil ouvir pronunciar o seu nome ao menos, e demais tinha lá Jaques ao seu dispor para vencer as dificuldades mais insuperáveis.

Todavia, era tomada de certo pavor, de vez em quando, ao recordar que ia cessar aquela trégua tão doce ao seu espírito, durante dias de que perdia a noção, »embevecida como se encontrava naquele sonho de surpresas imprevistas com que clareara a imaginação e afogara os gémidos da alma ansiada.

O regresso finalmente se fêz, logo aos primeiros dias de Julho, tomando a Condessa a sua liteira e o Conde cavalgando o seu ginete puro sangue, seguido da criadagem, havendo um repouso de dois dias na região de Yonne, centro da viagem, e prosseguindo até Paris a comitiva, onde chegou ao escurecer.

Em Auxerre a Condessa havia chegado extenuada pela incômoda posição, sentada durante longas horas no almadrague, sem poder mover-se, e ao deitar-se, na estalagem onde se hospedara, adormeceu sob a influência de sonhos atormentadores, como se lhe não bastassem as vigílias trevosas vencidas sob a iluminação solar.

Ela via-se encerrada numa masmorra sob a guarda de dois carcereiros de aspecto truculento, nos quais divisava o rosto de seu pai e o do Duque de Parma, e noutro compartimento, que não podia ver, mas de onde lhe vinha uma voz magoada, soltava gemidos o seu amado Carlos, a quem os guardiães dirigiam insultos e velavam para que ficasse o condenado bem seguro.

Chegaram a Paris, onde o Conde precisava demorar-se por dois dias para deixar os seus negócios organizados.

No mesmo dia do desembarque, Carlos IX, passando à porta da casa de Roberto no seu coche real, viu os recém-vindos de longe, reconhecendo-os pela liteira. Participou a Jaques o regresso daquela que ainda lhe afligia o coração, e consultou-o como poderia escutar a sua voz.

Era realmente coisa bem difícil, mas o servo pôs-se a refletir.

Este homem singular tinha alguma coisa de fantástico dentro de sua imaginação, senão vejamos o que ele conseguiu arquitetar.

Mandou raspar a barba, pediu a uma das criadas da Princesa Margarida um vestido emprestado e pôs à cabeça uma coifa das usadas nessa época.

No palácio do Conde não estava mais o porteiro que o conhecia, pois fôra dispensado por desnecessário, de maneira que logrou entrar na vivenda de Matilde com facilidade, dizendo precisar falar à camareira, por ser sua parenta. A servente que o atendeu, deu-se pressa em chamar a aia. Esta compareceu logo e pôs-se a fitar muito admirada aquela criatura, que ela ignorava quem fosse, a dizer-se sua parenta. Foi então que Jaques se deu a conhecer.

— Que homem engraçado! exclamou ela, de mãos postas, soltando uma risada.

Dentro de cinco minutos a Condessa, chamada a ouvir as pretensões da efeminada figura masculina, veio apertar com estremecimento as mãos de Jaques.

Queria uma palavra sua para o rei, que ainda morna de amores por ela, afirmou o confidente.

Matilde correu à sua secretária e escreveu as seguintes linhas:

"Carlos:

Aqui está de regresso, ressuscitada, quem nunca O esqueceu de longe. As minhas cores denunciam saúde, mas o coração está agonizante. Desejo vê-lo amanhã domingo na Notre Dame. Ser-lhe-á possível? — Matilde"

Deu a carta a Jaques, porque a tal homem não lhe era lícito guardar segredos, e fê-lo partir com outro agradecido aperto de mão.

No dia imediato o monarca conseguiu iludir a vigilância dos que o pudessem observar, menos de Margarida, a quem pediu o acompanhasse para suavizar as saudades que o devoravam. E ao meio dia encontra- vam-se dentro da nave da igreja o rei, Margarida, e, do lado de fora, Jaques por motivo de prudência.

O encontro de Carlos com a Condessa foi uma nova alvorada em dia de nuvens horrivelmente trevosas.

Porque esse revolver de uma chaga que nunca se fechara e que, em vez de deixarem secar, mais causti- cavam?

Oh! a ilusão, a aspiração a alguma coisa que nunca chega, que se tem convicção de que jamais virá, mas quer, não obstanté, impele os sonhadores do impossível a olhar para além do que lhes é plausível e provável, no intuito de experimentarem se existe uma força mágica, uma potência oculta, um nigromante milagroso, uma lei ignota da Providência, do destino, da fatalidade que lhes faça renascer das cinzas mortas a flor rediviva da esperança, da alegria, da ventura, flor perdida e estiolada ao calor infernal em que antes a alma se queimara!

Os dois jovens ficaram longo tempo com as mãos entrelaçadas, como se elas fôsem um elo indissolúvel inquebrantável, eterno.

— Deus não quis que o meu anjo morresse para que eu pudesse ter ainda a ventura de contemplar-lhe o lindo rosto, balbuciou com voz trêmula o amator de Matilde.

— Ele deixa-me viver para que eu possa continuar a amar o meu Carlos, mas que vale isso, se me flão~é nunca possível fazer deste amor a minha ventura, se o meu afeto é o retalhar do coração, é o recompor-lhe *ea* fibras para novamente tomar a estriçã-lo?

— E eu sou o abutre do Cáucaso a corroer-lhe a víscera. Maldito seja eu.

— Não, não, bendito seja, bendita a hora em que o senhor me fêz conhecer o segredo do amor, senão eu morreria virgem desse agridoce sentimento. Fui inditosa, não importa, mas hei-de sucumbir abençoando esse pálio de luar que me guiou no labirinto da vida para saber desviar-me do abismo em que me tentam atirar.

— Antes disso estarei mergulhado nesse bátratro, e de lá do fundo, se a lançaram nesse

sorvedouro, hei-de erguê-la nos meus rígidos braços como a um tesouro que aí fôsse jogado. E então gritarei bem alto, desafiando a cólera do mundo: Enfim! és minha! mesmo neste, pélagos infernal.

Nesse momento o Duque de Parma avizinhava-se da igreja à procura da esquiva moça, que saíra de sem ser pressentida.

Na véspera ele apenas conseguira saudá-la ligeiramente ao seu regresso, não querendo importuná-la muito em virtude do cansaço da longa viagem. Procurando-a na manhã seguinte, e não a encontrando em casa, suspeitou dos seus hábitos religiosos em ir assistir & missa na Notre Dame, e nesse pressuposto aventou-se a procurá-la aí.

Jaques percebera-o ao longe e pensou em correr a avisar o amo da inesperada visita, mas, antes de mais nada, mandou o cocheiro do carro conduzi-lo para de- ■irás da igreja, na face da sacristia, de maneira que o Duque não visse ali o veículo, já conhecido dele. O cocheiro atendeu-o imediatamente, de modo que, quando Alexandre entrou no templo e percorreu com os olhos todas as direções, não encontrou a Condessa e saiu desapontado.

— E que nesse ínterim Jaques conseguira conduzir as três personagens à sacristia, que lhe era familiar, e, uma vez ali, teve oportunidade de apresentá-los ao tio padre, dizendo-lhe:

— Eu lhe havia dito há tempo que a jovem Condessa era amiga da Sra. Princesa Margarida, irmã do meu riei e senhor, não é verdade?

— Realmente mo disse.

— Pois aqui lhos apresento para corroborar a minha palavra.

— Oh, eu nunca o duvidei, meu sobrinho, observou o sacerdote, apertando efusivamente as mãos do rei, da Princesa e, com maior ardência, as de Matilde.

—? O que agora desejo, continuou o sobrinho, é que «alam por aquela porta, que fica mais próxima da rua.

E apontou a da saída, aos fundos da igreja, para que: os jovens não fossem vistos pelo Duque.

£ partiram todos em direção aos seus destinos.

Quando Matilde ofereceu ao rei a mão para o último aperto, este tomou-a com viva paixão e cingiu-a bem junto do peito. E, levando-a aos lábios para beijá-la, sorveu uma a uma as lágrimas febris que a torturada moça derramava copiosamente às bagadas, receando serem as últimas que os seus olhos destilavam na presença do seu amado.

A Condessa tinha as órbitas pisadas e vermelhas, e, por isso, resolveu dar uma volta pelo Bosque de Bolonha para refazer a fisionomia, demorando-se no passeio cerca de duas' horas.

. Chegando a casa, encontrou Alexandre em amistosa palestra com seu pai.

O moço, ao avistá-la, foi ao seu encontro com um sorriso, não se sabe se de satisfação se de dicacidade, observando:

— Deve ter ido bem cheia de pecados reconciliar-se com a Virgem, querida Condessa, a julgar pela demora» pois creio que vem da Catedral, ou andou a espantar agourentos sonhos?

— Nem pecados, nem sonhos. São coisas bem diversas, diaxnetralmente opostas, visto que não descem a mim pecados, nem eu remonto aos sonhos.

— Então que misterioso passeio foi esse? Procurei-a na Catedral e não logrei a ventura de encontrá-la ajoelhada aos pés da Santa, como estimaria que estivesse, rogando pela minha vitória sobre esse terrível adversário...

—Qual adversário? perguntou ela, supondo uma alusão ao monarca.

— O seu coração de gelo, ou de pedra.

— Engana-se pela segunda vez. Nem gelo nem pedra. O meu coração é de carne frágil, como os demais. Somente posso adiantar-lhe que, os que amam, palpitam com ardores violentos e o meu vive adormecido, inofen^ sivamente resignado com a sua sorte de víscera, que nasceu apenas para regular-me o equilíbrio do sangue e manter-me a vida. Mas creia que não lhe agradeço a solicitude, nem os préstimos que ele me dispensa.

— Se eu tivesse o poder de consultá-lo secreta-mente, tenho certeza de que lhe ouviria contestar-lhe as informações que me dá a respeito da sua influência na seus destinos. Certa, diria ele assim: Tenho cá dentro uma efígie, sim, que não é a sua, mas a de alguém que andou a espicaçar-me por tal maneira que aqui me ficou uma ferida incurável.

— Pois diria a verdade, se isso lhe agrada saber.

— Condessa, seja sincera, pois não confessa tácitamente uma amizade inadmissível? Como pode continuar a amar um homem, que já pertence de corpo e alma a outra mulher?

— De corpo sim, de alma não, bem o sei. A alma permanece intangível aos desvios por onde lhe dirigiram O-corpo. Mandou-me o Duque que fôsse sincera. Pois bem. Há mulheres, como há homens, capazes de todas as: perfídias e traições. Amam transitoriamente, como as aves que arrulham em grupos e beijam-se umas às outras numa promiscuidade indistinta. Aos irracionais, que só vivem para a procriação, não se lhes acoima a inconstância. No gênero humano a inconstância é sintoma, de desbrío, de indignidade mal vista, e eu quero morrer dignificada por um sentimento de que me enobreço. Amei uma só vez...

— E ainda ama...

— Ainda amo e amarei o único homem que levantei diante de meus olhos o turíbulo do incenso perfumador a estontear-me a cabeça, a deliciar-me o coração. Sou culpada disso?

— Não Sei como responder, mas sempre lhe direi que o tempo é o melhor mestre da experiência. Somos ambos bem moços. Eu esperarei resignado, pois ainda ha no mundo uma luzerna acesa para os desditosos: é a esperança.

E, entristecido profundamente, o Duque afastou-se, porque também amava loucamente a Condessa e não podia renunciar a esse afeto sem lacerar o coração.

Na manhã seguinte voltava a despedir-se do Conde de Leicester e da filha, comunicando a resolução inopinada de partir para a Etólia a fim de tomar parte na batalha de Lepanto, que fôra provocada pelos venezianos e pelos espanhóis contra a Turquia, e que se travava entre, a Hélade e a Moreia, no Mar Iônio.

Foi uma resolução inesperada que agradou à moça, mas contrariou a Roberto. Este entendeu de desviá-lo do funesto propósito, que parecia encobrir as intenções de deixar-se morrer, já que o desespero lhe rondava os destinos. Matilde, porém, sempre amável, disse-lhe:

— Eu não o odeio, não. Lamento apenas a desdita, a triste sorte que lhe coube, meu amigo, desejando-lhe, com todas as veras da minh'alma, que encontre ainda um dia a luz com que possa alumiar as sombrias veredas da sua estrada. Há-de encontrar quem saiba e possa permutar os sacrifícios do seu coração.

— Vou repetir as suas palavras, ontem proferidas, e que decorei: Amei uma só vez. A inconstância é sintoma de desbrío, de indignidade mal vista, e eu quero morrer dignificado por um sentimento de que me enobreço.

A interlocutora não pôde razoavelmente replicar a tão justa e irrefragável confissão, sob pena de ser incoerente consigo mesma.

Alexandre de Famese tomou o destino da Grécia e foi incorporar-se ao exército que travou a memorável batalha de Lepanto, distinguindo-se valentemente nas pelejas e deixando renome perdurável na História.

Dir-se-ia que o animavam os mesmos propósitos de Carlos IX, ambos inspirados na paixão pela formosa Condessa de Leicester. Era isso bem verdade.

Que poder é esse, exercido na vida humana pelo mais rápido, porém mais profundo sentimento, que nos acomete? Que garras são essas, que guantes, que filtros venenosos, que doce ambrosia, que suave licor, que se combina, se mistura, se condensa como numa dinamização satânica, ou numa transfusão divina para ser propiciada em doses violentas, ou em insuflações porosas, parceladas, no organismo da juventude, da mocidade, e até dos decrepitos, que por vezes são os mais gemebundos

padecentes do delicioso fluido, ou da endiabrada peçonha?

Oh, amor, que vieste fazer ao mundo? Porque foste gerada da espuma marinha, ó Vénus Anfitrite? Em que laboratório maligno e sobrenatural teceste o cinto das tuas graças, onde encerraste os sorrisos sedutores, a doçura da fala, o suspiro do seio, a eloquência dos olhos para flechar corações desprecauidos? E para que deste vida ao travesso Cupido?

Frineias, Juturnas, Cleópatras, Helenas, Dalilas, Condessas de Leicester, para que viestes perturbar a cabeça dos míseros e falíveis homens?

Lauras, Beatrizes, Julietas, Virgínias, NatérciaB, Franciscas, porque tresvariar a inspiração dos poetas?

Adónis, Narcisos, Dáfnis, Carlos IX, quem vos mandou endoidecer as flébeis criaturinhas do sexo frágil?

Abelardos, Romeus e Paulos diversos, que necessidade tínheis de inventar histórias passionais de amor para comover sensíveis corações femininos?

Ninguém responde?

Temos todos de conformar-nos com essas anomalias da sorte, com essa anarquia deis previsões, com esse des-enchavo da moda giradora do mecanismo social, que ora emperra, ora maltrata a mão imprevidente e distraída do moleiro que a impulsiona, muitas vezes do espectador estranho à rotação invariável.

Vale a pena agradecer aos céus o livramento dessa maçada, quando se possa escapar de tais emboscadas e aborrecimentos. Já não é pouco aturar as lamúrias das suas vítimas e consumir o reservatório da lógica para acomodá-las.

A situação continua a mesma, na monotonia exaustiva das histórias difíceis de solucionar, com grande tédio do leitor e sofreguidão da leitora jovem, que está enamorada de um galante mancebo, e traz o coração 'engrinaldado de esperanças, não querendo que lhe desviem o seu afeiçoado.

Por vontade da ansiosa leitora que me honra com a sua atenção, eu matava o Duque, o Conde, a esposa do rei e acabava enlaçando este a Matilde. Com semelhante expediente acabava o romance, castigando o vício e premiando a virtude, à maneira dos dramalhões antigos de capa e espada. Mas faltava à verdade.

Ora, o obscuro remendão de novelas, que eu sou, não quer sair da verdade histórica e deseja finalizar a sua obra com lealdade, já agora tenham paciência.

Vitam impendere vero, que é como quem diz: a vida depende da verdade.

E, já que estou concentrado em rabujices latinas, lembra-me mais esta de Cícero: O sumo da tolice é a gente atormentar-se em querer remediar o que não tem remédio (*Summa est stultitia frustra onfici dolore, cum intelligas nihil posse profissi.*)

E, com esta, termina o capítulo.

IX AS SETAS DE CUPIDO

No dia imediato, 10 de Julho, o Conde e a filha atravessavam o Mar da Mancha rumando para a Inglaterra, onde chegaram e se hospedaram no palácio da Corte, a Torre de Londres, antigo e histórico Castelo, que depois foi cadeia.

A fidalguia da Corte recebeu-os com grandes júbilos, especialmente a rainha, que morria de saudades do seu favorito.

Houve festas especiais comemorando a chegada dos estimados hóspedes. Matilde teve de co-participar dessas festividades por não poder subtrair-se às obrigações a que a etiqueta a forçava, mas fazia-o com mais tranquilidade de espírito por não ser importunada então com os amoricos do Duque de Parma, nessa ocasião em armas na guerra da Grécia.

A rainha Isabel desfazia-se em escandalosos galanteios ao seu afeiçoado Roberto, sem embaraço

algun, nem mesmo da filha que abafava a revolta intima sobre essas relações ilícitas.

A nobreza do seu caráter certo não a devia aos exemplos de seu pai, a quem minguava o pundonor.

O caroável Conde de Leicester entendeu de homenagear a sua apaixonada amante, oferecendo-lhe, pouco depois da sua chegada, grandes festas no Castelo de Kenilwort⁴, com o qual a reverenciada presenteou em seguida o inspirador da fidalga cortesia.

Entre o grande número de variantes dessas solenidades houve um baile a que compareceram os Condes de Essex, por nomes Gualtério e Letícia, senhora esta de extraordinária beleza, que desde logo impressionou profundamente o aventureiro amador de Isabel.

Durante a noite Roberto não deixou de extasiar-se na admiração à provocante figura da Condessa Letícia, e não descansou enquanto não obteve dela a permissão de tê-la como dama numa das contradanças.

Assim é que não tardou que ambos se entregassem aos prazeres de um minueto, durante o qual iniciou o Conde timidamente o combate à conquista de alguma esperança no sentido de sondar o coração da fascinadora mulher.

Jà foi dito que Roberto era homem de raros atrativos físicos, insinuante e meloso no falar, conquistador emérito e perigoso. Por sua vez a Condessa possuía admirável plástica e as feições de uma jovem de vinte anos, quando no entanto já contava quase trinta Janeiros.

O número dos seus admiradores computava-se pelo número de fios dos seus longos e bastos cabelos de jalne, porém ela soubera resistir ccontinuamente aos galanteios de todos os atrevidos que a assediavam com palavras em que entravam desejos lúbricos.

Vendo e ouvindo o Conde dirigir-se-lhe com olhos concupiscentes, não temeu enfrentar qualquer luta de sedução, pois que saberia defender-se como de tantas outras vezes; por isso escutou-lhe plàcidamente animar-se a assim falar-lhe:

— Tenho de render a V. Exa. os maiores agradecimentos por haver honrado as festas que deliberei oferecer à rainha.

— Tereis insano trabalho, se vos dispuserdes a fazê-lo perante todas as pessoas que, em tão considerável número, aqui concorreram.

— Oh, não. Eu tenho o bom gosto de fazer exceções, dirigindo-me somente a quem se distinga pelo mérito pessoal. Vejo-vos como o sol no centro de uma constelação, e eu deixo de lado as estrelas para saudar o astro de primeira grandeza, que sois vós, formosa senhora.

— Não vos agradeço a lisonja, porque os vagares não me chegam para repetir frases que já gastei com aquele que escolhi para esposo.

O Conde desnor-teou e... mordeu os lábios. Esse vício já lhe conhecemos.

— Peço-vos perdão, Sra. Condessa, se é que vos magoei, mas entendo que as obras majestosas da criação, quando se acham expostas aos olhares admirativos da sociedade, não impedem de ser comentadas e gabadas, sem desprestígio do seu valor, nem receio de queda do pedestal a que foram elevadas.

— Assim é, na verdade, porém cabe-me declinar de tantos merecimentos e louvores que deveis poupar em favor da rainha Isabel.

O galanteador foi forçado a tornar a morder os lábios, mas não desanimou.

— A rainha tem sido para mim uma gentil senhora cheia de solitudes e cuidados, como tê-lo-ia uma irmã, e eu vivo exposto a suspeitas que me magoam mais pelo quinhão de injustiça, de que ela é vítima.

— Não quero investigar coisas de que me desinteresso, nem o estou incriminando.

Nesse momento terminara a música, e o Conde de Essex tomava o braço da esposa ao seu

⁴ (1) Diz a História que essas festas custaram 1.500.000 francos, ou sejam 750:0009000, que hoje pode ser multipUcado cem vezes mais, tal a diferença da vida, pois naquela época um senador ganhava 609000 por ano.

cavalheiro, inclinando-se risonho para saudá-lo.

— Louvo-lhe o bom gosto, disse o Conde Gualtério...

— De haver escolhido a vossa esposa para minha dama nesta dança?

— Não... que graça, respondeu aquele a rir-se; o bom gosto de ter engendrado tão incomparáveis diversões do espirito.

— Elas ficarão sendo um registro das maravilhas encobertas e das belezas veladas nos avaros escrínios da sociedade londrina. Vêde quanta formosura aqui pompeia e que era desconhecida até agora. Admirava-se na tela dos museus de Belas Artes a mulher venusta e fascinadora. Aqui a temos nós na sua forma escultural, viva e palpitante de sangue e de esplendor.

A Condessa já estava contrariada com tantas palavras melosas do delambido adulator.

— Parece que V. Ex. não está familiarizado com a sociedade de Londres, onde a toda hora se pode entrar em relações com as mais lindas mulheres.

— Ando de algum tempo a esta parte retraído, já por haver passado várias épocas em Paris, na minha casa de Vincennes, já por haver-me ausentado durante três meses na Suíça, aonde levei minha filha para combater uma fraqueza orgânica. Parece no entanto que houve uma imigração de senhoras formosas nesses intervalos.

— Se quiserdes verificá-lo, podeis honrar-nos com a vossa visita ao meu Castelo de Trafalgar Square, na noite de 25 deste mês, em que minha esposa celebra o seu trigésimo aniversário com um banquete.

— Serei honrado pelo meu comparecimento à vossa reunião, Sra. Condessa, e de antemão vos auguro que os deuses da ventura atirem sobre a vossa cabeça uma comucópia de rosas imarcescíveis.

Embora contrafeita, Letícia agradeceu delicadamente a galanteria, que trazia veneno incubado.

Não se viram mais essas personagens durante o resto da noite.

Retirando-se o Conde de Leicester em companhia da filha, teve a estratégia de não procurar os Essex para as despedidas.

Na noite aprazada o Castelo desses fidalgos encheu-se de uma sociedade verdadeiramente elegante, composta da fina flor da *élite* inglesa, a que não faltaram portadores de pergaminhos principescos, Marqueses, Duques, Condes, Príncipes e lordes.

Eram 8 horas quando aí chegaram o Conde de Leicester e sua filha, trajando riquíssimo vestido ornamentado de filamentos de ouro, trazendo brincos e *pendants* de brilhantes de Golconda e gargantilhas de pérolas de Ceilão.

Sendo a primeira vez que Roberto comparecia a sua casa, o delicado Conde Jorge não só o recebeu com especial distinção, como o convidou a tomar assento a seu lado na mesa, ficando Matilde à sua esquerda, e sua esposa à direita, entre ele e o favorito da rainha Isabel.

A Condessa homenageada ficou entalada com a resolução do marido, que estava a empurrá-la inconscientemente para um homem votado a conquistas, e do qual teria de desviar-se, quando começasse a dizer-lhe tolices de galã enamorado.

Servida a sopa, trocavam-se frases amáveis entre os convivas.

— Deve ser motivo de dupla satisfação ver passar o dia em que vimos a luz do mundo e ter quem nos venha ajudar nos gloriosos júbilos desse evento, disse o Conde de Leicester em voz alta.

— Felizes são os que assim podem, na tranquilidade de espírito, volver os olhos para o passado e não encontrar urzes, fitar o futuro e não suspeitar de sombras agourentas, respondeu um Príncipe escocês.

— Sombras que andam anuveando os horizontes por estes temíveis dias, em que a hostilidade ao calvismo ameaça derramar sangue na França, acrescentou um Duque irlandês.

— Se o rei não o impedir com o seu prestígio, contrariando a vontade de Catarina de Médicis, observou a Condessa de Essex.

— Ele o impedirá, estou bem certa do seu valor, interveio Matilde, a meia voz.

— Carlos IX tem sido um grande herói na guerra de Arley-le-Duc, dizem todos os que estão observando a sua temeridade. Assim, é de supor que não queira destruir o seu mérito com um morticínio que havia de torná-lo maldito, acrescentou o Conde de Essex.

— Assim será, e ninguém mais do que eu deseja a sua integração no seio da alma francesa, adiantou a Condessa de Leicester.

— É uma voz suspeita que fala, interpôs Roberto Dudley.

— Suspeita? interrogou admirada Letícia, ninguém quer a capitulação de Carlos IX.

— Ninguém a deseja, ninguém aceita a destruição do ideal luterano, declarou solenemente Gualtério, que era protestante.

— Não nos fatiguemos com previsões incertas e du-bitáveis, tornou Roberto, dirigindo-se a Letícia, não acha V. Exa. que tenho razão? Tudo é transitório na vida, tudo passível de modificações, de remodelamentos. Até o coração, quem sabe lá o que ainda tem guardado nos refolhos, para trazer com surpresa à superfície do lago em que se banhavam as suas utopias conservantistas, os seus vaidosos cuidados de manter íntegros os propósitos de regular o relógio da vida pelo pêndulo do futuro?

— Isso é assim, quando se depende de relógio; mas há quem se governe pela luz do meridiano e pelos clarões da alvorada, que banham tão consoladoramente os olhos de quem os traz bem atentos para as surpresas traiçoeiras do destino, contestou a inteligente senhora, que percebera o serpear da víbora.

— Isso é conforme, objetou o Príncipe escocês; se o dia é de nuvens turvas e pesadas, não saberemos distinguir o movimento do Sol, que é de fato o regulador do tempo. O melhor será trazer-se na algibeira uma ampulheta com bastante areia.

Todos se riram do espirituoso motete.

— Demais, os relógios são sujeitas a atraso ou a avanço, e nessas emergências estamos todos arriscados a perder a hora fixa das nossas convenções e até — o que é mais grave — o horário do almoço, continuou o engraçado orador.

— E do encontro com a fada encantada, que nos marca uma entrevista no Bosque dos Suspiros, interveio a Duque irlandês.

— Onde é esse bosque?

— Oh, Príncipe, que indiscrição, pois não sabe que esse bosque está em todos os recantos do lago de poesia, em que nos banhamos?

— Bem me parecia isso, mas não tinha a certeza, porque anda despido de flores.

— E de frutos — o que é ainda mais lamentável.

— As fadas nos fogem, como as ninfas corriam dos lendários Sátiros, escondidos delas atrás das moitas, para melhor surpreendê-las e assustá-las.

— Énganai-vos. Nestes tempos de utilitarismo são elas que vivem ocultas a espreitar quando algum Sátiro se quer avizinhar delas para atirar-lhes um laço ao pescoço.

— Não creio nesse abastardamento da graça das ninfas.

— Somente delas, que as deusas hodiernas continuam a ser os anjos da nossa consolação.

— Bravos, Duque, seja assim gentil com o belo sexo, que aqui está enchendo de graça e esplendor as cadeiras em torno à mesa.

— Ouvindo-nos delicadamente e perdoando-nos superiormente.

Os dois jovens glabros preenchem os intervalos com a jovialidade dos seus vinte anos e por essa forma conseguiram fazer escoar-se o tempo insensivelmente.

Presente ao banquete estava um dos setenta membros do Sagrado Colégio do Papado romano, o Cardai inglês Scott, que interrompeu delicadamente o diálogo dos jovens fidalgos para proferir esta interessante locução sobre o atraso do relógio na Europa, por ordem do Papa Gregório XE, por motivo da entrada do equinócio do estio, que se fazia anualmente.

"Respeitáveis Senhoras e Senhores:

Enquanto desceram no termômetro alguns graus centígrados marcando as alterações da atmosfera, recuaram de sessenta minutos os ponteiros dos cronômetros por ordem papalícia, assinalando a marcha atrasada do tempo.

Essas oscilações de ponteiros vieram naturalmente acarretar grandes modificações à vida normal da nossa sociedade e de outras onde porventura, ou desventura, o fenômeno meteorológico da temperatura e do movimento de gravitação se apresente como regulador cósmico da pressão barométrica e da rotação do planeta em torno do seu eixo.

Não será por essas inconstâncias do pêndulo físico que os nossos males morais virão a diminuir, mau grado nosso. Tão-pouco não os aumentarão, felizmente, para os calcetas da Terra, onde a vida passa sem alterações sensíveis, quer suba ou desça o termômetro, ou Febo perpasse mais tarde através do meridiano, refestelado no seu carro, guiado por Apoio.

De feito, em que pode acaso influir na rota humana essa contradança de ponteiros mecânicos, ante os quais permanece indiferente o ponto rubro que marca as palpitações do humano coração?

Ah, se esse relógio cardíaco regulasse com precisão matemática, se nunca se atrasasse, isso sim, todos chegaríamos à hora certa no fim do dia do trabalho. Por isso que ele não regula bem, andamos todos a passo tardo e jamais chegamos a tempo de evitar o cansaço inglório da jornada.

Ora, as estações do ano são como as estações da vida.

A infância é o outono, em que o arbusto da inocência ainda não tem folhas. A mocidade é a árvore primaveril anunciando o doce fruto do amor. Na maturidade dir-se-á que o estio é o roble frondoso a fortalecer o homem para as grandes lutas da atividade. A velhice é o inverno, é o regelo da alma, às vezes o desânimo, a solidão, o abandono, como as árvores que já não oferecem pomos e cujos galhos estão completamente ressequidos e esterilizados pela neve.

O coração de uma mãe é o calor para o filho. O da jovem formosa é a primavera para o mancebo sonhador e poeta. O do homem que caminhou até o meio dia da existência é o outono para a mulher que desanimou de encontrar um seio amigo. E o do ancião, esse que é senão inverno?

A aurora da existência é tal como as manhãs radiantes de esperança, banhadas por luminoso Sol. Ao despontar do dia o relógio adianta-se para o meio dia; é a hora da Fé nas almas santificadas pelo batismo da crença. Escurece quando mal nos apercebemos, e aí surge a noite alumiada pelo nimbo da lua cheia, aconselhando o sono da consolação, da calma, da paz em forma de Caridade.

Assim é o tempo, assim as estações do ano.

Mas há outras estações bem mais propícias à análise perscrutadora do homem astuto e perspicaz.

Na manhã da vida, à hora em que desponta o raciocínio, o homem levanta os olhos para o alto à procura de um sinal que lhe aponte o seu destino. Qual deve ser o caminho a tomar? Não o sabe. Dizem-lhe que pergunte a Deus, porém ele, descrente, sorri da ingenuidade dos que o cercam.

No meio da caminhada o homem sente ferir-se espinhos percucientes. Daí, o sentir por vezes um travo de fel, sempre que pretende sorver o licor da ventura.

Quando não é fel, é sangue, e sangue que não pode nunca lavar senão com lágrimas.

Será mesmo que exista um Ser criador? pergunta ele no paroxismo da aflição?

Mas a jornada fôra longa, extenuante, horrível, vencida de rastros, por serras e valados insalubres e pedregosos, fazendo-lhe rasgarem-se as carnes, morrer aos poucos de frio e fome.

Há uma montanha intransponível: a da maldade. Há um bosque florido do outro lado da serra: são os tenros rebentos da sementeira da bondade.

Ali os pássaros em coro conclamam a existência do Criador, e os ramos dos arvoredos, como que acionados pela viração amena, movem-se solidariamente como braços abertos para confirmar a boa nova das aves.

E, já noite fechada, o homem esporeado pelas dores, sentindo fome, tremendo de frio, sem uma cobertura nem folhas onde repousar a cabeça, resvala desmaiado na chão. Mas sonha. Sonhou com um

lindo anjo que lhe falou assim:

— Vês estas estrelas? Vês estes céus, estes montes, estas nuvens? Não reparaste já nos mares, não observaste as flores? Eu sou um anjo, um teu amigo. Queres ser meu companheiro? queres crer em Deus?

E, como o lindo anjo de seus sonhos se transfigurasse, aparecendo como radiante imagem de mirífica be

leza, o homem sentiu-se ditoso em crer, e despertou numa alviçareira alegria, como num renascimento, como se lhe tivessem injetado novo sangue nas artérias, ou lhe houvessem substituído a alma."

Calou-se o Cardeal e viu que uns o ouviam com grande enlevo, outros com enfado, alguns parecendo adormecidos.

— Que grandes arroubos de santa inspiração, conclamavam os devotados à fé em Deus.

— Superior estopada, contestavam aqueles para quem a vida é um regabofe de gozos.

Ao passo que alguns incrédulos, diziam:

— Para sermões não foi bem escolhida a ocasião.

Eram 10 horas da noite, quando os criados, enfiados em longas rabonas, acabaram de servir o pospasto.

Distribuíam-se vinho espumante em taças de ouro e já se iniciavam os *toasts* em honra de Letícia.

Foram eles muitos e condimentados pela graça, pela delicadeza e pela sublimidade das expressões.

O Conde de Leicester também discursou. Foi sóbrio e distinto nos conceitos. Desejou que o corvo do infortúnio fôsse ali espostejado e calcado aos pés por todos os presentes e que o alvamento pombo, portador da sempre boa nova dos felizes dias, adejasse bem alto, com uma fita rósea ao pescoço, trazendo preso ao bico um ramo de lírios e amores-perfeitos entretecidos em *forget-me-not*. E dizendo *forget-me-not* — não me esqueças, em vernáculo —, fitou os olhos em Letícia e pôs a mão espalmada sobre a esquerda do tórax.

Estava poeta o mirífico orador, mas, em vez do pombo, era um milhafre que lhe andava serpenteando os escaninhos da inspiração e que ele amaciava na sua florida logorreia, o maroto.

Todos os convivas foram conduzidos aos salões do Castelo, onde se fêz ouvir boa música de câmara, onde gargantearam vozes de contraltos e de sopranos, de tenores e de barítonos, que haviam de ali profusamente exibir-se com soberba galhardia e arte requintada num torneio de harmonias embaladoras.

Ora, o Conde de Leicester tinha excelente voz de barítono e a Condessa Letícia arrebatava auditórios exigentes com o seu registro de contralto. Juntaram-se num dueto, naturalmente de amor, como quase todos os duos das demoníacas inspirações musicais.

O dueto glosava uma pastoral mais ou menos assim:

Um jovem peregrino andava perambulando por áridas montanhas em busca de uma alma, que viesse alheá-lo na soledade de sua cabana mesta e silente. Deparou alfim com uma campônia rude, cuja mãe, havendo faltado o leite da cabra única, morrera à míngua. O cadáver ali estava insepulto na eira, em que outrora secavam uns raros bagos de milho. Ambos choram a pungente perda da doce velhinha, que ainda tinha na face húmida o vestígio do beijo quente com que a filha procurara suavizar a próxima algidez do túmulo. Então, ambos carregam nos braços o cadáver, ambos o enterram num fosso, ambos choram de novo, ambos se abraçam na mesma solidariedade dos infelizes, dos abandonados, dos que precisam formar um só corpo com quatro braços. para mais facilmente amparar o peso do infortúnio.

Houve muitas palmas ao findar a comovente balada, magnificamente executada com gorjeios sentimentais e trejeitos compungentes de despedaçar corações, e, quando terminou a peça, os dois intérpretes, para dar maior vigor e expressão à letra do libreto, estavam enlaçados num mesmo

abraço.

Quer dizer que, como articulava o... milhafre, pouco- antes: "quem sabe lá o que o coração ainda tem guardado nos refolhos, para trazer com surpresa à superfície do lago, em que se banhavam as suas utopias conservan- tistas, os seus vaidosos cuidados de manter íntegros os propósitos de regular o relógio da vida pela pêndulo do futuro ?"

Quer dizer que ele premeditava seguro o bote para engolir a presa.

Mas tão depressa?

E' o que estão vendo, e tanto assim que foi ela, Letícia, quem lhe recomendou não ir-se embora sem assegurar-lhe que viria com brevidade rescaldar a brasa.

que lhe acendera as regiões circunvizinhas do coração, ameaçando contagiar esse órgão nos quatro pontos cardinais e cordiais.

Já Eneias havia dito a Dido: "A mulher é sempre inconstante e mutável" .⁵

E, como nada mais temos que fazer por esta vez, vamo-nos embora nas piugadas desses caçadores de aventuras.

Direis que houve muita precipitação no trecho exposto, respeito à rápida mudança da Condessa nos escrúpulos tão apregoados e defendidos, — a nos fiarmos nas suas suspeitas informações. Mas convém dar uma satisfação ao leitor e, sobretudo, à leitora pudibunda, insurgida justamente contra aquela pouca vergonha, visto como nestas coisas de psicologia é de mister haver muito cuidado para se não cair em contradições.

De feito, a Condessa tinha sempre resistido heroica- mente ao canto ardiloso dos bandoleiros do amor, como Penélope durante os vinte anos de ausência de Ulisses; mas aconteceu àquela diversamente, porque nem esperou a noite para ver desfeito o tecido que broslava durante o dia, como na lenda do rei de Itaca, que andava atrapalhado com a tomada de Tróia.

Talvez pouca gente acredite neste fenômeno de acústica: foi a voz do barítono que empolgou a moça, foram as suas modulações ternas, os seus solfejos suaves que exerceram em sua alma romântica a sedução só comparável à do magnetismo de uma cascavel atraindo o sapo, ou a do sapo engodando o frágil pintassilgo.

E aí está porque, três dias depois, o Conde de Lei- cester vinha em visita aos seus novos amigos e nem trouxe a filha, como era conveniente para não assistir a vergonheiras torpíssimas, nem teve o testemunho do imprevidente Gualtério, coisa de que ele pôde sem desdouro lavar as mãos, porque nada diligenciara por essa ausência absolutamente espontânea e graciosa.

A Condessa recebeu-o com alvoroço e, diga-se a verdade, com certo temor. Somente nesse instante pôde me dir a extensão do despenhadeiro, que se lhe abria diante dos olhos. Era tarde para inventar palavras que desfizessem o convite feito por ela mesma, e que, se as inventasse, não remediavam os sobressaltos com que o coração lhe denunciava a entrada de um forasteiro, que se vinha apoderar dele.

Então, o ousado Conde tomou-lhe a mão e beijou-a, dizendo à Condessa que não o culpasse a ele, mas à natureza que a enfeitara com as galas da formosura. Afirmar-lhe que se operara consigo um fenômeno de deslumbramento ao vê-la da primeira vez, seria tentar imprimir às palavras sentido que elas não comportam, tal a sua comoção.

— Eu tenho apenas um pesar profundo a crescer à amargura que já principia a ser a minha sombra; é ver-vos pertencendo a alguém, que possui direitos adquiridos e inalienáveis, e que terá por isso a primazia dos vossos carinhos.

-- Meu esposo absorve-se muito com diversões públicas, jogos nos Clubes e ceias entre amigos, tomando-se ingrato .comigo.

— Eu suspeitava que ele vos cercasse de solitudes, como o faria eu, se possuísse alguém de quem me desvanecesse de ser esposo, tal como vós que sois motivo de legítimo orgulho.

— Tendes alguém que tem direito a conferir-vos razões para maior orgulho.

⁵ di Femln» lempet variam et mutabile — Eneida de Virgílio.

— Suplico-vos não invoqueis ninguém que venha perturbar a felicidade com que já me vindes aquinhoando. Quem quer que nos seja objeto de empecilho não recordeis, pois vos asseguro que desde há pouco é somente a vossa pessoa que me domina os sentidos. Heis de ter segura comprovação do que afirmo.

Essas práticas se repetiram com mais intimidade, estendendo-se à alcova em horas previamente estabelecidas para que jamais Gualtério suspeitasse da infidelidade de Letícia.

O amor converteu-se em paixão, mas paixão cega nos moldes daquela a que já nos referimos: paixão de carne, que é a mais perigosa, desatenta e insubordinada.

Duas pessoas suspeitavam disso, mas nesse número não entrava o marido da adúltera: era Isabel, a ciumenta rainha, era Matilde, a desventurada filha. A primeira irritava-se pelo abandono, a outra entristecia-se por não poder ir a Paris saber notícias do seu amado Carlos, muito mais digno de ser querido por ela, do que o pai o era pela Condessa Letícia.

Ora, o demônio, aquele mau demônio a quem tácitamente se referia Sócrates, tenta-nos por vezes de tal maneira que não há como deter-lhe as arremetidas dos chavelhos quem já está sob o seu guante, espetado em seu tridente.

O Conde de Essex era um estorvo a uma ligação mais íntima, pela qual aspiravam os dois amantes. A atração dos sentidos cegava a ambos vertiginosamente. Era a obliteração completa da razão, era a loucura levada ao máximo da sua expressão aniquiladora.

A ideia lúgubre de eliminar o rival começou a tomar vulto nas cogitações de Roberto, com horror da amante, que não desejaria ir a esse extremo. No entanto, se o seu pavor era grande, maior era a sua paixão pelo Conde de Leicester, que acabava de dar-lhe acesso maior à intimidade a ponto de haver um aposento separado para o amante, onde ele pernoitava.

Naturalmente por muitas vezes os dois homens se encontravam juntos no Castelo, almoçavam e jantavam em companhia de Letícia, iam a festas, assistiam às corridas a pé, às disputas dos atletas, muito comuns a essa época, isso a sós, ou em companhia da Condessa, sem que houvesse a menor solução de continuidade nas recíprocas relações, nunca suspeitadas em mau sentido pelo pacífico marido, de modo que Roberto tinha facilidade de pôr em prática qualquer medida que julgasse necessária a jamais serem perturbados os seus amores.

Houve uma temporada de chuvas contínuas, ocasionando perturbações orgânicas e resfriamentos de natureza grave. Foi num dos dias mais húmidos que Gualtério, havendo passado a noite num Clube a assistir aos jogos florais literários, que o absorviam sobre todas as distrações, chegou a casa em estado febril e lançou-se ao leito acusando muitas dores.

A Condessa pensou em chamar o médico, mas o amante opôs-se, alegando que tinha medicamento de efeito radical para semelhantes incômodos. Ela estremeceu espantada, mas não podia intervir mais. O coração chorava, mas as lágrimas eram de Roberto.

Na noite seguinte o enfermo não experimentara melhoras. O Conde Roberto entendeu de fazer-lhe vigília* Tomou-lhe o pulso e verificou que a febre era alta, levando o doente ao delírio. Preparou a dose do seu secreto epítima, lançou-o num cálice e entregou-o serenamente ao padecente, como se fôra o licor da saúde.

Meia hora depois o Conde de Essex, estertorando nas convulsões de uma agonia lenta e penosa, suplicava à esposa que lhe tirasse da garganta aquelas brasas que lhe requeimavam os gorgomilos, e, antes que a desgraçada esposa lhe acudisse com um calmante, cerrou os olhos e ficou imobilizado pela rigidez da morte.

A mulher ergueu-se alucinada e depois caiu ao chão, desfalecida. Quando tomou a si e abriu os olhos, estava deitada sobre o leito, para onde a conduzira o assassino de seu esposo.

Naturalmente o leitor vai esperar pela polícia, por um inquérito, por um processo criminal, o júri, a sentença, etc.

Santa ingenuidade! Então para que serviria o dinheiro, a posição, a influência, e outros predicados

que falecem aos miseráveis?

Houve um médico estipendiado largamente que atestou o óbito, fêz-se pomposo enterro e até se diz que a viúva expremeu dos olhos duas lágrimas, uma de cada, para harmonia e equilíbrio de ambos, pois os viram algo avermelhados; no entanto, mais tarde ficou averiguado que fôra a chama do pavor que lhe alterara o colorido das órbitas.

Mas não ficara tudo remediado, de vez que a viúva, embora pudesse agora moralizar a situação desposando o Conde, tinha diante de si o espectro de Isabel, a rainha, que não renunciara aos seus direitos de posse absoluta sobre o seu favorito.

Posse absoluta, ora essa agora é boa..! como se isso fôsse possível e plausível...

E' o caso que dentro de três meses o Conde, por artes sempre do seu satânico escudeiro, logrou promover o seu enlace clandestino com a viúva Letícia, isso com grande escândalo de quem ficou sabendo da tramóia e para eterna vergonha da Condessa, sua filha, que levantava as mãos ao céu e bradava:

— E era para assistir a esta ignominia, Senhor, que me destes a existência? Foi para esta desonra que me talhastes a carcaça de carne? Mas até quando devo arras- tá-la, Deus meu?

E, sem avisar o pai, deliberou uma viagem a Paris. Queria desabafar em outro ambiente, noutros ares onde os seus pulmões se pudessem saturar de melhor oxigênio, onde a atmosfera não estivesse putrificada pelas sórdidas exalações do esterquilínio, em que se chafurdava aquele a quem ela tinha horror em chamar seu pai.

Apressou-lhe essa resolução o haver-lhe o Conde avisado que passaria no dia seguinte a residir no Castelo de Kenilwort em companhia dela, Matilde, a sua esposa Condessa Letícia.

— Devo declarar-lhe, disse-lhe a filha com exaltada dignidade, que me desdoura esse enlace resolvido à custa de uma vida, pela qual o senhor é responsável perante o Autor das vidas. Vou acompanhada por Lúcia espaiar em Paris esta nuvem de vergonha que me enrubesce as faces. Receio que alguém me pergunte quem me aviltou até esta baixeza de impudor, forçando-me a esconder o nome do Conde de Leicester.

Roberto sentia-se humilhado realmente e bastante vexado diante da filha pelos desatinos que vinha cometendo, como se rolasse por um despenhadeiro. Nem mais lhe assistia o direito de fazer referências à dedicação da moça pelo monarca francês.

Deixou-a com os seus propósitos, apenas recomendando-lhe que fôsse criteriosa para não agravar ainda mais a sua situação, ao que a inteligente e altiva criatura redarguiu:

— Quem é o senhor para falar em critério? Quem agravou a sua situação? Fui eu? Não. Foram as suas paixões, conduzindo-o a praticar as maiores iniquidades. Eu sou uma vítima do amor, mas soube e saberei conter-me dentro das lindas do caminho, evitando as escarpas e os insultos da multidão anônima, que se repasta no escândalo.

E voltou as costas ao pai, entrando em seus aposentos e ordenando a Lúcia què lhe fizesse as malas com urgência a fim de seguir nessa mesma tarde para França.

A aia ficou vacilando, a pensar que a sua ama estava gracejando, ou tinha endoidecido, pois nunca havia atravessado a Mancha a sós, sem o pai.

— Então? que esperas, Lúcia?

— Está falando séria? Há coisas na vida que até parecem bruxaria.

E saiu a benzer-se, indo encher meia dúzia de grandes malas.

E numa tarde desse fim de Dezembro de 71 fechava- -se o seu aposento no Castelo londrino e abriam-se os portões do palácio de Vincennes para dar entrada à linda Condessinha, que iluminava com o esplendor dos seus atrativos mágicos essas paredes ricas de atavios, mas solitárias e taciturnas em sua tristeza por lhe faltarem a vida e a alegria dos olhos vívidos e jubilosos daquela fada encantada.

X BRASAS SOB CINZAS

Despontara num período de plenilúdio o ano 72, com irradiações pálidas de um sol tristonho, prenunciativo das sombrias ocorrências de que a cidade ia ser teatro dentro de oito meses.

O inverno era rigoroso, e as noites forçavam a um repouso e retraimento a que a sociedade era coagida, isolando-se do convívio das festas e prazeres noturnos.

Não tardou que o monarca, com a sua comitiva de cavalaria e lanceiros, passasse junto às portadas do palácio do Conde de Leicester e que Matilde desse fé do ruidoso tropel, correndo à janela para certificar-se de quem assim lhe dava honrarias, pois ainda não sabia da edificação do Castelo do rei em Vincennes.

Indagando dos criados caseiros, soube então que Carlos IX havia mudado o seu domicílio de Blois para aquelas regiões pitorescas, talvez para melhor recordação da sua amada. Este pensamento encheu-a de indizível satisfação e de natural orgulho, se é que presidira à mudança semelhante propósito conforme ela o imaginava.

O certo é que no dia imediato a moça se dispôs a aguardar pacientemente, e por longas horas, resguardada sob as adufas da janela, a passagem do rei, mas durante oito dias não se repetiu o desfile. Carlos IX havia buscado repouso, apenas de um dia, às lutas exaustivas da guerra, e voltara a seu posto de combate, dirigindo esquadrões e determinando ordens de assaltos às emboscadas dos inimigos.

Após alguns dias o cansaço o forçara a novo repouso, e ele voltou a pernoitar por algum tempo em seu Castelo.

De bem longe ouvia-se o tropel dos batedores, fornecendo tempo a que a Condessa pressentisse a aproximação do coche real e viesse à janela para ter o platônico prazer de observar o desfile do monarca com o seu séquito.

Carlos IX nunca por ali passava sem lançar saudoso e dorido olhar para as janelas daquele edifício onde se abrigara outrora a dominadora dos seus cuidados, não suspeitando, nem de leve, que ali estivesse a moça agora pensando justamente nele e diligenciando por vê-lo ao longe.

Foi, pois, com deslumbramento que fitou a Condessa à sua passagem e pôde premiá-la com um sorriso de legítima satisfação, retirando o chapéu de plumas e saudando-a respeitosamente.

Não pode a pena do mais erudito escritor descrever o sentimento de alvoroço, em que ficou o seu espirito, nesse ditoso instante da sua vida.

Ele sabia que Matilde havia partido para Londres, seis meses atrás, mas ignorava o seu regresso e, muito menos, que ali estivesse a sós.

Ao chegar a palácio, mandou um mensageiro chamar Jaques, sempre o seu indispensável Jaques, o anjo da providência nesses negócios do coração. O bom servo atendeu ao apelo, ouviu o rei sobre a nova de haver regressado Matilde, e o seu interesse por saber alguma coisa sobre ela, o que pensava o Conde no tocante a casá-la à força, conquanto soubesse que o Duque de Parma havia partido para a Etólia a terçar armas, como ele o fazia pelos direitos da França.

Jaques ficou pensativo, prometendo envidar esforços por levar ao rei a tranquilidade reclamada pelos seus nervos agitados com a vinda da linda criatura ao seu ninho hospitaleiro. E saiu, irradiando esperanças na alma do amo.

Esse homem, que parecia um ente sobrenatural, passava pelo palácio dos Leicester de retorno após o diálogo que acabava de manter, e já divisava na rua, desobrigando-se de um encargo cometido pela ama, a generosa Lúcia, que foi a primeira a vê-lo.

- E' você, Jaques? A Condessinha está de regresso. Contrariou-se com o pai e voltou sozinha.
- Está sozinha? repetiu o servo, admirando-se da novidade.
- Sim, apenas comigo e os demais criados.

— Quer dizer que posso visitá-la...

— Isso não sei, mas poderei consultá-la. Eu quero tanto bem a ela e ao rei...

E correu como uma flexa a requisitar da ama a licença para a entrada de Jaques.

A Condessa ordenou-lhe que fizesse subir imediatamente o providencial mediador das suas alegrias.

Jaques atendeu ao convite e subiu as escadas do palácio, onde apenas encontrou um novo porteiro, que o deixou seguir em companhia de Lúcia.

O encontro do servo com Matilde não obedeceu ao servilismo, com que os criados encaram os seus superiores em hierarquia tão elevada como a da Condessa, pois ela não considerava Jaques como um criado, mas qual verdadeiro e sincero amigo e defensor, incomparavelmente maior que seu próprio pai.

Apertou-lhe a mão como se o fizesse a pessoa da mais alta consideração, forçou-o a sentar-se num divã a seu lado e dispôs-se a ouvi-lo com o mais vivo interesse sobre o que havia acontecido de importante nesses seis meses de ausência.

Jaques nada mais adiantou senão que seu amo passava todo o tempo nas trincheiras, raramente demorando-se mais que dois ou três dias a repousar.

A verdade é que Isabel, sua esposa, vivia lamentando-se na tristeza e no abandono, em que ele a deixava, ainda mais receosa pela sua sorte em meio ao fogo do inimigo. Catarina não lhe dava o conforto das consolações e da estima, naturais em uma boa mãe. Era seu ideal somente a vaidade de dominar, vencer o ambiente, sobrepor-se ao convencionalismo e aos desejos de ordem do populacho, quando tais ambições pudessem violentar o castelo das suas aspirações e derrubar a escada, por onde ela pretendia ir subindo até às culminâncias do poder, que agora a ameaçava de ver desfeito.

O seu maior inimigo era o Almirante Coligny, chefe dos huguenotes, que havia empolgado o povo com a sua indiscutível autoridade e valioso prestígio, e cujo poder ela tentava destruir, amordaçando o insolente violador de suas imunidades governamentais.

Tudo isso era conhecido e comentado francamente em todas as rodas da sociedade, e a Condessa tinha conhecimento dessas rumorosas intrigas políticas.

Assim, pois, a vida e a estabilidade do monarca, os dias do seu futuro eram inegavelmente uma ameaça tremenda, uma nuvem negra, uma visão sangrenta.

— Se eu pudesse vê-lo... suspirou ela, levantando os olhos para o alto. .

Porque erguia ela os olhos para o alto?

Há na alma humana um instinto latente, uma força incoercível, uma potência imanente, uma pendor congenial, segredo do espírito, mistério do coração, alvoroço, esperança, quimera, sonho ou o quer que seja, que nas grandes aflições, nos paroxismos da dor, nos mais acerados lances da alma flagelada nos impele, nos vio- lènta a olhar para o alto.

Que é que existe lá em cima, que luz, que sol, que astro ou que anjo pulcro atrai inevitavelmente, e poderosamente, e providencialmente, os olhos de quem já os tem fatigados de chorar?

Que vos respondam todos quantos sabem as consolações oriundas dessa inexaurível fonte. Que vos falem aqueles que viram anoitecer-lhes o dia, sem nunca haver-lhes despontado o sol da ventura.

Que vos informem os que tiveram, desde o berço, aberta a mesma estrada anfratuosa, inçada de baledos e torgas pisando-lhes os pés, sangrando-lhes a fronte, pelas escarpas até ao túmulo.

E' a saudade do berço genésico, onde o Criador acalentou o filho recém-nado, deu-lhe o báculo, deu-lhe o alforje e mandou-o caminhar sozinho pelos areais comburentes do deserto, sobre a areia causticante, em vastidões intérminas, sem linfas onde desalterar-se da sede, sem sombras de arvoredos onde abrigar-se dos ardores do sol candente, apenas de longe em longe repousando exaustivo a cabeça febril em um pequeno oásis, sem um pomo para saciar-lhe a fome.

Em toda essa horrível odisseia ele esquecera a varinha mágica, roteiro da sua peregrinação.

No fundo do alforje o Pai havia depositado o talismã do triunfo, mas o inadvertido infante não quisera despendar esforços em baixar-se para tirar ao fundo da taleiga o segredo da sua felicidade.

Esse segredo, abandonado ao desprezo, foi-lhe martírio sem tréguas, foi-lhe o desfazerem-se em espinhos as rosas estendidas pela alfombra dos intérminos caminhos da romaria, em sua mesta peregrinação sobre ígneos braseiros.

Matilde, como quase todas as criaturas viventes, não houvera tirado do seu alforje o talismã da palma triunfadora. Caminhara ao léu e trazia, alfim, os pés algemados pelos grilhões do infortúnio; mas sabia, re- cordava-se que lá estava no alto Aquele, que a mandara confiar-se aos próprios destinos, que lhe apontara o roteiro, que lhe recomendara desviar-se dos precipícios, e ela, no entanto, se transviara como quase todos os da sua caravana.

Agora, triste, arrependida certamente, olhando para cima, para o céu, onde se esconde o magnânimo Autor da sua existência, ela suspirava:

— Se eu pudesse vê-lo...

Podia. Bastava estar ali aquela alma de bondade e solicitude raríssimas para a ansiada moça molhar a ponta da sequiosa língua na água cristalina da consolação.

— Podeis vê-lo, parecendo-me de boa política que ele se faça acompanhar da generosa irmã, vossa amiga, a Princesa Margarida de Valois, ponderou o desvelado servidor.

— Bem imaginado, respondeu a jovem.

E, sem mais detença, o servo despediu-se, partindo para o palácio real e transmitindo ao rei o diálogo passado entre ele a Condessa.

A volta do Castelo, logo no dia seguinte, Carlos IX tornou a ver à janela a suave criatura, que lhe banhava os olhos de deliciosa ventura.

Procurando a irmã, disse-lhe o que se combinara com a sua colaboração, isto é, que, estando Matilde a sós em Paris, e querendo ele adormecer em seu coração saudades que o vinham pungindo, confiava em sua generosa interferência para fazer uma visita a Matilde, sem escândalo das vistas públicas.

Margarida, sempre afetuosa pelo irmão, não tergiversou um segundo na resposta afirmativa.

O rei tinha por hábito demorar-se apenas um ou dois dias no repouso das lutas bélicas, mas desta vez pensou em fazer uma longa estação, desde que aí estava aquela, que mais de perto o detinha, e que era a razão de ser da sua vida.

No dia imediato pelas 2 horas da tarde, descendo da sua carruagem de passeio, entrava ele, acompanhado de sua irmã, no palácio do Conde de Leicester.

Matilde foi avisada pelo porteiro, que seguiu os visitantes até ao topo da escada e encontrou a Condessa já enfeitada na sala de espera, aguardando a aparição dos hóspedes, adivinhando a urgência dos desejos que ambos animavam com idêntica ansiedade.

A Condessa lançou-se nos braços da Princesa, beijando-a ardentemente, como a agradecer-lhe a benemérita co-participação de seus colóquios, inditosos embora.

Carlos IX segurou ambas as mãos da moça, levou-as ao sítio do coração, apertou-as contra a face esquerda do peito, e pediu-lhe que consentisse em que ele pudesse restaurar o vigor do seio amortecido, donde se lhe esvaíra o sangue e metade da vida, podendo assim reviver agora por um dia, por uma hora, por um minuto, para ter a ventura de poder vê-la, adorá-la e depois morrer, cheio de recordações felizes, de lembranças de uma época, a única, em que lhe brotaram esperanças que deveriam ser flóreas, mas que já conhecera mortas, porquanto chegara tarde para encontrá-las viridentes.

Sentados juntos, ainda com as mãos entrelaçadas — um sorriso de júbilo nos lábios, no seio a balsâmica impressão da ventura —, a moça assim falou:

— Quando passei pelo seu mesmo caminho, através de escarpas e de prados tostados pelos gelos hibernais, também já não encontrei flores, nem ao menos emurchecidas. Não sei que mãos ditosas as

colheram antes de mim. Não me assiste o direito de invejá-las, nem quereria disputá-las sem desdouro da minha dignidade. Fiquem elas reservadas aos que forem talhados para merecê-las. Guardem-nas os que as apanharem sem ferir nos espinhos, e oxalá possam conformar-se com a desventura, quando elas venham a estiolar-se algum dia. Que na verdade parece não serem muitos os que os levarão no final da vida a adornar-lhes o esquife para a viagem ao túmulo.

Assim é. Por mim sou menos infeliz. Que flor mais bela e perfumosa e dolorida poderia adornar a ânfora sagrada em que depus as relíquias da minha alma? Que uma, que cibório já acariciou vaidosamente em seu bojo eucarístico alguma hóstia, que se pudesse comparar ao anjo evolado do céu, à santa criatura emigrada do infinito para aqui repousar, por equívoco do destino, e vir deslumbrar-me apenas, deixar-me absorto, suspenso de admiração, extático em sublime encantamento diante das obras deslumbradoras da natureza?

Eu deveria prever tudo isso quando a fatalidade, de um lado, e a fortuna, de outro, ofereciam a meus olhos atônitos a graça de enriquecer-me com a visão do objeto mais perfeito da obra divina. Não morreria integrado no conhecimento das maravilhas da Terra antes que a conhecesse. Eis a verdade.

— Fala uma linguagem que não é deste mundo. Que fiz eu para merecê-la? Lancei em seu generoso coração o fel do desespero e o veneno da desgraça. Eu bem vejo o desassossego em que balouça o seu espírito atormentado. Sei que o seu esforço dentro da guerra é uma forma disfarçada para fugir aos tormentos da ingrata sorte que lhe coube.

— No entanto, não posso alterar, modificar, diminuir as suas desditas, que eu estimara fôsem extintas com a minha morte.

— Não se aflija. Mudemos de assunto, pois estamos sendo egoístas com a minha encantadora amiga, sua irmã. Perdoe-nos, querida Princesa, estes desperdícios de lamentações, que não serão forças bastantes a amparar-nos do desânimo.

— Tem razão. Afugentemos o fantasma do mal, que é partilha de muitos e desespero de todos. Sabe que tenho o meu enlace contratado com Henrique de Navarra?⁶

— É singular, em se tratando de um protestante, quando sua mãe, segundo se propala, tem em mente dominar as ideias reformistas.

— Pois é exatamente para corresponder aos propósitos de minha mãe que me vou unir ao Príncipe Henrique, sem motivos de coração que me reforcem o enlace.

— É uma questão de Estado, observou o monarca. Minha mãe pretende equilibrar as dissensões políticas e estabelecer uma aliança pacificadora entre os hugue- notes e o trono.

— Sou eu, portanto, a balança do equilíbrio, adiantou a Princesa.

— É um nobre sacrifício, não há dúvida, concluiu a Condessa.

— Que me há-de ser fatal⁷, porque não existe o vínculo da afeição.

— É realmente uma situação horrível.

— Podemos todos congregar-nos para descer o res- valadouro das vicissitudes, disse o rei.

— Quando existe a solidariedade na desdita, já é um consolo ver que não se caminha a sós pelas sombras do labirinto, ponderou Matilde.

— E que há quem nos auxilie a tatear e a amparar-nos das quedas, terminou a Princesa.

Os visitantes foram conduzidos ao salão das refeições, onde se serviu o chá, desdobrando-se Matilde em gentilezas pelos dois irmãos.

Passaram cerca de duas horas — dois segundos dir-se-ia —, quando o tempo é computado pelo relógio que regula o coração dos que amam.

⁶(1) Henrique de Navarra, ou Henrique IV, reinou em França de 1589 a 1610.

⁷(2) Margarida foi rainha de França de 80 a 99, época em que foi repudiada por Henrique IV, que se casou depois com Maria de Médicis.

Durante esse lapso de tempo o assunto versou sobre as aventuras do Conde de Leicester, narradas minuciosamente por Matilde, e das quais nada se sabia em Paris até então, pois o consórcio de Roberto se efetuara em fins de Dezembro.

Naturalmente todo esse escândalo horrorizou os ouvidos dos que escutavam a aventura, ficando o rei mais convencido da incapacidade do Conde para forçar a filha a submeter-se ao seu domínio, no tocante a con- volar a núpcias com Alexandre de Faraese.

A respeito deste homem, informou a Condessa que havia recebido cartas suas em Londres, nas quais ele não renunciava aos projetos de seu ardoroso coração.

O Duque continuava a amá-la profundamente, e tão logo pudesse confiar a outrem as responsabilidades do comando no setor que lhe fôra confiado, viria a Paris suplicar, insistir, chorar piedade para si e para o seu amor desprezado tão desnaturadamente. Esperava que Matilde acabasse por submeter-se aos seus rogos, persuadido de que a perseverança ainda é virtude apreciável e de utilidade prática nos conflitos do coração, mais do que em outras circunstâncias.

Para a Condessa era ponto resolvido que nunca se renderia à escravização de seus sentimentos, considerando-se emancipada da tutela de seu pai desde a hora em que ele lhe testemunhou a baixaza de seus instintos. Estava definitivamente livre para com altivez regular-se sem a tutoria do Conde, fôssem quais fôssem as consequências porvindouras.

Que lhe poderia suceder de mais grave em seus destinos?

Para uma mulher nas suas condições, a questão mais delicada e, por assim dizer, o eixo da sua vida era o casamento. Esse considerava-se questão morta. Não se casaria mais, desde que existia uma muralha entre ela e o escolhido de seu coração, tanto mais quanto tal barreira era mais invulnerável do que as muralhas chinesas, visto que o monarca, o único ser amado, já havia ligado seu destino a outra mulher.

Fôssem sólidos, ou não, os laços que prendiam o rei a Isabel — e ela sabia que eram bem frágeis —, em nada influiriam nos seus propósitos de manter-se em uma viuvez de alma, de corpo, de esperanças e de alegrias.

A vida era-lhe um peso, continuaria a sê-lo pelo infinito dos tempos até a hora em que Deus se apiedasse dela e a libertasse do jugo da matéria.

O exemplo das infelicidades alheias, continuou Matilde, era-lhe um estímulo à resignação. Desejava associar-se às mágoas estranhas. Iria amiúde visitar os infelizes nos albergues e as criancinhas órfãs, que costumavam ir aos domingos à Catedral da Notre Dame, às quais socorreria com grandes júbilos mais dela do que das desvalidas meninas, cuja insciência não lhes permitia conhecer a extensão do seu precoce infortúnio.

Aos domingos, acrescentava, iria assistir aos ofícios religiosos para aí haurir as consolações reclamadas por sua alma enferma. Que mais se fazia mister para viver tranquila com a sua consciência?

O monarca ouvia-a abismado pelos conceitos judiciosos, e Margarida extasiava-se com a nobreza da alma de sua amiga, que ela nunca suspeitara tão ativa e sólida nos princípios mais elevados de sua razão.

— Lembra-me o verso de Virgílio: tendo conhecido a desgraça, aprendi a socorrer os infelizes, disse Carlos.⁸

Os preceitos do dever forçaram o monarca a findar a visita, e ele ergueu-se para retirar-se com a irmã.

Feitas as despedidas, ficou de pé a promessa de aí voltarem toda vez que lhes fosse possível, verificando-se realmente que, quando o coração manda, todas as dificuldades são vulneráveis, porque semanalmente as reais personagens vinham tomar chá com a Condessa.

⁸(1) Non Ignara mail, disco succurrere miseris.

O Conde de Leicester não podia furtar-se ao dever de vir, de quando em vez, a Paris, ao encontro da filha, que ele sabia precisar de prestigiar com a sua paternidade, mas nunca soube das visitas do monarca, porque os criados não tinham permissão para revelar particularidades, nem ele ousaria mais intervir na vida da filha, servindo-se de alcoviteiros do estalão de Vítor.

Quando o Conde se achava no palácio e isso o fazia por um dia apenas —, o rei era avisado por Lúcia.

À primeira visita não deixou de comentar a mudança do monarca para o Castelo de Vincennes, e disse com a sua costumada ironia:

— Se eu soubesse que ele pretendia consumir uma fortuna nessa construção, vendia-lhe o meu palácio. Isso representaria considerável economia nas finanças da Nação.

Ao que a filha revidou com apropriada feição satírica:

— Maior economia realizaria a Nação se meu pai o presentearse com o seu palácio, como fêz a rainha Isabel ao senhor quando lhe ofereceu o Castelo de Kenilwort.

O Conde mordeu os lábios e renunciou a outras indiretas.

Daí por diante evitava com cuidado disputar com Matilde, estudando de antemão as palavras antes de proferi-las, por se ver ridicularizado por ela e não ter mais compostura para reprimir-lhe as ousadias.

Nunca a Condessa se referira ao fim misterioso que tivera sua mãe Amy Robsart, morta de modo a deixar suspeitas, mas agora com o falecimento do Conde de Essex de maneira insólita, sem que fôsse acometido de moléstia grave, ela suspeitava com razão que fôra seu pai o autor do sinistro, tanto mais quanto havia entre os amantes verdadeira e desatinada paixão.

Todas essas razões levavam o Conde a fugir de esclarecimentos e a ter receios de provocar as indiscrições da filha em assunto de tamanha magnitude.

Recolhia-se então a um silêncio tumular acerca da sua nova vida e consentia de bom gosto que a filha permanecesse em Paris, limitando-se a vir amiudadamente visitá-la e a dar ordens no sentido de nada faltar para os arranjos e recursos abundantes da economia doméstica.

E partia invariavelmente, desejando-lhe venturas, que ela agradecia e retribuía prazerosa, desde que lhe eram bastantes as de se ver ainda amada e querida por quem a compreendia e respeitava com nobreza dalma.

No entanto, o Duque de Parma

XI EXPLOÇÃO DE ÓDIOS

No entanto, o Duque de Parma, por haver terminado a Guerra da Grécia contra a Turquia em 7 de Outubro do ano anterior, depois de uma estada em Parma, sua terra natal, para visitar parentes seus, regressou a Paris e procurou inesperadamente a Condessa, que o recebeu como visita de cerimônia.

Achou-a calma e tão tranquila que ficou a cismar. Além disso, tinha restaurado as feições por tal maneira que até parecia haver remojado e estar mais formosa.

Que havia mouro na costa, disse ninguém o arredava. Soube de tudo quanto dizia respeito ao Conde de Leicester por intermédio de amigos, que o puseram ao corrente das estroinices do pretendido sogro.

Foi antes ouvi-lo em Londres sobre as suas ideias concernentes ao seu compromisso de conceder-lhe a filha.

O Conde confirmou os seus desejos de que Matilde viesse a pertencer-lhe, mas isso estava dependendo dela somente, que, por sua parte, casar-se-iam no mesmo instante.

Era muito, mas não era o bastante essa saída de Roberto. Restava ouvir a jovem, principal personagem da trama, e de quem de antemão tinha quase a certeza de que nada arrancaria em matéria conjugal.

Voltou a Paris, procurou-a e foi recebido com sinais de desagrado.

O Duque desesperou-se, amaldiçoou-se, e acabaria ajoelhando-se aos pés da moça, se isso não fosse uma humilhação, que ainda não havia entrado no programa de suas atitudes sociais, pois que, como já se disse, andara outrora a desafiar os transeuntes nas ruas de Madrid para duelos tal qual mais tarde Cervantes metia a espada nas mãos de D. Quixote para desafiar moinhos de vento e espetar odres cheios de vinho, que se esparrinhava pelos orifícios dos golpes.

A Condessa ouvia o moço com paciência e resignação estóicas, rogando aos céus que lhe removessem aquela praga pior que as do Egito.

— Será que não corra sangue nas artérias de seu esquivo coração? Será que não o anime a piedade das almas bem formadas? choramigo o amoroso fidalgo.

— Suspeito que sim. E isso me leva a crer que sou uma alma mal formada, onde não corre sangue, talvez à míngua de veias.

— A que aviltamento descí, que até sou tratado com os convícios do ridículo.

— A culpa é sua. Porque veio importunar-me? Tenho sido sincera consigo desde o primeiro dia de nossa infeliz convivência. Falei-lhe com o coração nas mãos. Disse-lhe que não poderia amá-lo. Porque insiste com impertinência? Eu era há pouco uma escrava, já agora não o sou. Meu pai perdeu o direito de governar-me o coração, desde que não soube dirigir o dele com dignidade.

O Duque estremeceu diante desta justa objurgatória. Reconhecera os erros do Conde. Soube do escândalo. A rainha Isabel era a primeira a fazer alarde de sua infâmia, do assassinio do Conde de Essex e do casamento clandestino do amante dissoluto.

Não insistiu. Apenas apertou a mão de Matilde, dizendo :

— Continuarei a esperar. Já lhe declarei um dia que a esperança é a única luzerna dos tristes.

E o suspicaz namorado retirou-se.

No dia imediato Carlos IX vinha, acompanhado da irmã, visitar a sua amada, justamente quando Alexandre rondava o palácio, desconfiado de alguma coisa que lhe espantavam os malévolos seres ocultos.

Aproximou-se do rei e cumprimentou-o como se fossem velhos amigos.

Carlos IX dedignou-se de corresponder ligeiramente à saudação, sem ligar importância ao rival, e entrou no palácio, sem mais detença.

A Condessa, sabendo do encontro, assustou-se e ficou aflita, embora o monarca a acalmasse, assegurando não haver perigo algum no fato do encontro.

Ao sair do palácio, porém, Alexandre ainda ali se conservava, aguardando o inimigo. O duque disse então ao rei que respeitava a companhia da Princesa para evitar dizer-lhe alguma coisa, que só se declarava a homens que resguardam as casas das donzelas honestas, mesmo acobertados sob o pálio misericordioso das irmãs.

Diante da protéria proferida, Carlos IX forçou a Princesa a entrar sozinha na carruagem, e voltou ao encontro do Duque, que continuava imóvel sobre a calçada.

— Repeti o que queríeis dizer e que nem bem entendi, senão que havia um pálio a que me acobertava.

— E que as casas das donzelas honestas devem ser resguardadas.

— Se há um ser abjeto que não sabe resguardá-las, sois vós, que ainda ontem viestes violentar este lar sagrado, insistindo em desdourar uma criatura de quem sois indigno de lavar as encarradeiras.

— Refletis no que dizeis?

— Mais do que vós no que fazeis, disse o rei levando a mão ao punho da espada.

— Não vos responderei senão com um tiro. de arcabuz.

— Como fazem os vilões covardes. Se fôsseis um homem de brio, prefereríeis a espada.

— Pois seja a espada.

— Estou de acordo.

— Quando e onde?
— Esta tarde, às 5 horas, no Bosque de Bolonha, junto ao lago de Auteuil, em face das fortificações.

— Testemunhas?

— Para mim basta-me a consciência. Para vós ofereço-vos o meu último laçao.

O Duque de Parma partiu furibundo, com os olhos congestos de ódio.

A Condessa assistira ao diálogo e mandou que Lúcia corresse a chamar o monarca.

Horrível dilema; se a atendesse, o Duque, ainda ali próximo a vigiá-lo, acharia motivos para maiores afrontas; se a abandonasse à aflição, teria remorso de não ir ao seu encontro para acalmá-la, confiando na destreza da sua mão.

Que fazer pois? Respondeu à camareira que a moça esperasse afastar-se o Duque e que dentro de uma hora viria de novo com Margarida para dissipar os seus infundados temores. E dentro desse prazo, regressava com a irmã e subia as escadas.

Logo ao entrar, a pobre moça lançou-se-lhe ao pescoço, rogando-lhe empreender esforços para dissuadir o Duque de semelhante encontro.

E as lágrimas borbulhavam-lhe dos olhos em bagadas.

Ela fazia todos os sacrifícios para evitar que corresse o sangue de seu amado, todos, inclusive sacrifici- car-se como ele o fizera, ao desposar a filha de Maximi- liano n.

— Então, pela minha vida Matilde daria o coração ao Duque ?

— Não; o coração é seu. A ele ofereceria os braços para as algemas. Pois não foi assim que o senhor procedeu ?

— Santíssima criatura, balbuciou o rei, prosteman- do-se de joelhos a seus pés. E' assim que devo beijar- -lhe as mãos.

E as inundava de lágrimas.

Depois, ergueu-se e exclamou:

— Nada receie. Eu lhe asseguro que a minha espada não tremerá.

Matilde rogou a Margarida que lhe ficasse fazendo companhia até saber o desfecho do duelo. Jaques viria informá-las do resultado.

Houve a separação, entre abraços da Condessa, que apertava doidamente nos braços o rei, como fazem as mães quando os filhos seguem para os combates.

À hora aprazada o Duque aparecia simultaneamente com Carlos IX no local prefixado.

Cruzaram as armas, apertaram-se as mãos, e coube ao Duque atirar o primeiro golpe, que feriu levemente o braço esquerdo do monarca.

Segundo, terceiro e quarto golpes de ambos não sortiram efeito, mas ao quinto, vibrado com maestria e destreza pela espada ultriz de Carlos IX, o Duque resvalava ao chão ferido no ventre, donde um rubro filete de sangue corria sobre o calção.

Foi solicitado um médico, que fazia parte da fortificação ao lado do campo da luta. O Duque foi carregado numa padiola e o rei já se ia retirando para curar-se do pequeno arranhão, quando viu, de braços abertos, desvairada como louca de satisfação, a correr para ele, a Condessa, que, com sua irmã, não se pudera conter, e viera assistir, oculta numa moita do bosque, ao desafio para conhecer-lhe o desfecho.

E, presa ao seu pescoço, agradecia a Deus a continuação da vida daquele homem que lhe abrira no coração a linfa da felicidade, e que lhe era o símbolo da vida.

Regressando a casa, Matilde separou uma soma de moedas de ouro, e no dia imediato as levava para serem distribuídas aos pobres do Recolhimento das órfãs, em louvor de graças pela vida do monarca.

Era realmente um gesto simpático, mas, a rigor, pouco fraternal. Se o adversário tivesse vencido, ela esqueceria os pobres, que eram os preferidos do Divino Mestre.

Coisas extravagantes da crença dos homens e da piedade mal entendida.

Durante quinze dias esteve o Duque entregue aos cuidados médicos em estado gravíssimo, mas, por força de sua constituição robusta, apesar da perda de muito sangue, ergueu-se restabelecido e restaurado na sua honra, que pelos modos se lhe encravara no ventre, local pouco digno de ser louvado como repositório de coisas asseadas, que entendem com a elevação e a limpeza dos brios.

A sua vingança foi dirigir-se a Londres para revelar ao Conde as visitas que o rei de França andava fazendo à filha dele. Vindita mesquinha era essa.

Roberto Dudley ficou perplexo e vacilou. Acovardou-se, se quisermos ser franco na exposição do derrancado sentimento que o avassalou.

Ter de disputar com a filha era uma peleja para que lhe faltavam armas. Confessava-se tácitamente um recruta, um inválido, um pusilânime dos mais ridículos, um vencido antes de começado o embate das forças.

Não o disse ao Duque, mas ponderou-lhe que a situação no momento não lhe deixava tomar uma providência condigna e decisiva, como convinha, mas aconselhava-o a aguardar pacientemente algum tempo até que se dissipasse a nuvem que andava a escurentar-lhe os horizontes, para então usar da sua força moral.

Nem ele saberia se alguma vez poderia assumir tais atitudes, mas no instante convinha-lhe essa fanfarronice diante do Duque, a fim de não perder a compostura.

E o Duque regressou a Paris, desfalecido, e varado mais do que o fora pela espada de seu adversário de dois meses antes.

A sua desforra haveria de ser feita, custasse o que custasse, e seria tremenda, ruidosa, formidável, ruminava o monstro consigo mesmo.

Lembrou-se de um homem que não temeria sangue, lembrou-se de Vítor.

, Procurou-o no cárcere. A sua visita foi de grande praefer para o miserável, que o recebeu como a um irmão, como a um pai.

O Duque falou ao carcereiro sobre a estada daquela pobre criatura ali, havia tanto tempo, sem uma alma compassiva que se interessasse por ela. No entanto, nada havia feito Vítor que justificasse a sua detenção, eternizada não se sabia por qual capricho mesquinho.

Disse-lhe o guarda que fora o rei o mandante da prisão, e eram respeitáveis e temíveis as determinações do monarca, severo em suas disposições e inexorável em sua punição: seu antecessor fôra metido a ferros e açoitado.

Ponderou Alexandre que o monarca, andando preocupado com as guerras, nem se lembrava mais daquele infeliz. Vítor tinha família, precisava ver os seus. A mãe estava agonizante, o pai, entrevado, e, assim por diante, o embusteiro ia cinicamente inventando histórias terríficas e preparando o terreno até aonde queria chegar.

O carcereiro ficou pensativo e entristecido.

— Vamos, homem de Deus, dou-te vinte mil francos pela liberdade de Vítor. Sou grato aos pais dele. A este pobre homem devo alguma coisa que vale bem uma parte da minha vida, e assim se explica o interesse que por ele tomo. Demais, com a soma que te ofereço, bem podes escapar-te, indo para fora do país. Vai para a Bélgica, para a Inglaterra, ou para a Espanha, e nunca serás apanhado.

E, depois de uma pausa, dando tempo a que o outro meditasse:

— Aceitas?

— Aceito por piedade, mais do que por interesse, respondeu o interlocutor.

Era falso. O patife aceitava exclusivamente por interesse.

Dentro em pouco o guarda era embolsado da traficância e o brutamontes posto na estrada de Montmorency, de onde se dirigiu para a casa do Duque, aí ficando homisiado.

Alexandre recomendou-lhe todo o cuidado para que não fôsse descoberto, receando que, em caso de segunda fuga, o rei o mandasse matar, e dessarte lhe falharia o instrumento quando precisasse

lançar mão dele.

Dias depois verificava-se a visita habitual do Conde e sua filha.

Roberto pensou em falar-lhe jeitosamente sobre o que sabia respeito às censuráveis visitas do rei, de vez que ele entendia não serem louváveis e conservarem o vestígio de sentimentos que deveriam ser recalçados e esquecidos para sempre.

Apanhando a filha de bom humor, disse-lhe então que o Duque o havia visitado; que lhe comunicara haver-se encontrado com o rei às portas do seu palácio; que tivera uma violenta troca de palavras azedas, acabando por ser forçado a desafiá-lo para um duelo, tais os insultos que lhe foram assacados; que acabara batendo-se com ele no Bosque de Bolonha; que fôra ferido gravemente no ventre e que durante quinze dias se debateu entre a vida e a morte.

— E infelizmente não morreu, concluiu a filha des- piedadamente!

— Não morreu, tanto assim que me veio referir as suas agruras.

— Circunstância agravante: foi revelar-lhe as suas agruras, mas ocultou as minhas.

— Então tudo isso é verdade?

Clara como a luz do sol, diáfana como a água das nascentes.

— E depois?

— Depois quê? Que quer meu pai que lhe acrescente? Cabe-me alguma culpa?

— Sé não recebesses as visitas do monarca... observou timidamente.

— Posso impedir que me honrem dois soberanos de França, sendo um o rei, homem casado, e outro a Princesa Margarida, minha amiga, atualmente noiva de Henrique de Navarra?

— Não contesto nada disso. Parece-me no entanto que ainda existe nos vossos corações partícula razoável, senão considerável de afeto incompatível com as vossas posições.

— Nada receie, meu pai. Afirmo-lhe que entre nós há uma barreira construída de elemento mais irresistível que o ferro: é a dignidade de um homem de quem me orgulho de chamar amigo e a minha consciência invulnerável aos resvaladouros do vício. Nem todos poderão repetir isso.

O Conde entendeu a indireta e calou-se por prudência .

Voltou a Londres no dia imediato e, diga-se a verdade, mais tranquilo com a sua sorte. A filha falava-lhe com elevação tal que o acomodou. Tinha confiança em seu critério e via em suas palavras a força do valor próprio.

Ali no seu Castelo, em companhia da esposa, tinha tribulações engendradas pelo ciúme da rainha, que nunca lhe perdoara o desprezo e a preterição. Precisava revestir-se de calma e de audácia nunca imaginadas para viver entre dois fogos, pois a Condessa de Essex também não renunciava aos seus direitos legalizados, muito mais por haver concorrido para a eliminação do marido..

Era já horrível a situação do Conde nesses tempos, chegando ele a pensar em resolver uma providência qualquer que o libertasse das angústias em que a sua alma se debatia sem repouso nem tréguas.

O cerco foi-se apertando cada vez mais até tomar-se intolerável, de maneira que Letícia já estava desiludida e cansada da aventura.

Surgiram recriminações, ameaças, intermináveis querelas, que acabavam por lágrimas e desesperos da Condessa, criando-se um ambiente de divórcio.

E foi ao fim de uma contenda irreprimível que ela, cinco meses depois de seu enlace, abandonava o Castelo e tomava a direção da Escócia.

Roberto, com o coração farto de tédio, respirou largamente e repousou dos abalos intermitentes desses últimos amores.

A rainha voltava à calma e sentia-se ditosa e vingada.

No entanto, não estava livre de novos abalos, senão vejamos outro casamento clandestino, que precedeu ao da Condessa de Essex, e que somente agora é relatado para provar de quanto descarado é dotado este cavalheiro.

Previno o pacífico leitor de que a notícia vai assombrá-lo, mas creia que é verdadeira. Está escrito na história que cinco anos antes Roberto Dudley houvera secretamente contraído aliança com uma tal lady Douglas, *tout court*.

A mim somente compete, como meticoloso narrador, esclarecer onde e como o azevieiro sedutor encontrou essa moça.

O caso esmerilhado passou-se assim:

Numa das suas recreações noturnas pelas casas de espetáculo certa noite de Junho achava-se uma rapariga exibindo-se como modesta cantora perante grande auditório, que lhe admirava a atraente beleza e sobretudo a distinção do seu esbelto porte.

Eram aos milhares os olhos que se voltavam cúpidos para a linda criatura, e ninguém tinha a audácia de falar-lhe, porque ela já havia dado mostras da sua indiferença pelas galanterias efêmeras do animal bípede, que somente requestra as mulheres da rua para pasto das suas paixões.

Mais de um comensal de orgias avisara o Conde de que perderia o seu tempo com a maravilhosa moça, que começava a incendiar-lhe o coração.

Já se observou em tempo que o coração deste fidalgo bajoujo era como uma mecha inflamável à mais simples aproximação de uma faísca.

Todavia, Roberto teve a oportunidade de cativar a cantora com oferecer-lhe uma riquíssima jóia, que valia o lucro dela num ano a cantar para os imbecis que ouvirem chilros de araponga esfaimada.

Verificadas as condições em que se achava a moça no capítulo recursos, chegou ele à conclusão de que estava sem vintém. Escavacados informes sobre o segundo capítulo-honestidade, que deveria ser o primeiro, aliás, não se lhe encontrou desdouro: achava-se intacta conforme viera do mundo invisível. Feito um inquérito mais apurado, concluiu o Conde que a cantora era pobríssima e mantinha seus velhos pais com o produto das suas cantigas no palco de luxuoso cabaré.

Roberto tentaria uma união ilícita se não tivesse topado com um reduto insuperável: a honestidade da rapariga, que cognominamos por Geni.

Os pais, por sua vez, eram da antiga têmpera, em que a honradez é virtude de primeira grandeza e jóia de primeiro quilate, e não pode deslizar pelas ribanceiras assim sem mais nem menos.

O homemzinho estava seriamente enfeitado pela cantora e não podia dormir nem comer, nem beber, nem... enfim todos os *nem* que a paixão conserva em custódia para estas ocasiões em que se tem de exprimir uma enfermidade, que é inexprimível, enfermidade pior que a disenteria, que um ataque de tênia.

Consultou o livro do destino sobre o passado e sobre o futuro, voltando as páginas para trás e para diante, e nada viu na sua obliteração visual que se lhe afigurasse inconveniente a um casamento clandestino — primeiro tomo.

E embaçou a rainha com casar-se às ocultas, escondendo a caça no seu aviário de coleções de todas as espécies, brancas, louras, morenas e talvez africanas, isso não ficou averiguado, nem reza a História.

O que a História diz, e são pontos incontroversos, é o seguinte:

— que a rainha, quando foi do segundo casamento clandestino com a Condessa de Essex, descobriu a trapaça, esconjurou, esbravejou, esperneou de raiva, verificando-se *ipso facto*, com a recidiva do aleive, que nada valeu ao marido esconder a mulher atrás da porta;

— que resultaram tremendas revoltas no lar comum, da rainha e dele;

— que a vida se lhe foi tornando intolerável, amarga, azeda e ardendo-lhe como pimenta;

— que, um alimento que se deita todos os dias à mesa, acaba por ser repulsivo ao estômago;

— que foram todas essas tempestades que produziram o naufrágio da segunda viagem em demanda da Citérea, pátria de Vénus Afrodite.

Repito ao leitor que isso está na História. Pode ser que eu pusesse aqui umas lentejoulas e uns

arrebiques com turmalinas, que são as pedras mais desacreditadas que conheço — isso para apegar o conto —, e com esses atavios torná-lo apetitoso e digerível ao paladar de sabores exigentes; mas a verdade verdadeira é que o reincidente Conde abandonou a segunda esposa clandestina dentro de poucos tempo.

E não consta que tivesse contraído mais consórcios clandestinos ou não.

Sabe-se somente mais estes itens:

- que a rainha quis casá-lo com Maria Stuart;
- que esta não concordou, e fêz muito bem;
- que o mandou em 77 aos Países Baixos, encarregado de missões políticas;
- que lhe conferiu o título de lugar-tenente da Inglaterra para engrandecê-lo;
- que pretendeu casar-se com ele e não o levou a efeito por haver morrido o lugar-tenente em 88, com grande desapontamento dela.

E agora por minha conta:

- que este Conde de Leicester sozinho dava para encher as peripécias de um romance em cinco tomos, in-f ólio;
- que, em se tratando de tuna personagem assim ridícula, não há com tratá-la com ridículo, e é o que aqui fiz, rogando todavia mil desculpas ao austero leitor por haver perdido a tramontana da gravidade.

Do cômico vamos passar ao trágico, para equilíbrio das sensações.

XII A NOITE DE SÃO BARTOLOMEU

A História não registou até agora nenhuma página mais negra nem mais horrível do que a de França pela inexorável trucidação dos huguenotes⁹ na noite de 24 de Agosto de 1572, carnificina essa que a faz retroceder à barbaria selvática dos caraíbas das Antilhas, ou dos hotentotes africanos.

A Reforma de Lutero, secundada mais tarde por Calvino, havia-se implantado em França, na Alemanha e na Inglaterra com geral aceitação dos livres pensadores por vir desbravar a senda obscura e exclusivista, em que a Igreja Católica, a loba romana, se arrastava, sem deixar à Humanidade o direito de conhecer e analisar racionalmente a letra dos Evangelhos de Jesus-Cristo, atribuindo-se a ela somente acuidade para o estudo e assimilação da Lei Divina, entendendo que tais predicados penetrativos cabiam apenas, e privativamente, à argúcia dos diplomados em teologia e teologia, e impondo aos homens a sentença de Tertuliano: *Quid absurdum credo*. Dali o advento do protestantismo.¹⁰

Cindiram-se as opiniões entre católicos ultramontanos e adesistas protestantes. As divergências estribavam-se nos seguintes pontos: definição da fé, caracteres internos da doutrina e disciplina e forma externa do culto.

A Igreja considerava-se como sendo o juiz e a guarda únicos da Verdade revelada nas Escrituras, conservada pela tradição, interpretada e definida pela autoridade dos concílios e dos Papas, e escondida ao vulgo ignaro, olhado como autômato nas imposições dogmáticas desses concílios prepotentes.

O apego e escravidão das massas embrutecidas, manietadas pelo dogma e obcecadas nas trevas

⁹ (1) Hujruenote — corrupção da palavra alemã "eidgnossen", que significa confederado por juramento.

¹⁰ (2) O vocábulo — protestante — vem de um protesto dos luteranos a um edito de Carlos V, publicado em 1529.

de sua própria indiferença pelas investigações da Revelação superior, emanada do Alto e transmitida, ao mundo pela voz do Messias Redentor, era já uma tácita e antecipada insurreição contra quaisquer doutrinas que porventura viessem alterar as regras religiosas a que a sociedade devia curvar-se com o maior e o mais indigno servilismo.

Essa insurreição tornou-se insopitável com o advento das guerras religiosas em França, centro cardeal da oposição ao Calvinismo, onde se travou em 62 a primeira luta com a batalha de Dreux, a segunda em 67 com a de Saint-Denis, seguindo-se uma explosão em 69 com os combates de Jarnac, Montgomery e Moncontour e travando-se em 70 a guerra de Amey-le-Duc.

A obra de maldade diabólica — a hecatombe dos protestantes que deixa a perder de vista as atrocidades canibalescas de Nero e de Calígula, — os maiores monstros conhecidos na História até então — foi combinada entre Catarina de Médicis, a alma negra do movimento, seu filho o Duque d'Anjou, a Duquesa de Nemours e os Guises — membros do tronco de uma família que estivera ligada a Francisco I, marido de Catarina, na luta contra Carlos-Quinto, sendo que um deles, Francisco de Lorena, assassinado pelo protestante Poltrois de Mére, teve o desforço da sua morte vingado por seu filho e sua mulher, a Duquesa de Nemours.

A família dos Guises compunha-se dos seguintes membros: Cláudio de Lorena; João de Lorena; Carlos de Guise — Cardeal de Lorena; Henrique I — Duque de Guise; Luís de Lorena — Cardeal de Guise; Carlos de Guise — Duque de Lorena e Henrique de Lorena, uns descendentes dos outros. Como elemento, mais passivo que organizador, entrou também no conflito o filho de Catarina de Médicis Carlos IX, caráter versátil e irrefletido, mas indômito, como se viu das peripécias deste romance, e como se verificará mais claramente do relato minucioso do morticínio, adiante vagamente bosquejado com as pálidas tintas da História, obediente à tradição legada pelos historiadores Brantôme, Davila, Capilupi e Henrique Martin.

Não obstante, o monarca reinante sucumbiu dolorosamente, e aos poucos, cheio de remorsos, minado por uma paixão infeliz, sendo verdade que carregou com as responsabilidades de um crime, cujas peripécias não maquinou e cuja execução não desejara.

O Duque de Guise não deixou de pagar o seu tributo à justiça divina, pois foi assassinado em 83 a mando de Henrique III, irmão de Carlos IX, e seu sucessor no trono, o qual votava ao Duque um ódio fidalgo e insopitável.

Assim, a obra de Calvino implantada em França e na Suíça, que lhe foi berço, ele a deixava ao exame dos livres pensadores e dos espíritos emancipados do dogmatismo e da rotina ao partir desta vida em 64, dez anos antes que se inflamasse a chama do fanatismo, atizada pela Cúria romana, animada por ambições subalternas, que tais eram as da rainha mãe, escudada em vinditas rancorosas, mas inoportunas, e terminada pela mão facinorosa de energúmenos assalariados ou tangidos pela embriaguez do sangue e do ódio.

Foi esse mais um traço vivo da situação em que vive a Humanidade confiando-se ao governo, nem sempre judicioso, das testas coroadas, dos privilegiados do sangue, a quem os destinos dos povos são entregues discricionariamente.

É uma verdade que há-de raiar o dia em que Liberdade, Igualdade e Fraternidade será a divisa dos povos, divisa essa aliás trazida hoje pela bandeira da França, depois das conquistas de Napoleão, o triunfador da liberdade.

No reinado de Carlos IX era chefe dos protestantes o Almirante Gaspar de Coligny, comandante de grande valor, caráter leal e austero, a quem Catarina de Médicis respeitava pela superior influência moral que esse diplomata exercia na política.

Depois de assinada a paz de Saint-Germain, Coligny foi atraído à Corte dos Médicis, e Carlos IX logrou cativá-lo carinhosamente com solícitos cuidados e concessões. O velho almirante confiou-se ao rei e aos seus, pouco antes seus inimigos, não tanto por julgar-se garantido, mas com a intenção de contrabalançar a facção espanhola, amainar as tempestades em França, ameigar os seus

insurgentes — esgotados pelas guerras civis —, empregar as energias nacionais em estancar uma guerra estrangeira nos Países-Baixos, que ensanguentava o Duque d'Alva, organizar uma expedição que, no seu entender, tinha por escopo estender as fronteiras francesas e levantar do enfraquecimento o protestantismo nesse país.

Quando ele considerava uma aventura todo esse vastíssimo programa, foi chamado a Blois, onde estava estabelecida a Corte do rei, isto em Setembro de 71.

O monarca recebeu-o com as seguintes palavras: "Nós vos possuímos agora com grande júbilo. Não nos escapareis jamais."

Mais tarde interpretaram estas palavras em sentido sinistro, mas a verdade é que o rei, sujeito à tutela da mãe e dos Guises, o desconfiado do irmão, o Duque d'Anjou, procurava coligar-se ao Almirante, que ele considerava uma potência na opinião pública e no seio dos dissidentes religiosos.

Não era, portanto, o sentimento moral que o animava, mas o individual a guiá-lo nesse consórcio macabro.

Caprichoso em demasia, fantástico nas suas inspirações, às vezes até desvairado, era todavia inábil para tamanha perfídia. Se fora capaz de cometer um crime, parece que o raciocínio não lhe deixaria tempo a mediá-lo nem ao coração a executá-lo. Entretanto, o que se não pode contestar é que, embora fôsse homem furibundo, não estivesse agindo de boa fé, pois que não lhe seria dificultoso falseá-la sempre que a fantasia o autorizasse.

Como quer seja, recebeu o Almirante como a um salvador, concedendo-lhe todas as deferências para ele e para o seu partido e, ao entrar em Paris, deu-lhe o lugar de honra à sua direita no coche real e, mais tarde, mandou construir a seu pedido uma pirâmide na rua Saint-Denis, em frente à casa de um mercador, Gustin, que foi queimado vivo por haver cedido a sua casa para uma reunião dos protestantes.

Carlos IX parecia enfim regular-se pelo próprio critério, emancipando-se da tutela da rainha mãe.

O partido lorenense e os Guises resvalavam para a desdita. Os ultramontanos católicos começavam a deblatear e a pregar contra o rei. Sorbin de Saint-Fois atacava-o ferozmente e insistia com o Duque d'Anjou para prosseguir na obra de aniquilamento dos heréticos, aparentemente abandonada pelo monarca.

Quanto a Catarina, não havia dúvida de que ela nutria a ideia de destruir os chefes protestantes e, particularmente, Coligny. Falsa, incapaz e pérfida, mas vacilante e irresoluta, enrodilhada nas próprias intrigas, ela dividia-se entre a ambição do poder, o temor dos Guises, seus grandes aliados, e a preferência por seu filho o Duque d'Anjou. O fundo da sua política era a mentira e a traição, mas também nos aparece bem mais própria a explorar as ocasiões do que a fazer nascê-las. Todavia, se podemos contestar-lhe o mérito de sozinha combinar de mão certa o urdimento da conspiração, não é dubitável que de longa data empenhara a sua colaboração na sangrenta obra canibalesca, que a facção ultra-católica vinha de longe maquinando com implacável tenacidade.

Conta o historiador Capilupi que em 68 teve ela um entendimento com o núncio romano, e este insuflou-a a apressar a infanda obra. Catarina afiançou que ela e o rei só alimentavam o objetivo de apresar um dia o Almirante e seus adeptos, e levantar-lhes memorável fogueira.

Mas, ao passo que o chefe dos huguenotes alimentava o rei com os mais vastos projetos, que eram estender as fronteiras e os domínios da França, reorganizar a marinha, dominar o poder espanhol, não só nos Países Baixos como no Novo Mundo, à medida que o grande patriota visava harmonizar as divisões do partido, ocupando todas as suas forças e vontades nos empreendimentos nacionais, o odioso conluio organizava-se em volta dele.

A guarda francesa — corpo da *elite* criada em 63 por Carlos IX para guarnecer as ruas, onde ele estivesse alojado, e cujo nome sinistro relembra os morticínios de Cabrières e Memidol, esvaziou os arsenais de La Rochelle, que era a praga forte dos protestantes, sob pretexto de armar a frota para

a expedição aos Países Baixos. A facção espanhola, os Tavannes, os Gondi e outros combatiam abertamente os planos do Almirante. Os Guises introduziram sucessivamente um exército em Paris, gentilhomens de seus inumeráveis feudos, espadachins instruídos por eles, clientes de todas as condições, que lhes favoreciam o partido.

Apoiados sobre o poderoso clero de Paris e sobre o grosso da população, sustentados por uma parte da Corte, eles apareciam já como dominadores da situação. Os protestantes, ao contrário, conquanto representados na capital pela nata dos seus chefes e homens de espada, não eram em número suficiente para se protegerem e defender os seus correligionários.

Rumores sinistros vinham-lhes aos ouvidos de todos os lados; violentas objurgatórias eram espalhadas, os bispos Sorbin e Vigor, o franciscano milanês Panigarola e um cento de outros investiam contra eles e, como os demagogos da antiga Grécia; pregavam a sua exterminação. Mas, por natural altivez, o dever os retinha em torno de seu chefe.

Quanto a Coligny, sem fechar os olhos ao perigo, confiava-se ao rei para dominar a situação, acobertar-lhe o partido e realizar os seus patrióticos projetos. Era tal a sua confiança no monarca que lhe remeteu, antes da época prefixada para o tratado da paz, três mandados de segurança em favor dos protestantes La Charité, San- cerre e Cognac. Demais, o rei havia dito recentemente que preferia ser arrastado pelas ruas de Paris a entrar na guerra civil.

Depois de haver por muito tempo vacilado, tergiversado, dissimulando, Catarina de Médicis entrou decisivamente em luta contra o Almirante Coligny, cuja influência parecia ameaçar a sua, pronunciando-se pelo partido espanhol e pelo Papa, atormentando Carlos IX para arrancar-lhe a promessa de paz beligerante e, enfim, dar corpo aos vagos pensamentos que flutuavam em seu espirito, desde muitos anos, no sentido de desfazer-se do Almirante.

Foi sob seus auspícios que em meio desses conluios foi celebrado na Notre Dame o consórcio do protestante Henrique de Navarra com Margarida de Valois, irmã de Carlos IX, a qual tem representado importante papel neste romance. Este casamento misto era um traço de aliança e de paz com as reformas, e o rei assim o entendeu, mau grado à oposição da Santa Sé. Quem duvidaria da sua boa fé?

Essa cerimônia era para os católicos a abominação da desolação. Eles haviam predito que as núpcias seriam vermelhas, quer dizer, manchadas por uma carnificina.

Mau grado às fúrias gerais, o consórcio celebrou-se a 18 de Agosto, durando as festas quatro dias. Na mesma data das núpcias, Carlos IX era induzido a assinar uma ordem aos governadores para deterem toda correspondência particular e quem quer que pretendesse atravessar as montanhas, isso durante seis dias consecutivos. Ora, o sexto dia foi o 24 de Agosto, dia de São Bartolomeu.

Coincidência curiosa, fortuita talvez, mas original. A trucidação estava marcada para o dia do enlace do Príncipe Henrique com Margarida, por meio de um combate simulado, mas a farsa não se verificou, sendo os protestantes vaiados, ridicularizados, esbordoados, detidos num verdadeiro inferno, enquanto que as suas mulheres eram despidas e abraçadas por dançarmos ortodoxos e bailadores impudicos, que maculavam a austeridade de costumes e o decoro dos huguenotes.

Foi por esta ameaçadora comédia que Catarina e os Guises, com seus sequazes, premeditaram a formidável hecatombe.

O primeiro ato foi combinado entre duas mulheres. Catarina mandou chamar secretamente a Duquesa de Nemours, viúva do primeiro Duque de Guise, cognominado o *balafre*¹¹, que havia sido morto pelo protestante Poltrot; convidou-a a vingar-se na pessoa do Almirante Coligny, combinando também a destruição total dos huguenotes, lorenos e políticos, esmagando assim as presunções de vencedores aos Guises.

Estes também premeditavam matar Coligny, e para tanto mandaram um célebre Maurevert esconder-se durante três dias em Saint-Germain a esperar a passagem do Almirante. O facínora

¹¹ (1) Pessoa que tem uma cicatriz no rosto.

ocultou-se atrás de uma janela com um arcabuz carregado. Na sexta-feira 22 de Agosto, vindo Coligny a pé de uma reunião do Conselho, dirigindo-se para a sua casa da rua Bethisy, a 1er uns autos, recebeu a carga — uma bala na mão direita e outra no braço esquerdo.

O assassino fugiu a cavalo.

Sem mover-se, Coligny mostrou a mão machucada aos amigos, e pediu-lhes que avisassem o monarca. Carlos IX jogava o volante¹² com o Duque de Guise e Telegny, genro do Almirante. Ao receber a notícia, empalideceu e atirou colérico a raqueta ao chão, ordenando um inquérito, proibindo os burgueses de se armarem, jurando que puniria os culpados, e logo a seguir enviou um destacamento de guardas para proteger o Almirante em sua casa.

A rainha mãe afetou hipocritamente grande indignação pelo fato sucedido. O filho, a convite de Coligny, foi ao meio dia a casa dele, cercado-o de cuidados com todo o interesse. Catarina e o Duque d'Anjou acompanharam-no, certamente para escutar a vítima.

Houve grande agitação; os protestantes acusavam os Guises da tentativa de assassinio. Os populares, apesar da proibição do rei, tomavam armas, a conselho dos padres. O Duque d'Anjou, para não deixar o primeiro lugar aos Guises, à testa do partido católico, passeava num carro descoberto pela cidade assoalhando pelo caminho o boato de que Montmorancy — o chefe dos políticos — ia cair sobre Paris com um grande corpo de cavalaria, isso no intuito de aumentar o terror pânico em prol da masorca contra os protestantes.

No dia 23, em Conselho da rainha, presentes Retz Gondi, o Chanceler Biragne, o Marechal de Tavannes e o Duque de Navers — concertaram o plano sinistro, e marcharam para o Louvre à procura do rei. Hora fatal e decisiva era essa para Carlos IX, ou de glória com Coligny, seu aliado, ou de vergonha com sua mãe; momento de remissão da sua juventude afastada e tormentosa, ou de maldição na História. O destino da França estava suspenso por uma palavra, por um gesto da sua frágil cabeça, por uma inspiração do seu espírito sem bússola, quase insensato. Assim, o rei nada sabia da horrível trama, segundo opinião militante até hoje.

Depois de grande luta com a mãe, e vencido afinal, exclamou: Já que achais útil que se mate o Almirante, também estou por isso, mas que se matem todos os huguenotes de França, a fim de que não sobreviva algum que me venha arguir depois.

Os conjurados passaram o resto do dia e da noite a preparar a execução. Guise, Aumale, Montpensier, o bastardo de Angouleme, todos foram envolvidos no afrontoso conciliábulo. Distribuíram-se os nomes dos condenados à morte — coisa fácil, pois que possuíam a lista nominal dos protestantes e suas residências.

O sinal devia ser dado à meia noite pelo relógio do Palácio da Justiça.

Os bons católicos aí estariam para ser reconhecidos por um lenço branco no braço e uma cruz, também branca, no chapéu.

Ao deitar-se a rainha, passou-se uma cena característica de seu alanceado estado d'alma. Henrique de Navarra e o Conde d'Anjou achavam-se com seus gentil-homens no Louvre. Todos os protestantes estavam condenados à morte, exceto esses dois Príncipes, pois a vida deles fora julgada em Conselho necessária para contrabalançar o partido dos Guises. Disso não foram avisados os matadores, de modo que a sua sorte ficou à mercê da Providência, tendo realmente escapado ambos ao morticínio.

Arcabuzeiros do Regimento da guarda em número de 1.200 começaram a ocupar as posições estratégicas estabelecidas. Os assassinos voluntários armavam-se nos quartéis. O Guise reunia os capitães franceses e suíços e comunicava-lhes a sua fúria selvagem. "O animal, dizia ele, está no laço; preciso é que nos saciemos em seu sangue. E' o rei que o quer". Era falso; ele não o quisera.

No instante de dar-se o primeiro sinal, dizem que Catarina teve um momento de hesitação, não de piedade, mas de terror. Depois, resoluta, mandou soar o sinal no sino do Louvre, ao qual respondeu o do Palácio da Justiça. A seguir, veio com o filho Anjou colocar-se num quarto que dava para o lado da Igreja, para melhor apreciar o começo de sua obra infernal.

Ouvindo um tiro de pistola, tremeram acovardados os assassinos. Tomados de pavor quiseram dar contra ordem. Era tarde. Desde logo o tumulto, os gritos, os sinos badalando, as arcabuzadas, tudo isso dava as matinas de Paris iniciadas.

A aurora despontava, mas as sombrias ruas da cidade estavam ainda na escuridão e o morticínio começou ao luar das tochas.

Esse dia, cujo dealbar se levantou lentamente agoniado para alumiar essas horríveis cenas, devera ser duplamente sagrado para os cristãos por ser domingo e data da festa de São Bartolomeu, um dos fundadores do Cristianismo.

Coligny, velado por Ambrosio Paré, o solícito médico da família real, e pelo pastor Merlin, guardado por um punhado de gentilehomens protestantes, espalhados nas casas vizinhas, e por diversos guardas do rei, repousava com inteira confiança, acreditando na palavra real, nos tratados, na fé pública e no respeito dos homens. Entretanto, foi por ele que se iniciou a matança.

O Duque de Guise não quis confiar a outrem a missão de acabar com essa ilustre vítima, que lhe pertencia a ele só. Levou consigo Aumale, o bastardo de Angoulême, uma tropa de soldados e invadiu a rua Bethisy.

Os guardas do rei e o seu capitão insurgiram-se contra o monarca, transformando-se em matadores.

O Almirante recebeu a todos com tal calma que os miseráveis assaltantes se acovardaram e recuaram. Mas após, um deles varou-lhe o ventre com um golpe de espada e os demais cortaram-lhe a cabeça e levaram-na à família real.

A cabeça do chefe dos protestantes foi embalsamada e enviada ao Papa, dizem uns; querem outros que o cadáver fora arrastado pelas ruas de Paris e suspenso sobre o cadafalso de Montfaucon.

No Louvre a carnificina começou pelas 5 horas. Atacavam-se as vítimas desarmadas como a carneiros, nos leitos, em suas casas, nas ruas, e até na Corte, ao lado da rainha, que, de uma janela, assistia à matança.

Recomeçou o morticínio na segunda-feira com maior violência e perversidade. Tomavam as crianças, filhas dos protestantes, e atiravam-nas do alto das pontes aos rios, quando não as estrangulavam. As de 10 anos e as de berço eram arrastadas pelas ruas por meio de cordas presas ao pescoço.

Cerca de mil corpos desfilaram pelo Louvre para gáudio de Catarina, que tinha prazer em assistir a esse espetáculo macabro.

Na terça-feira e dias subsequentes os canibais entregaram-se ao roubo, à pilhagem, a todas as perversidades inquisitoriais, deixando na rua as vítimas descompostas ou estripadas. A matança converteu-se em ignóbil exploração industrial. Matava-se e vendia-se o cadáver à família, ou a vítima era posta a bom preço, deixando-a com vida. Senão, despojavam-na de tudo, abandonando-a nua e ao desamparo.

Nos dias posteriores o morticínio começou nas cidades do interior com as mesmas proporções e maldades, não escapando nenhuma, cidade onde ele deixasse de mostrar os seus vestígios canibalescos.

Calcula-se em 25.000 as vítimas dessa horrível carnificina, que deixa na penumbra a maior hecatombe do mundo.

No momento em que o Cardeal Siuse recebeu a comunicação do morticínio, ficou tão grato e comovido às alvíssaras, que deu liberalmente mil escudos ao mensageiro da boa nova. Por seu turno, o Papa Gregório X^m não estimou menos a carnificina, pois, acompanhado do Santo Colégio, foi processionalmente às três Igrejas de Roma agradecer a Deus as graças do morticínio de tão nefastos inimigos da religião católica romana. A seguir mandou cunhar uma medalha comemorativa e encomendou ao célebre pintor Vasari um quadro representando a trucidação e depois pô-lo na Capela

Sixtina com a inscrição: O Papa louva a morte de Coligny.

As conseqüências desses atos de selvajaria não se poderiam esperar menos violentos do que o espírito de perversidade e fanatismo que os ditou. Daí, duas tremendas guerras civis, que enlutaram a França e continuaram no reinado de Henrique m até quase o ano de 89, mas iluminaram a História com o ressurgimento mais vigoroso das ideias livres, do direito de escolha na orientação religiosa dos povos.

Assim é que o Protestantismo se irradiou mais fulgurantemente em todos os países setentrionais: Alemanha, Dinamarca, Suécia, Noruega, Inglaterra, Holanda e Suíça, e mais tarde nos Estados Unidos, Canadá e outras terras, além de estar disseminado no mundo inteiro com proporções embora menores, e subdividido em muitas seitas cismáticas.

O seu batismo de sangue era necessário, como sangria de saúde, para que o Evangelho de Jesus-Cristo fôsse arrancado às garras da Igreja romana, que fazia dele um mistério intangível e impenetrável para melhor corvejar sobre as vítimas da sua despótica soberania.

Desbastados os caminhos para a N marcha triunfal da Verdade divina, esse mesmo Evangelho de luz tinha que ser examinado ainda mais detidamente por uma nova sociedade, que ali viria descobrir as facetas diamantinas de outras minas de ouro, despercebidas ao olho investigador daqueles que se limitam a sondar o que mais fácil- mente fere a visão material.

Era o amanho da terra para a fecundação de nova sementeira — aquela de que os espiritistas haviam de vir mais tarde recolher os frutos, já sazoados.

Da ágarta primitiva, que se arrastava indolentemente ao influxo do Romanismo, surgiu a crisálida, áurea ninfa, bafejada pela Reforma.

E a áurea ninfa se transfigura e transforma atualmente na linda e irisada borboleta dourada, a que não bastavam as duas singelas asas, porque veio prevenida do duplo apêndice para os seus remígios por horizontes mais dilatados, que são os da Nova Revelação — o Espiritismo.

XIII O AMARGOSO CÁLICE

Quando regressara da Etólia o Duque de Parzna vinha carregando as láureas do triunfo de uma guerra bárbara, em que o sangue correrá com abundância, premiando com as glórias mundanais o assassinio oficial ordenado pelo despotismo imoderado dos diretores da consciência política dos povos.

Mau grado o apostolado do Redentor da Humanidade, propugnando a paz, a concórdia, a fraternidade, o perdão das ofensas, perdura insensível a alma da sociedade, que se diz cristã, investindo contra o seu semelhante em lutas inglórias de sangue para vingar direitos e conquistas esteadas exclusivamente na ambição, no despotismo e na defesa de fronteiras.

Certamente a obra destruidora do homem insensato não é praticada à revelia do olhar de Deus, desde que tudo tem uma razão de ser, e o mísero calceta terreno não passa de mero agente dos destinos da Humanidade a trabalhar pelo seu progresso.

Todavia, quanta tristeza nos causam os desatinos que se vêm cometendo na orientação, ou antes, na desorientação governamental do mundo inteiro, onde imperam os baixos sentimentos de barbarismo, de odiosidade, com o fito de humilhar e vencer aqueles que se não submetem ao domínio da força.

Se está tudo certo no respeitante à marcha natural dos acontecimentos, desde que tudo se acha confiado a uma geração de homens selváticos — seres que se encontram em expiação neste degredo —, instrumentos do mal atuando sobre outros criminosos de outras épocas, desde o incunábulo embalador do primeiro habitante da Terra, não é menos certo que o Divino Mestre deixou claramente entender que o céu não se toma de assalto.

E' que o céu só pode ser conquistado pela Fraternidade. Mas esse vocábulo não tem passado de

simples registo dos dicionários, sem significação de sentimentos subjetivos, sem nenhuma atenção dos olhares investigadores de quantos se esquivam à filosofia, à moral, às noções da dignidade, que deviam nortear o rei da criação, tão absorvido pela cupidez e pelo orgulho a tal ponto que se tem nivelado ao bruto na cegueira das suas maldades, deixando ainda transparecer vestígios do homem das cavernas.

Com sangue e lágrimas, ainda no século chamado das luzes e da civilização, ainda está sendo argamassado o solo, em que terá de ser plantada a árvore fecunda e fronde jante do Amor. Com sangue e lágrimas, entretanto, os desbravadores do terreno terão de receber o seu salário mal ganho.

Paradoxo do destino? Não.

Deus concedeu ao homem o livre alvedrio e não lhe impôs a condição de ser agente do mal, sem o que não seria Ele justiceiro e bondoso.

Foi somente o homem, que raramente tem empregado com acerto o seu livre arbítrio, quem desvirtuou esse predicado libérrimo, que lhe foi um dos mais santos patrimônios.

Dirão talvez os que ainda não se aprofundaram nas lições evangélicas: Mas, sem esses agentes da maldade, vingando os erros do passado de outrem, não poderia ser estabelecido o equilíbrio da justiça do Criador, encarregando alguém da execução das penalidades.

Não há tal. Na sua profunda sabedoria, Deus teria outros meios e modos de punir seus filhos sem utilizar-se da maldade daqueles que Ele de antemão já sabia que se haviam de desviar dos seus nobres deveres de humanidade.

A maldade é uma corrupção da lei divina, e, se não fôsse, a que ficariam reduzidos a misericórdia, a bondade e o amor de Deus?

O mal é obra humana, fruto do orgulho e do egoísmo ambiente, escória da Terra, onde o imigrado desassisado é como cego a conduzir outro cego, sem ver que hão-de ambos cair no fosso, consoante a passagem bíblica.

Bem-aventurados são os que já sabem que esses desatinos vão findar em breve, não com o remate das loucuras desses mesmos que nos dirigem tão mal nos postos governamentais — pois que irão continuar a praticar levandades em campos sáfaros de outras terras incultas —, mas com uma revolução moral de ordem divina, que virá remodelar este planeta, expungindo-o desse escalracho que lhe entorpece a floração opima do fruto abençoado do Amor, na sua mais elevada expressão ?

Elevemos o pensamento ao Criador das almas, roguemos pelas insurgentes da lei superior para que sejam inspiradas a mostrar-se dignas de sua origem e de seus destinos, forcejando por eliminar de si outra ambição que não. a de serem bondosas, e deprequemos pelas continuadoras dos ensinamentos de Jesus-Cristo para que perdoem as maldades alheias, que procurem suavizá-las, removê-las, detê-las, quando e quanto possível, e assim teremos contribuído na medida da nossa deficiência para cumprir os santos deveres de humanidade.

Dia virá — como é suave e consoladora esta certeza! — em que a vida será uma doce luta em prol da felicidade, não nossa, mas do nosso semelhante, em que derramaremos o sangue para transmiti-lo à vida do nosso igual, em que as armas de fogo serão o fogo abrasador da Fé, da Paz, da Fraternidade.

Como dissemos, o Duque de Parma trazia a alma glorificada, mas vinha com o coração enfermo. A sua paixão pela Condessa de Leicester converteu-se em ódio ao monarca francês.

Era-lhe pensamento obcecante vingar-se do rei e fôra para isso que ele homisiara em sua casa o criminoso Vítor, aguardando oportunidade para a execução de seus planos maquiavélicos.

Historiamos fatos que se estão passando em 74, dois anos após o morticínio dos huguenotes.

Durante esse lapso de tempo nada ocorreu digno de menção, a não ser que a situação continuava a mesma em que a deixámos no último capítulo.

Carlos IX, depois da refrega dos protestantes, tivera de enfrentar os ódios que explodiram

tremendos no seio de quantos não se haviam conformado com as violências brutais do morticínio de criaturas indefesas, dignas de respeito e da guarda de direitos incontestes. Esses ódios acenderam-se em duas terríveis guerras civis, nas quais foi ele obrigado a despender ainda moiores esforços do que os já desperdiçados na última batalha de Amey- -le-Duc.

Se por um lado o seu organismo se abatia fisicamente com esse exaurir-se de energias, por outro o espírito quebrantava-se nas desilusões e desesperos, que tais eram viver contemplando o quadro desanimador do seu nublado futuro, sem previsões alviçareiras.

A amar como o seu coração a isso o forçava, ver-se amado como lhe era prova a fidelidade de Matilde e concluir que todo esse estendal de caminhadas pela conquista de um Êden longínquo como que se ia dilatando cada vez mais e lhe era inacessível, porque já lhe baqueava o corpo para vencer o percurso da viagem — a amar assim melhor fôra nunca ter nascido.

As suas visitas ao palácio de Vincennes nunca haviam sido interrompidas, mesmo após o enlace de Margarida, que, sempre afetuosa pelo irmão e apiedada de seu infortúnio, consentia em acompanhá-lo, aprofundando a sua amizade pela Condessa.

Nem eram obstáculos ao monarca os intermitentes regressos do Conde ao seu palácio para ver a filha, de quem ele nada mais inquiria sobre a sua norma de vida nem sobre o que se relacionasse com propósitos do coração.

Apenas vagamente lhe perguntou um dia se lá havia entrado porventura a efígie do Duque de Parma, ao que a moça respondeu prontamente:

— Penso que não, visto que não lhe ouvi o tropel dos passos.

O pai não insistiu mais em indagações curiosas.

Entretanto, Alexandre de Famese aproveitou um dia em que o Conde estava em Paris para tentar uma nova investida à moça. Queria esclarecer-se definitivamente .

Sentados os três, falou o Duque nesse sentido. A Condessa repetiu-lhe os desenganos tantas vezes declarados .

— Ficarei satisfeito apenas com uma confissão clara, positiva e última. Ainda ama a Carlos IX, perguntou o audacioso mancebo.

— Poderia advertir-lhe que não lhe assiste direito a indagar dos segredos de meu coração. Responderia simplesmente que não amava ninguém. Mas, como punição à sua impertinência, declaro que sim, porque sou livre para estimar a quem melhor me apraza.

— Basta, Condessa, fico satisfeito.

— Ainda bem. Eu me felicito.

— Também eu.

E, sem apertar a mão da moça, saiu em direção a seu palácio, invocando Nêmeses, a deusa da vingança.

Vítor nunca havia violado as recomendações que Alexandre lhe fizera. Vivia recolhido a casa do amo, tratando dos seus cavalos e de outros negócios de interesse doméstico. Apenas de vez em quando ia aos bairros escusos bebericar nas tabernas o seu copo de vinho, reformando as doses, e invariavelmente errava o portão da casa na temulência que lhe empanava a vista.

O patrão chamou-o em particular e teve com ele esta entrevista:

— Tu já sabes, Vítor, que eu te quero muito bem.

— Nem precisa confirmá-lo, meu estimado senhor.

— Ora escuta; trata-se de assunto de grande importância e da maior gravidade.

O criado aproximou o banco onde se assentara, para escutar o amo.

— Pode expô-lo com franqueza, que sou todo ouvidos .

— Não ignoras que amo a Condessa de Leicester...

— E que ela prefere o rei de França, já eu o sabia também.

— Isso é bem verdade, que acaba cinicamente de mo confessar, de modo que eu quero tirar uma

desforra, contra o meu rival, visto que é ele quem lhe alimenta insensatas esperanças, não lhe saindo de casa a arrulhar-lhe suspiros.

— Deve ser uma desforra tremenda, aconselhou o patife.

— A mais terrível que se possa imaginar.

— Só mesmo acabando-lhe com a vida.

— O que ainda será pouco.

— Então, depois de morto, queimar-lhe o cadáver.

— Faze como entenderes. Terás para isso 'um prêmio de cem mil francos e a tua liberdade garantida, porque te mandarei piara a Grécia numa galera fretada expressamente.

Vítor levantou-se com olhos ávidos como se já vislumbresse o reluzir do ouro. As suas feições denunciavam as alegrias de um salteador, quando depara riquezas a jeito de serem expoliadas.

— O pacto está feito, senhor Duque de Parma. Pode ficar seguro de que, dentro do menor prazo possível, o rei de França não soltará mais suspiros à beira da Sra. Condessa de Leicester.

Como já dissemos, e é ponto histórico, o monarca exauria-se nas lutas guerreiras, mais do que permitia o seu organismo depauperado, e acabou por perder as forças alentadoras.

Raramente saía à rua, assim mesmo amparado ao braço da irmã com o objetivo de visitar a constante mantenedora dos seus sentimentos afetivos.

Faltaram-lhe as forças finalmente de tal maneira que o inditoso moço tombou no leito, acabrunhado e vencido. Dominava-o uma debilidade insanável, refratária aos tónicos e a medicamentos outros, que lhe eram ministrados com desvelo.

Nem os cuidados da esposa, nem os de Margarida, nem os de Catarina tinham virtude a suavizar-lhe o ânimo e a retemperar-lhe as energias combalidas.

O remorso que lhe ficara, como espinho latente, de haver-lhe falecido a coragem para resistir às sugestões de sua mãe no morticínio dos protestantes, em muito contribuía para alancear-lhe o espírito desde esse fatal acontecimento. Por isso, nos instantes de esvaixento das forças, quando as crises de astenia se agravavam, tinha visões sangrentas a dançar-lhe diante dos olhos como espectros vindicantes que lhe viessem pedir severas contas da sua vida.

Foi longa a enfermidade, em progressivo declínio de depauperamento vital, deixando o desespero invadir a alma de seus parentes e a mágoa entrar-lhes no coração. Ele sabia que os seus dias estavam contados. Um só pesar o cruciava mais que todos: era deixar ao abandono de tristonho destino a doce criatura, senhora dos seus pensares, que ficaria à mercê de maiores desenganos, sem uma bússola para guiá-la na defesa dos baixios da existência, como barquinho perdido na vastidão oceânica, oscilando na iminência de ser engolido pelas suas ondas revoltas.

Era de um lado ela, sempre formosa e constante na sua sinceridade de afeto, a surgir-lhe como um anjo para abençoá-lo; de outro, vinham-lhe as imagens de fantasmas horripilantes, de faces empastadas de sangue, de olhos esbugalhados, em atitudes macabras de quem se revolta e investe com ameaças a gritar por vingança, a transudar ódios ferozes.

Nem tinha as tréguas do sono para amortecer-lhe as angústias. Alimentos eram os hauridos pela alma, vindos do céu em eflúvios nos braços da esperança fagueira e a esperança de encontrar no túmulo a paz consoladora dos que nunca foram banhados na vida pelos revérberos do sol de ventura.

E assim iam decorrendo os amargos e intermináveis dias e as longas noites tormentosas do seu Calvário.

Nem a inefável companhia daquele tão generoso servo, que fôra Jaques, a levantar-lhe o ânimo abatido, quando carecia de seu concurso nos dourados dias de seu platónico amor, podia agora ser-lhe lenitivo, em meio às profundas amaritudes. O serviçal amigo tinha sucumbido havia um ano a um aneurisma, que se vingara da sua bondade, corroendo-lhe a sensível víscera por onde destilava esse nobre sentimento.

O mordomo do Castelo precisou de um homem enérgico e forte para o serviço da cavaliça.

Pondo arautos em indagações sobre competências nesse mister, foi-lhe enviado um especialista em habilidades para lidar com cavalos.

O candidato era Vítor. Expostas as obrigações, foi engajado ó criado.

Sabemos que esse homem fatal era propenso a espionagens e ágil nos movimentos de aventuras maléficas. Ninguém no palácio o conhecia, nem o próprio monarca, senão por tradição, mas em assuntos triviais não sabem monarcas o nome aos seus servos, especialmente os de baixa condição.

Fácil, pois, foi a Vítor entrar ao serviço de Carlos IX para pôr em execução planos infernais que ele engendrara prèviamente.

Quando o Duque de Parma recebeu essa notícia da boca do criado, sorriu com riso mefistofélico. Éra o início de sua traiçoeira vindicação.

Num desses dias veio a Paris o Conde de Leicester, e teve ocasião de encontrar-se com Alexandre nos Campos Elísios, com quem entreteve o seguinte diálogo, sentados num banco da alameda:

— Parece fatal a morte do rei, que, segundo consta, está agonizando lentamente, disse Roberto Dudley.

— Creio que não lhe escapará por nenhuma das portas

O Conde não poderia entender a figura.

— Talvez por um milagre caprichoso do destino...

— Estão suspensos os milagres, atalhou o Duque. Lá está bem perto da sua cabeceira o nosso coadjuvante Vítor, para assistir-lhe os últimos momentos e auxiliá-los a não se demorarem.

— Como se pôde fazer isso?

— Com um saco de ouro e um punhal.

— Entendi, mas as consequências...

— Não há que temê-las. Somos apenas nós que conhecemos o ardil. Será que a Condessa, perdidas todas as esperanças, modificará a sua teimosia em des- prezar-me ?

— São problemas do coração até ao presente ainda não solucionados. Todavia, nada se perderá em aguardar tempo e sondá-la com habilidade. O meu amigo está autorizado a iniciar, quando achar oportuno, o exaustivo trabalho de auscultá-la, e para tanto deve louvar-se no beneplácito da minha colaboração, nunca negada em todos os momentos. Creia que jamais lhe serei desleal.

— Obrigado, respondeu o Duque com grandes alentos, apertando-lhe a mão, reconhecido pela solidariedade do Conde.

— Outro não podia ser o procedimento de um homem de carácter.

O leitor riu-se? Dou-lhe os meus parabéns porque lhe noto distintamente os vestígios da dignidade nas finas estrias das sorridentes faces.

Há vocábulos de que muitos homens perdulários se utilizam para seu consumo particular e que apenas lhes são conhecidos por tradição através da definição dos dicionários. Este por exemplo:

"CARÁTER — Sinal traçado, ou escrito, ou gravado. A marca com ferrete no gado é carácter."

Riu-se outra vez? Pois não tem motivo. Esta explicação é do respeitável lexicógrafo Domingos Vieira.

Carácter é tudo, inclusive marca de gado, e foi talvez nesse sentido que o Conde o entendeu, por ser boa rez. Questão de fazer as coisas à pressa, pois, se ele lesse até ao fim da página, lá encontraria o desdobramento do vocábulo com hermenêutica mais digna, todavia, assinalando que o carácter pode ser bom, ou mau.

Tenho um amigo que, quando quer menoscar alguém, diz: Aquele é de marca — ocultando por metáfora a intenção de chamar-lhe canalha.

Quando o Conde afirmou ser homem de carácter, não elucidou a qualidade, se boa, se má. Em tempo algum terá o Duque direito a reclamações.

—« Vai hoje para Londres? perguntou este.

— Sim; a rainha Isabel irrita-se, quando não sou pontual no regresso.

— Divirta-se, seja feliz. Adeus.

E separaram-se.

A Condessa estava ao corrente da gravidade, em que se encontrava o monarca, por intermédio de Lúcia, que ia diàriamente ao . Castelo buscar notícias fornecidas com solicitude pela Princesa Margarida.

Se por um lado Carlos IX sofria mais por ela do que mesmo por si, a moça não padecia menos, sabendo esvair-se aquela vida tão preciosa para os seus alentos em meio ao seu infortúnio.

Como ficaria tão só no mundo, se ele lhe faltasse? Como compreender a vida nesse deserto sem oásis, nesse oceano sem faróis, nesse campo sem bosques, sem flores, sem frutos?

Eram seu alimento lágrimas e soluços incontáveis, eram-lhe desabafos as imprecações contra as grilhetas com que a fatalidade a retinha no ergástulo da matéria.

Assim iam passando longos e pesados os dias, sem delir da memória a figura desse homem amado, até que a agonia da morte dele se anunciou.

Numa manhã houve um alvoroço, que a todos contaminou no palácio real.

Os parentes do rei rodeavam-no solícitos, multiplicando-se em providências urgentes, todas elas no sentido de mitigar-lhe as aflições.

Ambrósio Paré, o desvelado médico, que raramente se afastava do enfermo, subministrou-lhe remédios tendentes a levantar-lhe a energia e a restaurar-lhe a circulação do sangue, dilatando-lhe a vida por mais tempo.

O doente à noite apresentou alguma calma e parecia haver adormecido, algo influenciado pela ação de um sedativo receitado pelo médico.

Para que o enfermo dormisse mais sossegado — coisa que não fazia desde muitas noites —, todos se retiraram do aposento em que ele repousava, e deixaram-no envolto em sombras de tranquilo sono, talvez o último.

Vítor não era estranho a nada do que se passava, porque havia descoberto uma pequena porta ao fundo do aposento do monarca, espécie de abertura por onde se escapa quem deseja subtrair-se às vistas de pessoas incômodas no seu- quarto de dormir.

Tendo-se familiarizado com um criado, que governava o corredor ao fundo do Castelo, graças a uns tantos francós com que lhe untava as mãos, não lhe foi difícil vigiar todos os movimentos que se faziam em torno a Carlos IX.

Foi assim que ele soube do alvoroço desse dia e à tarde redobrou de vigilância, triplicando-a à noite.

Através da porta escutou o médico aconselhar repouso ao enfermo.

Eram onze horas da noite. O rei moveu-se, dominado pela pirexia abrasadora, que o deixava em suores inundantes. A sede devorava-o então. Pediu água, gemendo. As sombras das lâmpadas, veladas para amortecer a luz sobre o aposento, escondiam o vulto de Vítor, que se aproximara cauto e precavido.

— 'Dêem-me água, implorou o desalentado moço.

Então o intrometido enfermeiro chegou aos lábios do rei, sem que ele o distinguisse, um copo com um líquido de que o moribundo sorveu metade do conteúdo.

Eram três grãos de rosalgar diluídos em água e mel de abelhas, que o infame sujeito havia dado a beber ao sequioso agonizante.

E, havendo terminado a sua obra execranda, o assassino fugiu pela mesma porta, e veio ocultar-se em seu aposento aos fundos do Castelo para escapar às vistas de quem quer que fôsse, até à manhã seguinte.

O veneno e a traição, escreveu Shakespeare, são a mão direita e a mão esquerda do crime.

A agonia do desventurado jovem foi lenta mas horrorosa, como nos casos de distanásia. A

peçonha incen- diava-lhe as entranhas e fê-lo gritar com estridor. Am- brósio Paré toscanejava na sala contígua, encostado a um sofá. Despertou com os gritos agudos e correu a acudir. Tentou reanimá-lo, recorrendo a algum calmante anódino, mas era tarde; o moribundo exalava o último suspiro, balbuciando, com os olhos vidrados, o nome de Matilde.

Todos os parentes, alarmados pelo alvoroço, foram despertados para assistir à consumpção da irreparável desgraça — desgraça para os que não compreendem o sentido da vida.

Isabel, a esposa do monarca, caíra sem sentidos. Margarida de Valois soluçava abraçada ao corpo inanimado de seu querido irmão, e Catarina de Médicis con- templava-o de olhos serenos, enxutos, parecendo superior às lágrimas, que, se lhe reçumbrassem, talvez a viessem interpelar, perguntando-lhe:

— Porque choras, mãe cruel, mãe desalmada ? Que fizeste de teu filho?

Por obrigação das leis vigentes, Ambrósio Paré, antes do enterramento, procedeu à necropsia do morto, apurando que ele parecia haver morrido envenenado.

Fôra um mistério esse desfecho.

Os clamores da notícia correram rápidos pela cidade nessa alvorada de uma manhã primaveril.

O Sol saudava radiante a partida de uma alma que se desagregava da carcaça material para os seus remí- gios à imortalidade.

Mas, antes dessa saudação, quem entrava no Castelo numa carreira de louca, com os cabelos revoltos, olhos incendidos, arroxeados, espavorida pelo horror da infausta nova, era Matilde, a pobre moça tão experimentada pelas angústias, que viera ali revolver-se, repastar- -se ainda mais no martírio para deleite do inferno que lhe ia nalma.

Quando entrou a porta do palácio num desvaira- mento de alucinada, esbarrou com Vítor, que lhe deteve brandamente os passos, e a fitou com insolente olhar de fera saciada no sangue da sua presa.

— Enfim! disse ele com um sorriso de escárnio; chegou a minha vez.

— Maldito! ris-te da morte daquele por quem choro ?

— Sim, a morte ele a bebeu mai[^] rápida neste copo.

E mostrou-lhe o vaso, ainda com metade do veneno.

A Condessa teve um lance de desvario, um ímpeto de loucura, uma. escuridão do raciocínio, e, tomando o copo num movimento subitâneo e irreprimível, ingeriu o resto do líquido corrosivo.

E correu, ainda mais alucinada, escada acima, em direção à sala mortuária, atropelando a massa enorme de povo, que ali se aglomerava contrito, até chegar ao esquife do morto, deixando-se resvalar sobre o cadáver de seu querido, ao qual se abraçou freneticamente, beijando-o pela primeira vez e exclamando em brados angustiosos e sibilantes:

— Carlos, Carlos, meu amado Carlos! Tu me disseste um dia, diante da Virgem, na nave da sua igreja, que lá do fundo do bátratro, onde estivesses mergulhado, e se aí fôsse eu jogada, tu me havias de erguer nos teus rígidos braços, como a um tesouro, e gritarias bem alto, desafiando a cólera do mundo: "És minha, neste pélogo infernal". Pois bem, aqui me vou ao teu encontro, meu esposo, para o abismo da morte... para a aliança imortal... para...

E não pôde falar mais.

Rolou ao chão com olhos vítreos, a estertorar em ânsias agoniadas, a vasquejar, em grandes convulsões, com as mãos segurando a gorja, a boca espumante, a expressão do terror, e, soltando um grito estridente, revolveu-se no solo onde ekpirou, com enorme assombro de todos, que não se atreveram a afastar essa criatura mártir a quem Margarida evitava fôsse interrompida em seu desvairamento, e a cuja dor sagrada todos se curvaram, sem poder reprimir a torrente de lágrimas, que *a muitos arrancou, espontânea, sentidas na sinceridade dos corações magnânimos.

A esforços da Princesa, sempre leal amiga, o cadáver de Matilde seguiu o do rei de França, aureolado este pela imponência do fulgor mundano, que se restringe a glorificar os mortos depois de

havê-los apedrejado em vida.

Ao enterro da filha compareceu o Conde de Leicester, de olhos obnubilados pelo vexame, e de cabeça curvadà pela mágoa. Vexame e mágoa eram os aríetes com que a natureza e as lições do mundo, como bombardas sulcadoras, precisavam abrir em seu coração, baldo de sentimentos nobres, alguma fresta por onde entrassem gotas de sangue inovador de virtudes dignificadoras, nunca por ele sentidas.

O Duque de Parma teve ciência pormenorizada dos sucessos dessa triste e lutuenta noite, descrita pelo seu criado.

Nunca contara com o inesperado desfecho, e caiu em grande torpor de ânimo e de humilhação pela atitude de Matilde.

Não se dispôs a seguir o cortejo fúnebre. Recolheu-se ao seu palácio e deixou tombar a cabeça sobre as mãos, meditativo e sucumbido, assim permanecendo por longas horas, sem dormir nem alimentar-se.

No dia imediato seguia viagem sem destino pelo mundo afora, onde não existissem vestígios dessas recordações funestas, nem pudesse haver quem lhas rememorasse .

Nem mesmo se lembrou do criado vilanaz para resgate do preço da sua infâmia, pois não o embolsou da miserável empreitada, visto haver-lhe saído o trunfo às avessas.

O verdugo ficou fulo de indignação e exclamou, furibundo: *

— Grande ladrão! Bandido! Oxalá que um raio te fulmine!

Com o calote, findara a sua amizade ao Duque.

Houve um coração, palpitante de bondade, que muitas lágrimas verteu pela desditosa Matilde; foi o da piedosa Lúcia.

Depois de muito pranteá-la, exclamou conformada com a vontade divina:

— Enfim! a Condessinha foi para os anjos.

CONCLUSÃO

Leitora, se crê em Deus, não chore.

Não julgue nunca jamais que a felicidade exista na Terra. -

Já Voltaire dizia: Deixaremos este mundo tão estólido e tão mau qual o achamos quando aqui chegámos.¹³

Quando foi que já se ouviu alguém dizer: Sou feliz? e, se o disse, mentiu.

Ah, todos seríamos felizes, sim, se o quiséssemos. O ponto era seguir as pegadas do Instrutor Divino, que andou a sangrar os seus humildes pés nas sarças e pederneiras desta *via-crucis* terrena, e poucos são os que o tomaram a sério.

Por isso mesmo é que vivemos a cometer desatinos, que é incidir em desvario lançar fogo ao Código chamado Evangelho, tão divulgado e, no entanto, não sabido.

Daí esse desmoronar de quimeras, o desfazer-se da esperança, o destilar do fel no coração, o escaldar, do fogo nos refolhos dalma.

Para que e porque nos lamentarmos do destino, quando o destino é quem nos devera lastimar?

Sejamos equitativos. Deus apontou-nos a picada, por onde deveríamos alcançar a estrada larga ao fim da jornada. Nós, porém, vimos uns frutos tentadores pendurados de um arvoredó no oposto da diretriz palmilhada, semelhando os pãmpanos de uma videira, e desviamos-nos cobiçosos para furtá-los.

Ora, o fruto não era a uva da Vinha do Senhor, era o pomo letal — a mancenilha, e a árvore a entorpecente mancenilheira.

¹³ (1) Nous laisserons ce monde-ci aussi sot et aussi méchant que nous l'avons trouvé en y arrivant.

Fôra tarde para retroceder. Estávamos sob a morbidez do sono, envolvidos em cipoais bravios, que nos tolhiam os movimentos. Dentro em pouco vieram serpentes ameaçadoras morder-nos a carne e sugar-nos o sangue, deixando o vírus do seu veneno letífero infiltrado em nossas veias.

Foi para a cura desse malefício que aqui retornámos. Foi pela salvação do Espírito, alucinado pelo desespero, atormentado pela dúvida, angustiado pela Dor, baldo de Fé, vazio de crença em um Ser Criador, que regressámos ao abismo, onde nos havíamos afundado, durante o tresvario, da razão.

E* de mister a salvação. Deus no-la impõe como preceito do progresso. Cabe-nos obedecer-lhe às intenções benéficas, paternais, santíssimas com que pretende retirar-nos do tremedal a tempo de não nos aviltarmos até ao extremo de nos rebolcarmos na lama de maior degradamento.

Desse paternal cuidado é que vem o acúleo acerado do Sofrimento.

Ele é a providencial divindade, na figura de um querubim, batendo-nos à porta para tirar-nos dos olhos a venda, que nos tolhe a vista, e do coração o espinho, que nos fere a alma.

Ah, sem a Dor, que seria da criatura irrefletida e insensata?

Bendita seja a Dor, que vem, como carinhosa enfermeira, curar as cicatrizes das quedas. Ela é efeito, e não causa. Ela é benefício, e não tormento. E' o estrabismo dos nossos olhos que erradamente a distingue na sua intervenção beneficente, julgando-a perversa.

Em seus braços de ferro, em seus olhos de fogo, em seu peito de brasa é que ela nos detém, nos fita, nos enlaça. Mas essa detenção é para que nos desviemos do malefício; esse fitar admoestador é para que fiquemos vigilantes contra as investidas da ambição; esse cingir 'ao seio é para que nos identifiquemos com as palpitações do Amor.

Ora, a Lei é Amor, somente Amor, mais nada. Amor a Deus e ao próximo.

Quem já pensou nisso, quem o entendeu, quem o exercitou ?

Poucos tem sido os continuadores de Jesus-Cristo, raros os que se sacrificam pelas riquezas do céu, nenhum o que o imitou.

Aproxima-se, porém, a hora em que *vai descer do céu sobre a terra a cidade santa, a Jerusalém nova, vinda da parte de Deus, adornada como uma esposa ataviada para o esposo, conforme a visão do iluminado profeta de Patmos no Apocalipse.*

E' a reabilitação moral da criatura com o seu Criador. E o seu consórcio com a Sua vontade. E' o extravasar do oceano da Fé. E* o incendiar-se o coração nas chamas purificadoras da Caridade. E' o deslumbrar dos olhos nas fulgurações redentoras do sol do Amor.

*

As personagens desta história foram envenenadas pela cobiça, pelo orgulho, pelo egoísmo, e nós que fizemos noutras eras senão o mesmo, se é que não continuamos a fazê-lo hoje?

Disse o Cristo: "Aquele que matar pela espada, morrerá pela espada".

Vamos reconhecer na segunda parte desta obra as mesmas figuras, renascidas com outras roupagens, no mesmo meio onde viveram, sofrendo as consequências exatas de suas infrações à lei de Justiça e de Fraternidade .

Veremos então reencarnados: Jaques casado com Lúcia, dos quais nascerá Carlos. O soberano será filho dos antigos criados. E' a lei das compensações e da permuta de afetos. O Conde e a Condessa de Essex novamente reunidos para completarem q tempo interrompido com o assassinio de Gualtério por Roberto Dudley, que virá a ser filho deles, como expiação e para sanar ódios latentes. Desse consórcio também nascerá Cario ta (Duquesa de Nemours) O Almirante Coligny, casado com Catarina de Médicis para a sua reconciliação no mesmo lar, tendo como filhos Alexandre e João (Duque de Guise) seu assassino. Margarida e Henrique de Navarra, novamente reunidos, porque este a repudiara, sendo Matilde filha deles, atraída pela simpatia que votava à Princesa. Vítor também aparecerá inesperadamente, e pagará a dívida dos seus crimes.

Da trama urdida por um desencadeamento de paixões e amores complicados, resultarão surpresas emocionantes, reafimando-se de maneira frisante a perfeição da JUSTIÇA DE DEUS.

FIM DA PRIMEIRA ÉPOCA

A continuação dessa história é vendida separadamente, sob novo título:

SENDA DE ESPINHOS